ALMANACH DO
O TICO-TICO
1923
Preços
4$000
Pelo Correio
4$500

O

ALMANACH

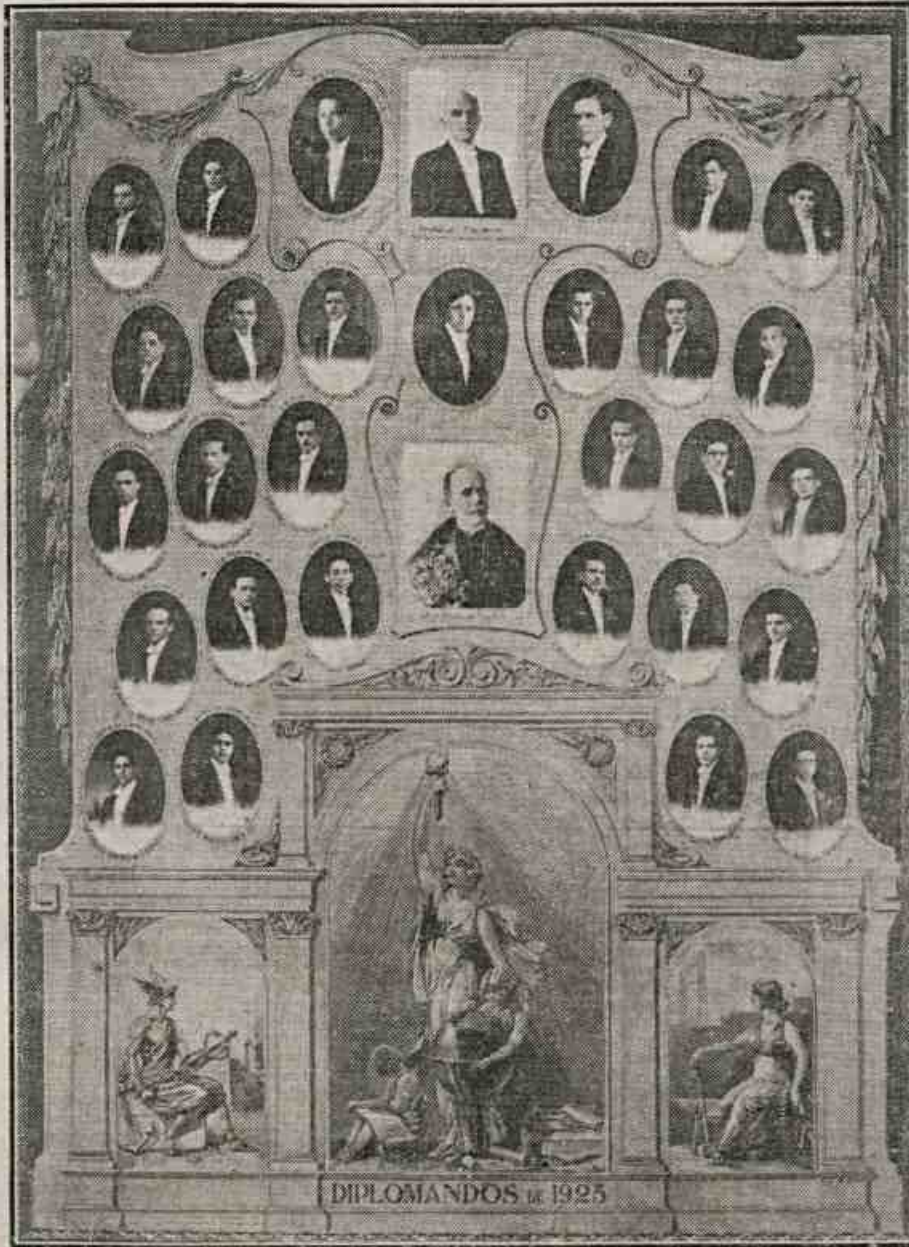
D'O TICO-TICO

*Saúda os seus leitores queridos, almejando-lhes as melhores venturas no decorrer do anno de 1925.*

# Escola Pratica de Commercio AVALFRED

## Rua S. José, 106, Rio de Janeiro — Rua Dr. Muricy, 103, Curityba

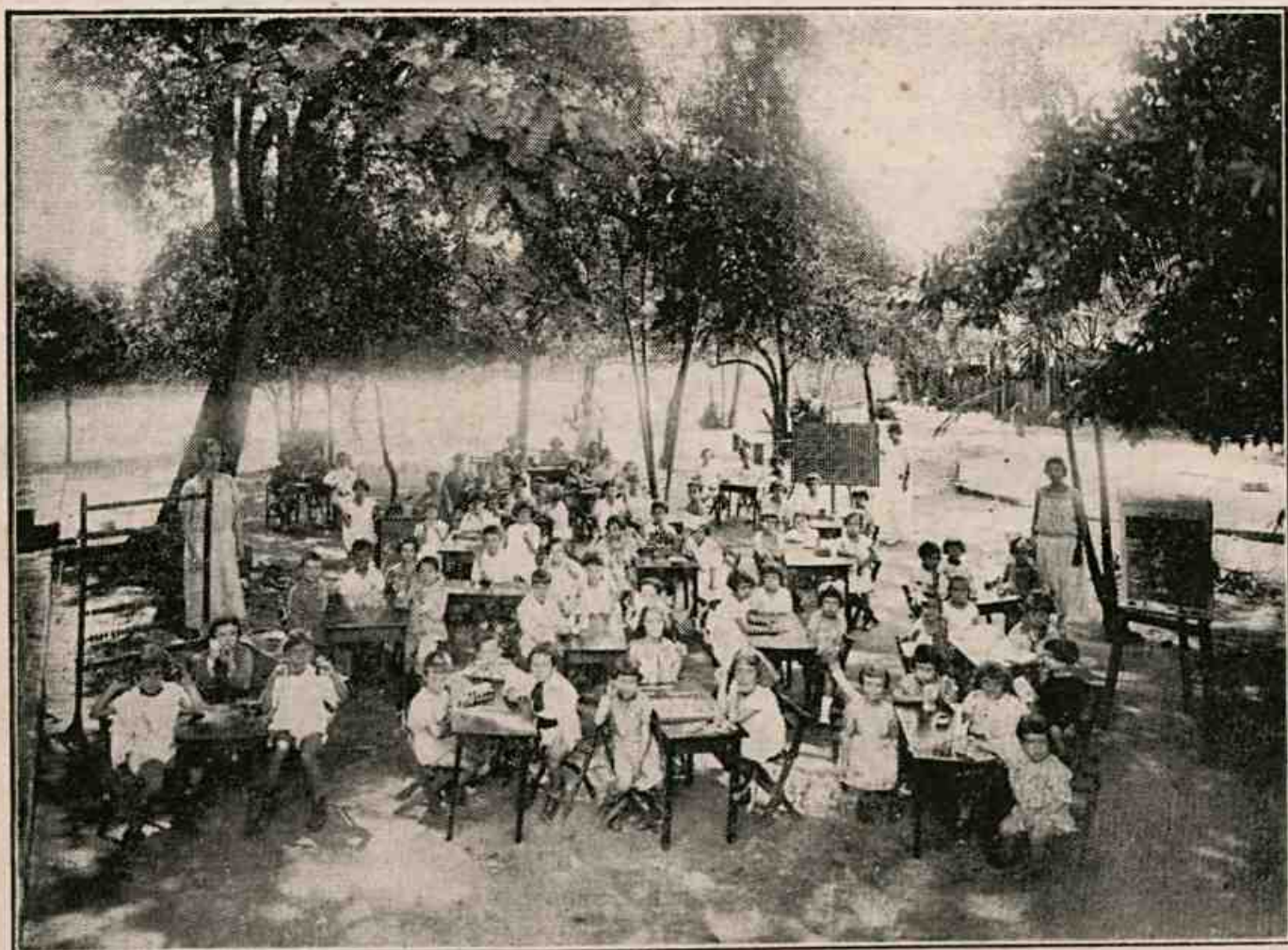
UNICA ESCOLA DO BRASIL QUE SUBMETTE SEUS DIPLOMANDOS A PROVAS PUBLICAS DE IDONEIDADE PROFISSIONAL

Fundada em Janeiro de 1921, na futurosa capital do Estado do Paraná, a primeira escola "Avalfred", sob a idonea direcção dos Srs. Dr. Avelino Lopes e João Alfredo Silva, grangeou a mesma, já pelo programma original para o Brasil, já pelo methodo e processos nunca anteriormente empregados no ensino nacional, o mais relevante conceito no sul do paiz. Tendo razões, por conseguinte, de implantar-se sem demora na Capital do Brasil, a succursal fundada no Rio de Janeiro no inicio de 1923, conseguiu desde logo a mais invejavel acceitação affirmada pelo augmento successivo de suas matriculas. As installações didacticas, quer na matriz, quer na filial, são de montagem caprichosa e impressionam optimamente: reaes secretarias de commercio substituem as carteiras escolares communs; os quadros negros são traçados como se fossem livros de contabilidade; escriptorios technicos — commercial, industrial e bancario — obedecem as exigencias modernas; archivos, machinas de escrever, machinas de calcular, mimeographos, prensas, grampeadores, carimbos, bem como livros apropriados de escripturação e os mais variados impressos, permittem aos alumnos, após tempo relativamente curto, ficarem aptos ao exercicio consciente e pratico da profissão de guarda-livros e correspondente.

"Esta Escola, affirma a incontestavel autoridade didactica que é o Dr. A. Pinto da Rocha, *é uma fonte de energia a desdobrar-se em movimento de actividade moça para a expansão das iniciativas individuaes.*"

"No percurso de um anno de estudos, assevera a inconfundivel competencia contabilistica do acatado mestre A. Tavares da Costa, *d'ali sae um moço habilitado na sciencia mercantil para trabalhar em qualquer casa de commercio, dispondo dos conhecimentos praticos inherentes ás suas minucias internas.*"

"*O futuro do commercio*, proclama o "Monitor Mercantil", *não é mais questão de sorte, como outr'ora, mas está na conquista dos mais preparados. Para isso a "Escola Avalfred" é um elemento modelar.*"

"*Póde-se affirmar*, assegura a "Gazeta da Bolsa", *que a "Escola Avalfred" veiu, em referencia ao ensino pratico commercial, dirimir sensivel falta de que se resentia a nossa Capital.*"

# INSTITUTO LA-FAYETTE

A photographia acima é de uma aula do Jardim da Infancia, que funcciona no Departamento Feminino do Instituto La-Fayette.

A' sombra das arvores, divertem-se as creanças aprendendo sem esforço, que é como convém.

Na séde do Instituto La-Fayette, á rua Haddock Lobo, 253, tambem é assim arborisado e agradavel o local onde funcciona o Jardim da Infancia. Perto desses logares ha canteiros de flores e pequenos arbustos tratados e conservados pelas creanças, que assim tambem aprendem a ter amor ás arvores e ás flores.

A Directoria do Instituto La-Fayette acaba de construir um bello pavilhão para aulas do Jardim da Infancia, em terrenos do Departamento Feminino, á rua Conde de Bomfim, 183.

Ahi, dentro de dois tanques de 1m,5 cada um, resalta o relevo das cinco partes do mundo, em cimento, coloridas as terras para dar noção perfeita das alturas.

Os rios principaes do mundo correm em filetes d'agua sahida das nascentes habilmente preparadas.

E' um verdadeiro encanto, sobretudo quando, cheios os dois circulos com as aguas dos rios, se formam mares e oceanos, por onde sulcam caravelas brancas de madeira.

Podem assim as creanças viajar por todo o mundo, conhecer muitas terras e mares, sem esforço, divertindo-se ante o *mappa mundi* de cimento, collocado ao centro do pavilhão destinado ao Jardim da Infancia.

Despertar a imaginação das creanças, preparal-as para o grande estudo posterior, é trabalho difficil, porque são hoje condemnados os processos antigos da decoração e do castigo embrutecedor.

Nos Jardins da Infancia do Instituto La-Fayette consegue-se muito, collocando-se as creanças entre as arvores e as flores e inventando o mundo reduzido nos dois tanques, em fórma de circulos tangentes, cheios d'agua, imitando mares e oceanos, por onde se cruzam caravelas brancas de madeira...

BRINQUEDOS DE SALÃO

# OS JOGOS DO CARTUCHO E DAS TESOURAS

Dois bellos jogos, muito simples mas interessantes, os que vamos ensinar a vocês. Um delles é o chamado do *cartucho*; é muito proprio para se jogar em casa, nas tardes de chuva ou de reclusão forçada; o outro, a que póde chamar-se das *tesouras*, parece que convida a ser jogado ao ar livre. Ver-se-á, porém, que tanto um como o outro se pódem jogar quer em casa, quer no campo. Tambem é conveniente advertir que embora esses jogos sejam proprios para meninas, pódem egualmente jogal-os meninas e rapazes juntos ou só rapazes.

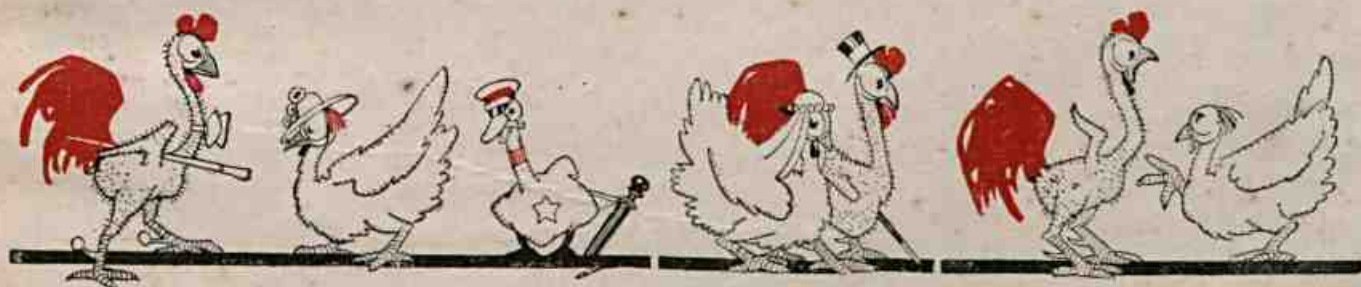
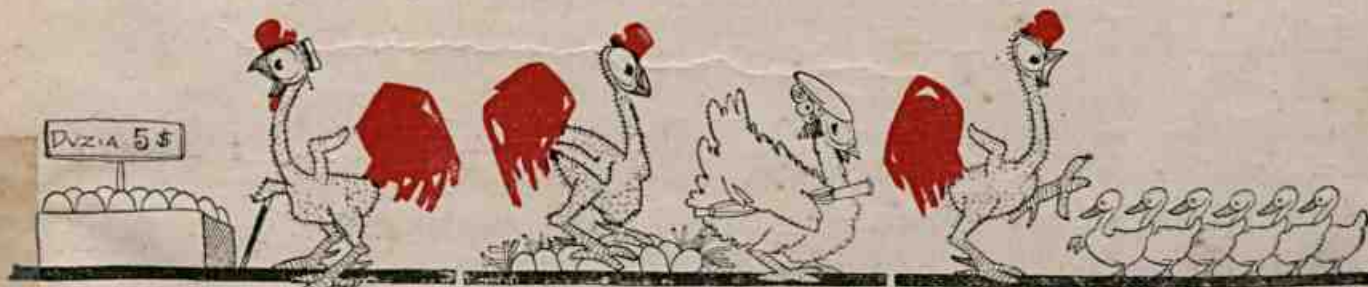
Para jogar o primeiro, enche-se de balas um cartucho de papel e ata-se pela sua parte superior, pendurando-o em seguida no centro de um cordel forte que se atravessa numa porta, aberta de par em par. As meninas que jogam vão, cada uma por sua vez, com os olhos tapados e um páo na mão, ver se acertam em bater no cartucho. Para esse effeito, a menina de olhos tapados ha de collocar-se a certa distancia e começar depois a andar, para dar a pancada quando lhe pareça.

As pancadas que dá no ar provocam o riso das outras companheiras e nisto consiste o divertimento.

Se á terceira vez não acertar, tira o lenço dos olhos e cede o logar a outra menina, terminando o jogo quando, á força de pancadas, se rompe o cartucho e cáem no chão as balas, que se repartem entre as jogadoras. (Para o que será conveniente ter estendido no chão um papel grande ou uma toalha limpa).

O jogo das *tesouras* é muito parecido e tambem diverte bastante. Pendura-se uma medalha, uma argola ou qualquer outra cousa que tenha algum peso, na ponta de um fio muito comprido, segurando este no ramo de uma arvore, por exemplo.

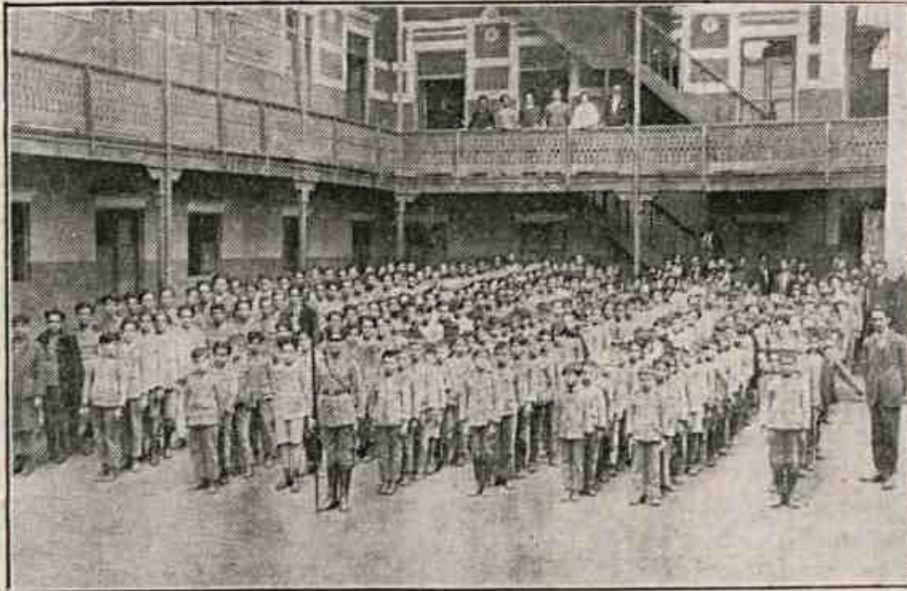
Em seguida, tem de se ir com os olhos tapados, experimentar cortar o fio com uma tesourada. Convém que as tesouras sejam grandes e de bico rombo sobretudo, para evitar algum accidente, por descuido.

# A DECEPÇÃO DO GALLO

*Um gallo elegante, almofadinha, ancioso por uma prole garrida, casou-se. A gallinha, porém, não queria ter prole e recusou-se a ser chocadeira. Fez a greve do ovo.*

*O pobre gallo nem por isso desanimou. Comprou na venda da esquina uns ovos muito caros. Os pintainhos que delles nascessem seriam seus filhos adoptivos. E emquanto a gallinha passeava o gallo chocava os ovos. Mas não teve sorte o gallo, porque dos ovos que comprára nasceram patos.*

## INSTITUIÇÕES QUE SE RECOMMENDAM

# GYMNASIO PIO AMERICANO

**Rua Teixeira Junior, 48 — T. V. 1041**

**O QUE FOI SEMPRE PREFERIDO PELA MOCIDADE ESTUDIOSA DO BRASIL**

*Alvaro Silva, o heróe escoteiro, ao ser recebido como alumno*

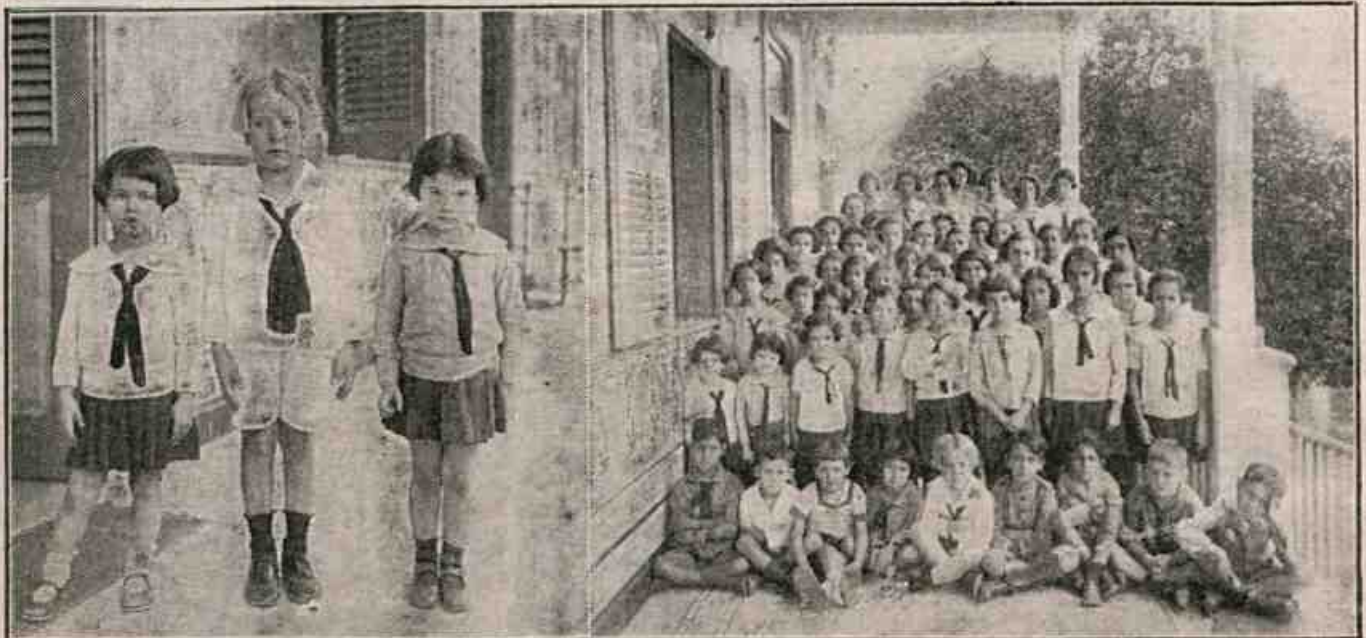
## ESCOLA BRASILEIRA — DE — EDUCAÇÃO E ENSINO

COLLEGIO MODELO
PARA MENINAS

**INTERNATO E EXTERNATO**

**CURSOS: PRIMARIO, SECUNDARIO E PROFISSIONAL**

**T. V. 2536**

Rua Emerenciana, 2

*Interessante grupo destacado do Jardim da Infancia* — *As primeiras alumnas de um grande collegio*

## ESCOLA BRASILEIRA DE ENSINO POR CORRESPONDENCIA

**Até onde vae o correio... vão as sábias lições de Linguas, Sciencias e Artes dos notaveis professores dessa Escola. Pedi prospectos declarando os cursos que preferis.**

AVENIDA RIO BRANCO, 129—RIO

PARA INSTRUIR

# A NOÇÃO DE NUMERO NOS ANIMAES

O conhecimento das mathematicas está, como vocês sabem, restricto ao homem, sêr racional. Os seres irracionaes não assimilam a arithmetica. Ha, porém, factos, que nos provam possuirem certos animaes a noção de numero, principalmente quando este é limitado. Assim, um cão habitua-se facilmente a receber tres biscoutos, e não pede mais depois de os ter recebido. Lichtemberg cita o exemplo de um rouxinol, que estava acostumado a pedir tres insectos, um atraz do outro, e que em seguida se ia embora, sabendo que a distribuição terminava com o terceiro. Certos animaes empregados em trabalhos periodicos, em minas ou transportes, por exemplo, parecem ser capazes de avaliar numeros bastante grandes. Toda a gente sabe que os cavallos dos antigos omnibus de Paris e de Londres trotavam mais alegremente durante a ultima viagem do dia, pois sabiam que iam regressar á cavallariça. Em certas minas de carvão de Hainaut, os cavallos que faziam 30 viagens diarias não iam encostar-se aos vagonetes, depois da ultima viagem, mas tomavam por si mesmos, tranquillamente, o caminho da cavallariça.

Os elephantes, que na India transportam madeiras, fazem outro tanto, e nenhuma força do mundo seria sufficiente para os fazer trabalhar depois de terem cumprido a sua tarefa habitual. Isto é tanto mais extraordinario quanto que, como todos sabemos, necessitamos ás vezes de objectos especiaes para contar uma longa série de operações.

Montaigne diz em sua obra que os bois empregados nos jardins reaes de Susa para tirar agua das noras destinadas á réga, se recusavam em absoluto a dar mais de cem voltas, que era a conta do costume.

M. Timofieffi, num livro seu, narra o caso singular de um cão que chegou a contar até 26. Este animal tinha o costume de esconder em differentes sitios os ossos que lhe davam, e ia depois buscal-os para os comer tranquillamente. Um dia que não lhe deram de comer, o cão, que na vespera recebera 26 ossos e os guardára, segundo o seu costume, começou a visitar os seus esconderijos e depois de verificar todos e comer os ossos que encontrára, deitou-se a dormir. Acordando, porém, sobresaltado, como se lhe tivesse vindo, de repente, uma idéa á imaginação, correu como uma setta direito ao ultimo esconderijo e apanhou o ultimo osso, de que se tinha esquecido. Este mesmo escriptor. Timofieff, acostumou um gato a estar immovel, quando se lhe offerecia uma guloseima até á sexta vez. Só então o gato agarrava a guloseima, mas nunca fóra desse numero; passando delle, não entendia nada. Reconheceu-se, fazendo a experiencia seguinte, que as pêgas e as gralhas não sabem contar mais do que até quatro. Como se tratava de um animal muito desconfiado, a gralha, que só entra no ninho quando está tudo socegado em volta, os caçadores tinham-se collocado de fórma tal, que ella os via perfeitamente, por traz de uma cabana, proxima da arvore sobre a qual pousára; iam depois sahindo a um e um. Quando eram quatro ou menos, a gralha sabia muito bem se ainda ficára algum caçador na choça, e prudentemente não deixava a arvore; mas se elles eram mais de quatro, enganava-se e voltava para o ninho, posto que os caçadores não tivessem sahido todos. E' o mesmo caso que se dá com os macacos, os quaes, vivendo perto de fabricas e sendo perseguidos frequentemente, commettiam imprudencias, arrastados pela gulodice. Para capturar estes animaes, que são muito desconfiados, é necessario que se reunam mais de quatro rapazes; escondem-se todos, e depois sahem quatro deixando-se vêr pelos macacos e como estes não sabem contar senão até quatro, julgam que se foram todos embora e são facilmente victimas dos caçadores que ficam escondidos.

Em certos insectos, cujos costumes sociaes fazem crêr que devem possuir uma especie de linguagem ideographica, a faculdade arithmetica deve ser, na verdade, notavel; as abelhas e as formigas conhecem, seguramente, o numero das suas larvas e o das suas companheiras; segundo as observações de alguns estudiosos, as formigas brancas, na preparação dos individuos reaes que hão de substituir o rei ou a rainha, sabem adaptar-se ao numero de individuos que formam o ninho; constatemos, tambem, que entre o numero de soldados e de operarios ha uma certa relação.

Na Nova Caledonia, observou-se um pequeno insecto, um dia sobre uma folha de plátano, descrever

circumferencias, tomando a sua propria cabeça como centro, e detendo-se com regularidade, a determinados intervallos. Esperou com paciencia que o insecto tornasse a começar as as suas evoluções, e viu-o, primeiro, dar seis voltas no sentido dos ponteiros de um relogio, depois parar, e em seguida executar outras seis em sentido opposto.

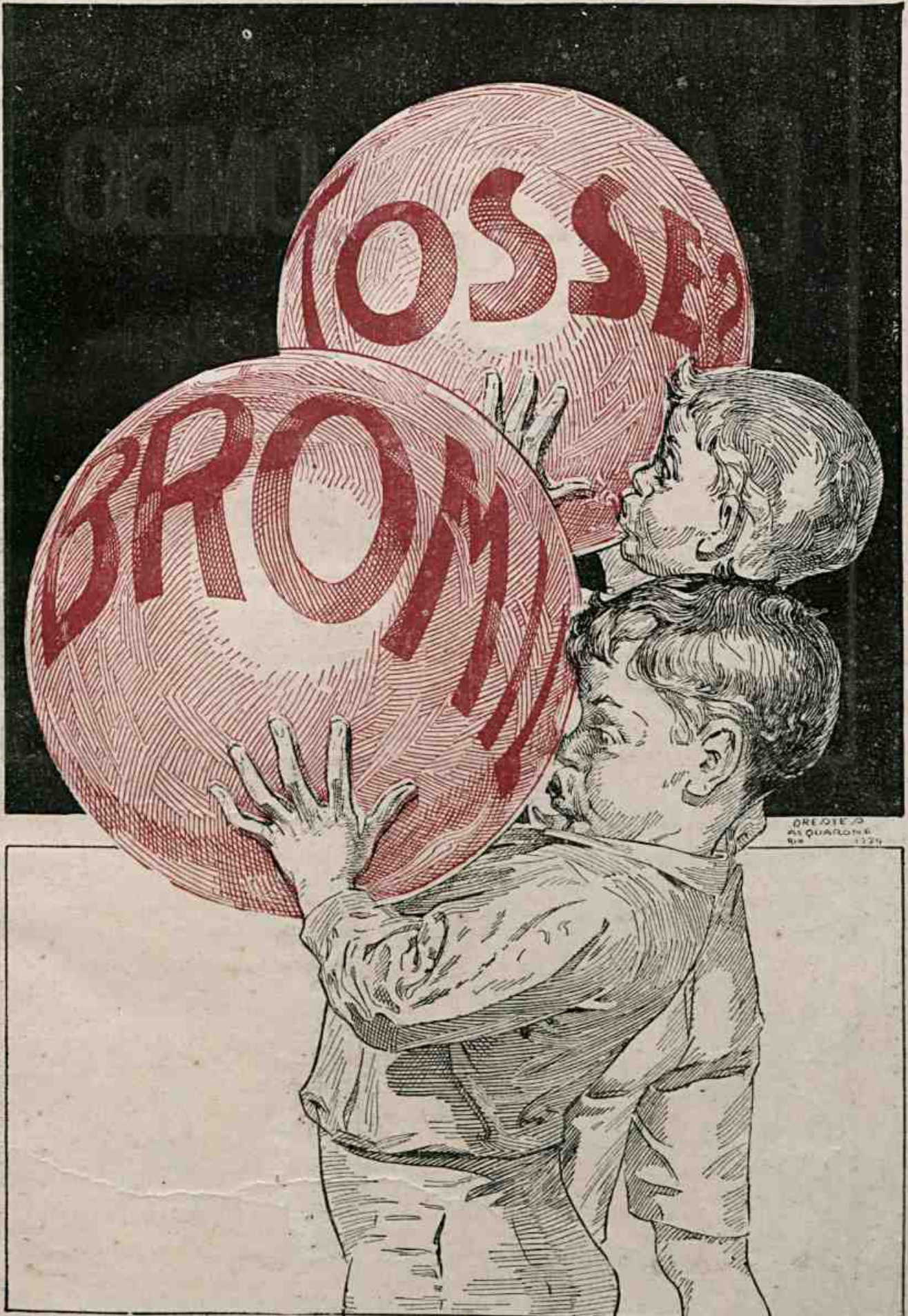
A seguir a uma paragem, o insecto deu cinco voltas do mesmo modo, depois quatro, tres, duas e por ultimo uma só. Fazia movimentos semelhantes aos dos pequenos insectos chamados gyrinos sobre a agua, mas era mais achatado que estes.

Nos insectos acha-se muito desenvolvida a memoria, como prova a facilidade com que as abelhas e as formigas encontram os seus ninhos, e os sitios onde, mezes antes, encontraram substancias assucaradas. Os batrachios e os reptis recordam-se dos logares e das pessoas. Nos passaros, a faculdade mneumonica acha-se mais desenvolvida, como prova o regresso annual das andorinhas aos seus ninhos.

Emfim, provas da memoria dos irracionaes temol-as sempre dadas pelos animaes domesticos.

Os cães, por exemplo, não deixam de reconhecer as pessoas a quem estimam, por maior que seja o tempo que as tenham deixado de ver, assim como tambem não esquecem da desestima que lhes merecem as pessoas que algum dia lhes fizeram mal.

PARA TINGIR
EM CASA
TINTOL
O UNICO EM SABONETE 2$500
TINGEOL
O MELHOR EM PÓ 1$500
M. Gonçalves & Cia
RUA MUNICIPAL, 13
RIO

TOSSE
BROM

## Um pharmaceutico atarefado

Tiiirrilin!

— Numero, faz favor.

— Central 7777.

— Está occupado.

— Mas, senhorita, é a quarta vez que peço ligação!...

— Está occupado...

— Não é possivel que um pharmaceutico leve o santo dia preso ao telephone...

— Entretanto, só a senhora já quiz falar com elle 4 vezes...

— E que lhe importa isso?!...

— A mim, nada...

— ALLÔ! Olhe!... Não corte...

— Que deseja?

— Não poderia encarregar-se de um recado para esse pharmaceutico, assim que o deixarem livre essas sanguesugas que o prendem no apparelho?

— Talvez... embora já imagine...

— E que é que Você pensa?

— Que será a senhora uma dessas... sanguesugas...

— O que é que diz?!...

— ...como as outras que têm deixado recado para esse requestado pharmaceutico...

— Ouça. Aqui não ha maldade, ouviu?

— Perfeitamente... Mas não posso continuar falando que é prohibido...

— Não com o seu... reserva naval?

— Senhorita... Senhora... eu não tenho.

— Bom. Foi para rir. Ouça. Parece que é impossivel falar-se com o pharmaceutico...

— Com os quatro sete, central...

— Isso mesmo.

— Ora, desde que elle encheu a vitrine com os vidrinhos das Pilulas de Reuter, foi como se expuzesse mel ás moscas... O telephone não dá vasão aos pedidos...

— Realmente?

— Certamente, porque essas Pilulas de Reuter são as mais efficazes que se podem tomar para conservar a saude e, segundo as moças formosas, as melhores para conservar a pelle fresca e sem espinhas.

— Isso mesmo já me disseram e era por isso...

— Sim.

— ...que eu queria telephonar... Mas faça-me o favor de pedir a esse pharmaceutico que me mande, hoje sem falta, meia duzia de vidrinhos, á rua...

— Pois não. Não é preciso dizer, que eu conheço o endereço.

— Então, muito agradecida. Não vá esquecer, hein?!...

— Sim, senhora.

— Obrigada.

— Tiiirrriiiin!...

## O camponio astronomo

Contam as chronicas, do tempo de Luiz XI, que, naquella época, o rei de França, tendo organisado uma grande caçada nas suas terras, interrogou os mais famosos astrologos, que lhe diagnosticaram um excellente tempo. Mas, a meio do caminho, um camponio preveniu-lhe que fazia bem de voltar para atraz porque estava para se desencadear uma tempestade horrivel. O rei, de facto, acceitou o convite e refugiou-se no seu castello.

Apenas lá chegou, as nuvens fenderam-se e cahiu agua ás catadupas.

Os astrologos, tão pouco perspicazes, tiveram que passar um máo quarto de hora, ao passo que o pobre homem, chamado á presença do rei e por este interrogado, informou a todos, com grande espanto, que devia a sua sciencia meteorologica ao seu burro!

De facto, é sabido nos campos que, quando os burros zurram tristemente, é signal de chuva; o mesmo acontece quando elles caminham lentamente com as orelhas e a cabeça baixas.

Mas não é só o burro que manifesta a sua sensibilidade e inquietação antes dos temporaes. O cavallo tambem. Bate com os pés, escarvando o chão, e açoita o ar com a cauda, logo que presente a approximação do temporal.

Demonstrações permanentes e gratuitas na RUA RODRIGO SILVA, 36 — RIO DE JANEIRO. *Em S. Paulo,* nas principaes casas de photographias e brinquedos. *No Interior,* nas principaes cidades. *Em Clubs e a prestações,* na Casa Barbosa e Mello — Assembléa, 27 — Rio de Janeiro

*— Faz força, Carrapicho! Com um pouco mais teremos chegado ao "Parc", e lá é que ha bons presentes para crianças!*

*— Grande novidade, seu Jujuba! Eu não era nascido, já era freguez de lá!...*

Mas no dia de Natal
Bem sei eu, bem sabes tú,
Quem paga o pato afinal
E' sempre o pobre perú!...

(*Nota do autor*).

# A FILHINHA DO CEGO

NAQUELLA manhã de sol que incendiava as vidraças das janellas, parecia que a passarada cantava muito mais alegre.

Dentro do quartinho pequenino da rosada Juannita havia um cheiro de doce e quasi um sussurro de caixas de musica.

Juannita tinha acordado e, encolhidinha sobre a almofada macia contemplava estupefacta a avalanche de brinquedos que lhe invadira o quarto. Havia em tudo aquillo um mysterio. Fôra, com certeza, Papá Noel, aquelle velhinho tão bom, que trouxera, em pessoa, todo aquelle batalhão de brinquedos.

Era dia de Natal. Nas igrejas soavam os sinos e os fiéis em massa adoravam o Menino Jesus.

Juannita continuava quasi aterrada, sem tocar siquer na boneca mais pequenina e arregalando os olhinhos perguntava ao silencio do seu **quartinho**:

— São para **mim? Por** que tanta coisa?

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Sim, Juannita. São para você — respondeu-lhe **uma** voz mysteriosa, talvez do seu bom Anjo da Guarda.

São todos para você. Eu sei que teu pae é pobre **e que** perdeu os olhos na **explosão** da pedreira e que é você **quem** lhe accende o cigarro e quem o conduz pela mão.

Sei ainda que você beija todas as noites o retrato da mamãe, que Deus levou, no dia em que você nasceu.

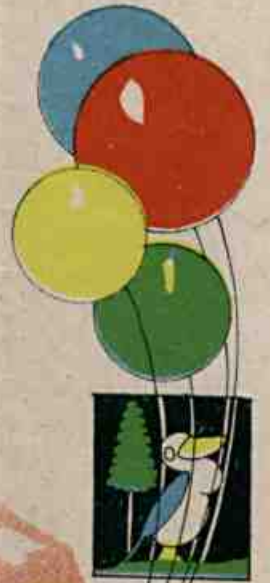
São todos para você.

Juannita apertou, então, as duas mãozinhas, levou-as ao rosto, inclinou docemente a cabecinha e murmurou:

— Tanto brinquedo!

Tanta boneca!

Coitadinha da filhinha do sapateiro que não tem nada...

S O L D A D I N H O
D E C H U M B O

# UMA·HISTORIA·BEM·BONITA

No quarto pobre da casa de commodos, a costureira costurava. Queria apromptar depressa aquelle vestido. O dia que ia nascer era o dia de Natal. Manhã cedo, levaria a tarefa terminada á loja de modas e, com o dinheiro que recebesse, havia de trazer uma boneca para a filha. Ouvia-a docemente resonando. A luz do lampeão não chegava á cama. Entretanto, na sombra, os olhos da costureira, de instante a instante, acariciavam o tenro corpo adormecido. Do seu amor, era tudo que lhe restava: a filha do seu amor...

Acabou o trabalho, quasi na volta do sol. Foi descansar um pouco, muito pouco. Logo despertou com o despertar da menina. Bateram oito horas. Fez café.

— Agora, vou sahir. Fica quietinha. Vou encontrar o Menino Jesus, que tem um presente para ti.

Sahiu. Na escada, o dono da casa, sem lhe responder o cumprimento, avisou que precisava do aluguel atrazado, até á noite. Do contrario...

Trouxe o aluguel. Não trouxe a boneca. Quando entrou no quarto, sumiu as lagrimas num sorriso e, pondo ao collo a pequenina, foi dizendo, a embalal-a:

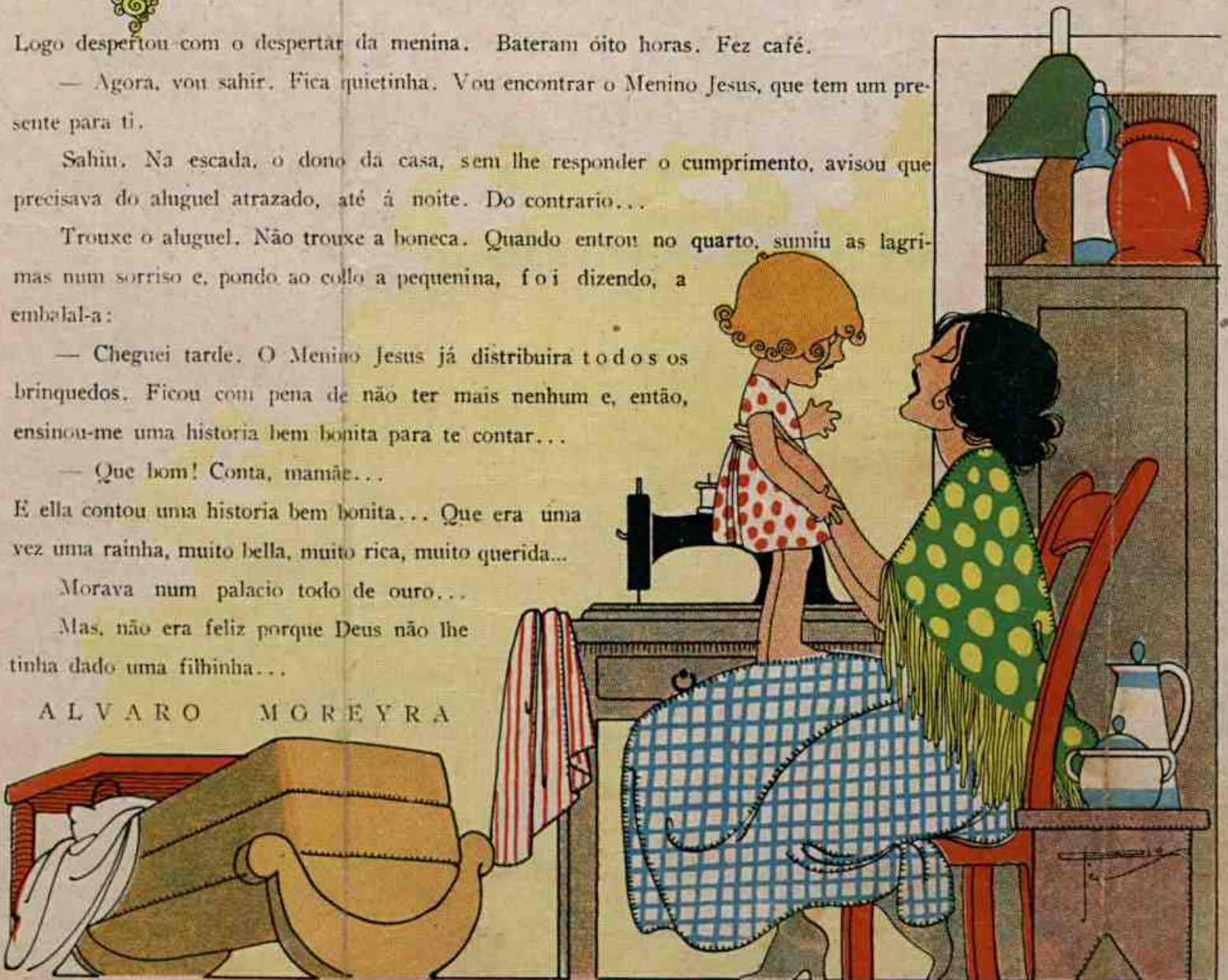
— Cheguei tarde. O Menino Jesus já distribuira todos os brinquedos. Ficou com pena de não ter mais nenhum e, então, ensinou-me uma historia bem bonita para te contar...

— Que bom! Conta, mamãe...

E ella contou uma historia bem bonita... Que era uma vez uma rainha, muito bella, muito rica, muito querida...

Morava num palacio todo de ouro...

Mas, não era feliz porque Deus não lhe tinha dado uma filhinha...

ALVARO MOREYRA

# MACACO NÃO É BICHO TOLO

UM SONHO DE JUJUBA
1924

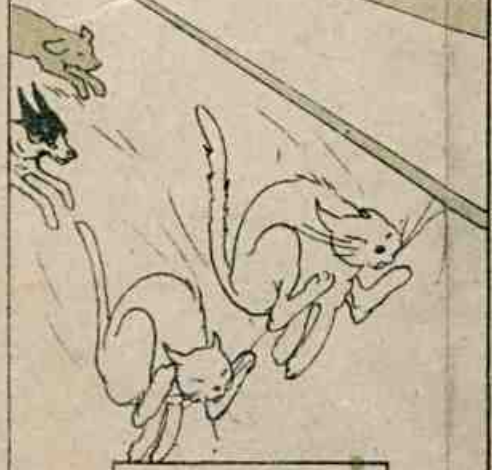
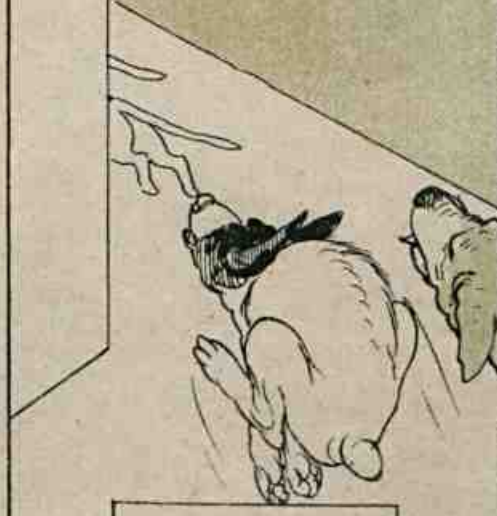
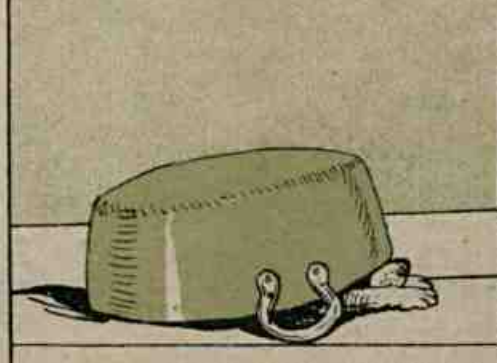
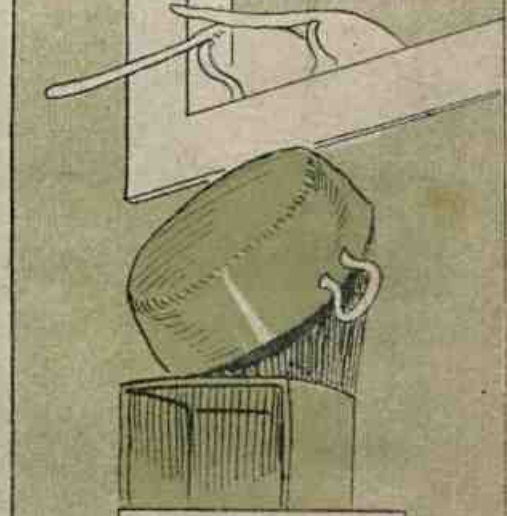
Andava um beijo perdido,
Buscando a porta do céo,
Vendo-o já tão fatigado,
O Amor se compadeceu
E dando-lhe as azas disse:
– O' beijo, não sabes nada!
E' porta do céo, aberta,
A bocca da mãe amada.

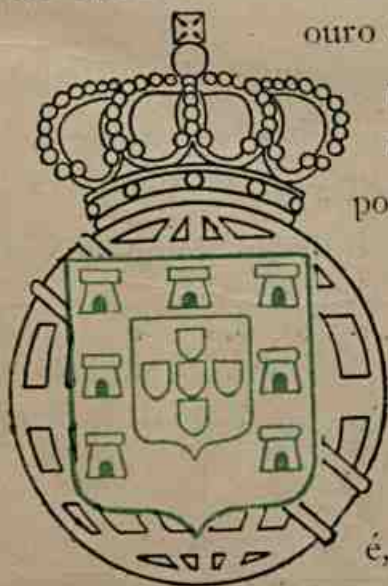
FERNANDES COSTA

O tóque da Ave Maria
é todo feito de seda,
das pennas das cotovias,
das rezas das romarias,
do feno léve da meda...
Quem reza ás Ave-Marias
enche o seu peito de seda...

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

# CÃES E GATOS

"Top" e "Carnaval", dois cãesinhos amigos, não viam com bons olhos...
...o casal de gatos "Wilson" e "Ninah". E mal os bichanos chegavam á janella...
...os cãesinhos atiravam-se a elles. Um dia os gatinhos juraram vingar-se daquelles brutos.
Saltaram á rua a correr, perseguidos pelos cãesinhos. Muitas ruas correram, coitados!
Em dado momento os gatos saltaram ao parapeito de uma janella sob a qual havia um tacho...
...e um caixote por baixo. Era uma armadilha que os gatos encontraram por acaso. Os cães...
...tentaram seguir os gatos saltando o tacho; mas, o fizeram com tão pouca sorte...
...que o tacho cahiu, prendendo o "Top", e o "Carnaval", que já havia alcançado a janella, não teve o tacho...
...para descer. Os gatos gosaram e livres de seus perseguidores foram fazer o "footing" na Avenida.
A. R.

# HISTORIA DA NOSSA TERRA

Foi o almirante portuguez Pedro Alvares Cabral que, desviando-se da rota que seguia em direcção á India, descobriu a nossa querida terra — o Brasil. Aconteceu isso, leitoresinhos, a 22 de Abril do anno de 1500. Cabral tomou posse da terra descoberta, a que denominou Vera Cruz, depois Santa Cruz e finalmente Brasil, para o reino dos seus soberanos, que era Portugal. Terra rica, onde o ouro se via ao fundo dos regatos, cheia de uma vegetação opulenta, de uma fauna rica, habitada por indios de estatura alta, robustos e valentes, o Brasil foi muito tempo a cobiça de varios paizes. Raro era o anno em que expedições maritimas não aportavam ás costas em busca do ouro e das madeiras preciosas. Colonizado pouco a pouco, o nosso grande paiz viu nascer no coração de seus filhos a idéa de liberdade, isto é, de se tornar um reino independente, de deixar a posição de colonia, que era, de Portugal.

PEDRO ALVARES CABRAL

BRASIL COLONIA

Muitas revoluções fizeram então os brasileiros para alcançar a independencia do paiz. Em 1704, no Rio de Janeiro, em 1708 e 1710, em Minas Geraes e Pernambuco, em 1710 outra vez em Minas Geraes, movimentos de insubordinação estalaram visando a separação da terra brasileira do dominio portuguez.

A maior das conspirações, como vocês devem saber, foi a que se verificou em Minas Geraes, no anno de 1789, para proclamar a independencia e a Republica no Brasil. Os principaes chefes dessa conspiração foram Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa, José Alves Maciel, Silva Xavier, o *Tiradentes*, e o poeta Thomaz Antonio Gonzaga. Todos esses sonhadores do ideal de independencia foram condemnados a degredo, com excepção de *Tiradentes*, que teve morte na forca.

BRASIL IMPERIO

Mas a idéa dos brasileiros foi avante no anno de 1922. O principe D. Pedro, aconselhado pelo grande e luminoso espirito que foi José Bonifacio de Andrada e Silva, proclamou a independencia do Brasil a 7 de Setembro, junto ao arroio Ypiranga, perto de São Paulo. O Brasil passava, assim, de colonia a reino. O principe D. Pedro foi o primeiro rei do Brasil e governou até o anno de 1831, quando abdicou a coroa imperial em nome de seu filho, D. Pedro II, então com cinco annos de idade. D. Pedro II reinou sob regencia até 1840, quando foi declarado maior. E desta data em diante, consolidando a nacionalidade brasileira, protegendo as artes e as industrias, as letras e as sciencias, até 1889, reinou o magnanimo soberano, a cuja memoria todos vocês devem prestar um culto de respeito e de amor.

No seu reinado, houve um acontecimento de grande vulto, que foi a libertação dos escravos.

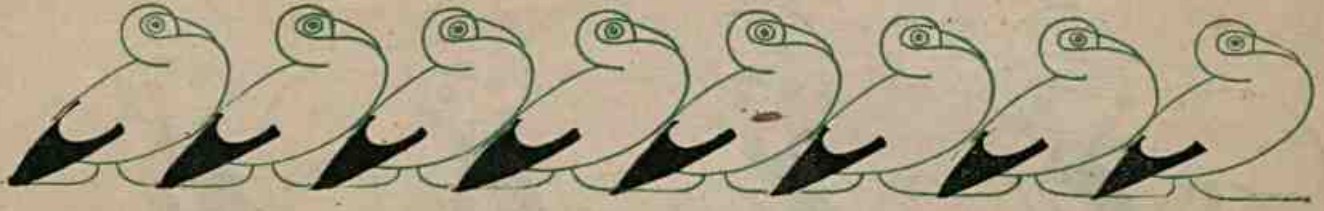
Assignou esta lei, que era ha muito o anceio do povo brasileiro, e mesmo da maioria dos parlamentares, a princeza D. Isabel, que estava regendo o paiz em virtude da ausencia do imperador, então na Europa, em busca de melhoras para o seu estado de saude.

BRASIL REPUBLICA

No dia 15 de Novembro de 1889, um movimento militar, á frente do qual estava o marechal Deodoro da Fonseca, inspirado por Benjamin Constant e coadjuvado pelo povo, depunha o imperador e o Brasil passava de monarchia á Republica Constitucional Federativa. O primeiro presidente da Republica foi o marechal Manoel Deodoro da Fonseca com um governo provisorio.

Foi sob o regimen republicano que o Brasil teve o progresso estupendo que o collocou em nivel igual aos dos maiores paizes do mundo.

Todas as manifestações de intelligencia e actividades humanas aqui se operaram.

O esforço notavel dos estadistas da Republica e o patriotismo de todos os filhos da Terra de Santa Cruz, alliados num trabalho commum, não esmorecem e hão de elevar, cada vez mais, o nome do Brasil, glorioso e forte, no correr dos seculos que hão de vir.

# HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céo da Patria nesse instante.
Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

O' Patria amada
Idolatrada
Salve! Salve!

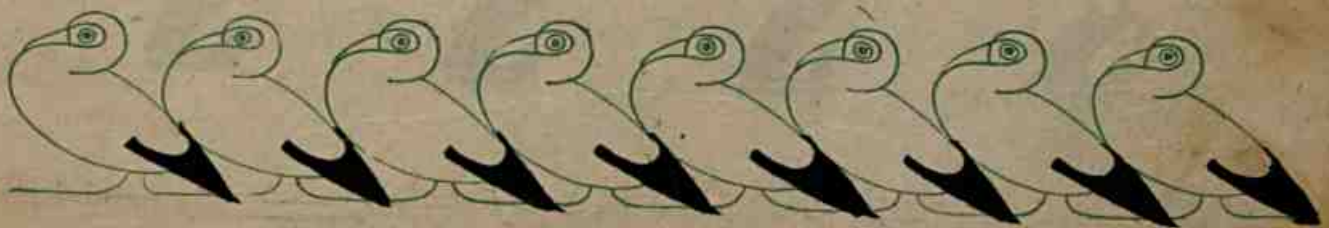
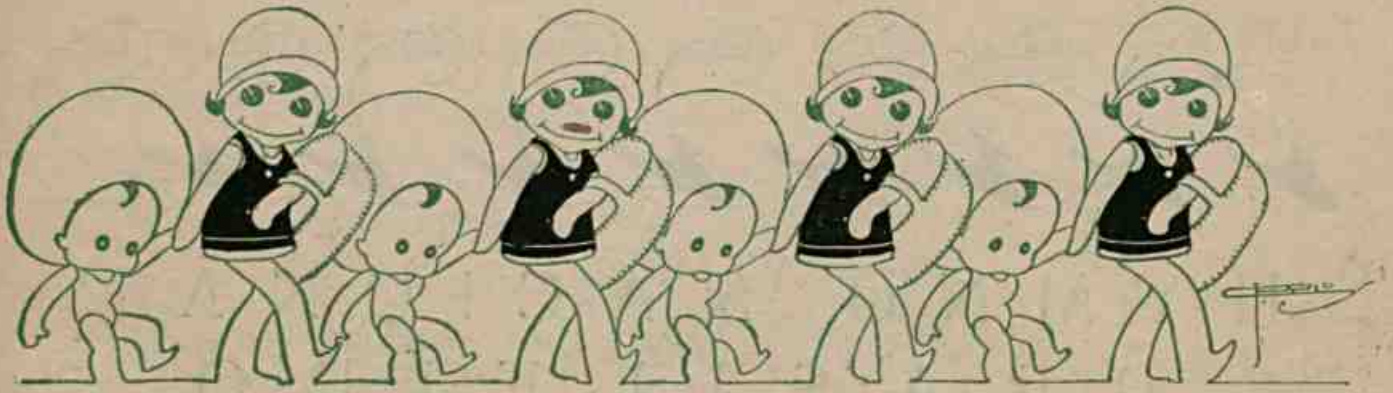
Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança á terra desce,
Se em teu formoso céo, risonho e limpido,
A imagem do Cruzeiro resplandesce,
Gigante pela propria natureza,
E's bello, és forte, impavido collosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil, és tu, Brasil,
O' Patria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil
Patria amada, Brasil!

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do céo profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Illuminado ao sol do Novo Mundo!
Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida no teu seio mais amores!

O' Patria amada
Idolatrada
Salve! Sauve!

Brasil, de amor eterno seja symbolo
O labaro que ostentas estrellado,
E diga o verde-louro dessa flammula
— Paz no futuro e gloria no passado.
Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á lucta
Nem teme, quem te adora, a propria morte!

Terra adorada
Entre outras mil, és tu, Brasil,
O' Patria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil
Patria amada, Brasil!

# Com quantos páos se faz uma jangada

(MONOLOGO)

Por que é que estão olhando para mim ?
Vejam bem que eu não sou de caçoada !...
Não vim dizer poesia, e sim mostrar
Com quantos páos se faz uma jangada.

Por me verem, assim, calmo e sereno,
Não julguem minha vida socegada;
Por qualquer coisa eu mostro a muita gente
Com quantos páos se faz uma jangada.

Na rua, um garotinho, agora mesmo,
Disse que eu não sabia dizer nada.
— E' assim ? perguntei. Pois já lhe mostro
Com quantos páos se faz uma jangada.

Elle fez cara assim... de quem duvida,
E eu, que não posso ver "cara amarrada",
Em dois tempos mostrei ao tal garoto
Com quantos páos se faz uma jangada.

Veiu depois um homem — era o pae delle, —
Chegou com ar de quem quer dar pancada;
Eu não me intimidei e fui mostrando
Com quantos páos se faz uma jangada.

Nisto chega um soldado de policia
Querendo me prender, metter-me a espada;
E eu perguntei então: — Você quer ver
Com quantos páos se faz uma jangada ?...

E "pulei fóra", dando um salto logo
Que me poz para cima da calçada
E, mais alto mostrei ao tal soldado
Com quantos páos se faz uma jangada.

Elle acabou por vêr minha coragem,
Correndo pela rua em disparada,
E ainda eu lhe gritei: — Viu, *seu* papudo ?...
Com quantos páos se faz uma jangada ?...

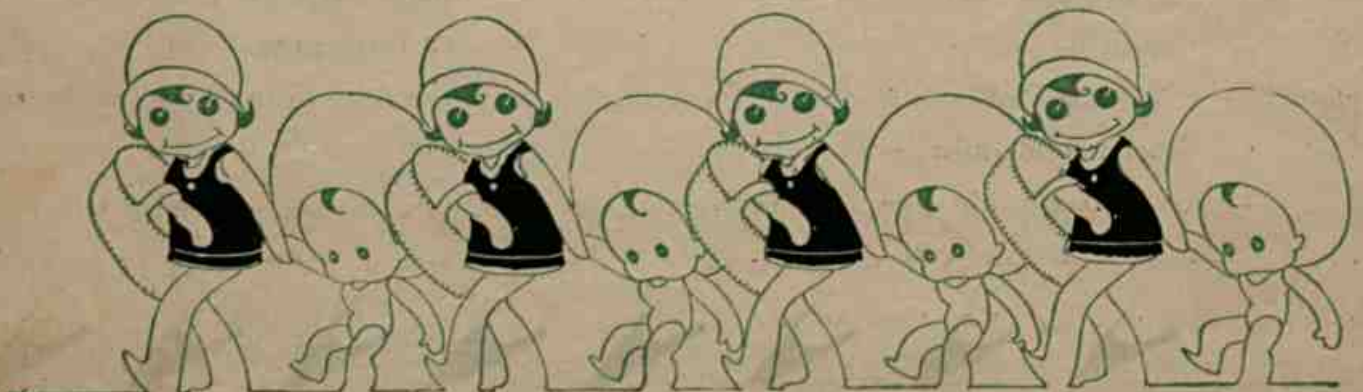
Certa vez (foi a unica) na praia,
Onde fui passar bella temporada,
Um pescador valente me mostrou
Com quantos páos se faz uma jangada !

Estava sobre as ondas uma joven
Em perigo, a morrer quasi, afogada,
E elle a salvou, mostrando nesse instante
Com quantos páos se faz uma jangada.

.............................................

Adeus, que estou com pressa e vou-me embora;
Aos senhores já chega de massada.
Agora vou tambem mostrar lá dentro
Com quantos páos se faz uma jangada.

Se, afinal, não gostaram do meu dito,
Não se zanguem; desculpem a estopada.
Só não quero que digam que eu não disse...
Com quantos páos se faz uma jangada.

EUSTORGIO WANDERLEY

# A VIOLETA

NO principio do mundo, todas as flores dos jardins da Terra eram do mesmo tamanho e do mesmo perfume, suave e delicioso.

A rosa, o chrysanthemo, a violeta, o amor-perfeito, o cravo eram da mesma côr — côr do luar — e não excediam ao tamanho de uma estrella pequenina, dessas que brilham no céo como se fossem olhinhos reluzentes de colibris.

Um dia, porém, resolveram todas pedir ao Creador que lhes désse fórmas variadas, odores diversos, matizes differentes, porque, diziam, a vida não lhes parecia feliz sem o encanto sonhado dos mil perfumes, das diversas côres e das fórmas differentes.

O bom Deus prometteu attendel-as. Era o primeiro pedido que as flores faziam. Iam ser satisfeitas. Um dia, assim, mandou o creador que todas se reunissem em volta do seu celeste throno. Dentro em pouco tempo, estava Deus cercado de flores, desejosas ardentemente de mudarem de fórma, de côr e de perfume. O Creador começou a transformal-as, dando-lhes o que solicitavam.

— Eu quero ser do tamanho de uma moeda ! — pediu o amor-perfeito.

— E eu desejo ser pequenino como o botãosinho da camisa do Menino Jesus! — dizia o myosotis.

Quasi um dia inteiro gastou Nosso Senhor para fazer os milagres que as flores lhe pediam. No fim da grande audiencia, viu Deus que só uma flôr faltára á reunião. Era a violeta, que nunca tivera ambições, nem desejos e que, por isso, se deixara ficar occulta entre as folhas, com o seu primitivo perfume discreto e suave. Deus abençoou-a pela sua humildade.

As outras flores, de fórmas varias e de perfumes diversos, é que não lhe perdoam a modestia e, por isso, procuram-na de dia com os olhos investigadores de suas corollas e, de noite, com as lanterninhas accesas dos irriquietos vagalumes.

CARLOS MANHÃES

# PROGRESSOS DA ORTHOGRAPHIA

## Meia comedia em 1 acto e 2 quadros, de J. Poliegoni

### ACTO UNICO

(Suspenso o panno, vêem-se uns alumnos sentados e attentos, ouvindo a mestra, que, com *pose*, dirá):

— Sou professora moderna,
Já fiz modificação
Nesta orthographia hodierna
Para melhor comprehensão!

(*Indicando uma alumna*):

Vá para a pedra, menina,
Escreva o que vou dictar
Do modo que aqui se ensina
Bem igual ao pronunciar!

(*A alumna indicada levanta-se e põe-se em caminho para a pedra*) — *A Professora, continuando*:

Recapitulemos, pois.
Começando por um termo:
Elle...

(*A alumna interrogando*):

Com um *l* ou com dois?
Só tem um, seu estafermo!

(*A discipula escreve com um l sómente*). *Professora indagando á outra alumna*:

— *Casa* pelo meu systema
Como se escreve, Celita?

(*A menina solettrando*): — C... a... ca...
(*Professora batendo na mesa*): — Ah! ainda

Usar aqui essa escripta?

(*A menina, se desculpando*):

Casa todo o mundo escreve...

(*Professora interrompendo-a*):

— Escreve?! Não! escrevia!
Acompanhar, pois, se deve
Progressos da Orthographia!

(*A alumna interessada*):

— Então como é, D. Paula ?

(*D. Paula explicando*):

C, a, ca, s, a, sa, casa.
Outr'ora ensinou-me na aula
Meu professor Dr. Vasa!

Veio depois a reforma:
C, a, ca, z, a, (com z!)
Escreva lá dessa fórma:
C, a, ca, z, a, za; vê?

(*A alumna escreve isso no quadro negro e a professora continuando*):

Todavia estava errado
Fiz então nova reforma...
Acho ser mais acertado
Escrever-se desta fórma...

(*Dirigindo-se para a pedra*):

Menina dê-me esse giz,
Vá-se assentar, attenção!

(*Tomando o giz*):

Pois, a reforma que eu fiz
E' de melhor comprehensão!

(*Escrevendo e falando*):

Casa. O nome nos indica
Que devemos escrever
Com *K*, o que melhor fica...

(*A* gurysada *repete o riso e a professora recomeçando*):

Segundo o meu parecer!

(*Sempre com* pôse, *e impondo, com o dedo nos labios, silencio*):

K, o som delle é igual
Ao c, á. Vão perceber:
Com K é mais racional
Por menos lettras conter!

(*Olhando com a auctoridade de quem impõe silencio*):

Sendo assim escrevo um K,
E depois um grande Z
Em seguida ponho um A

(*E, como quem se acha satisfeita*):

E o nome casa não lê!?

(*Novas risadas, novo remeximento na classe. Professora se assentando*):

Vamos, Ruy, escreva a phrase
Como costuma se errar,
Que eu vou provar e dar base
Segundo o meu reformar!

(*Como quem faz um dictado*):

"Elle deve é se casar"
Faça favor de escrever...

*Ruy escreve, emquanto a professora vae, pé ante pé, até junto a um rapazinho que está debruçado na carteira, desenhando*):

Não é hora de pintar!

(*Amassando o papel*):

Bonito que estou a vêr:

(*Mostrando á classe*):

Meu retrato! Que atrevido!
E com legenda por baixo;

(*Virando-se para elle*):

Muito bem! Fica entendido
Que dez pontos lhe rebaixo!

(*Os pequenos sorriem escandalosamente. Professora*):

Escreve o antigo systema
Como na pedra se encontra.
Eu resolvi o problema!

(*Levantando os hombros e com* pôse):

Hão de chamar-me bilontra!

(*Com mais* pôse):

Que me importa, si no mundo
Se debocha até a sciencia!...
E quem tem saber profundo
Tudo soffre com paciencia!

(*Sempre com* pôse, *e pegando no giz, tendo ao lado o alumno, lê apontando*):

"Elle deve é se casar!"

Parece que está direito!
No emtanto posso affirmar
Que está cheio de defeito!

(*Convictamente garantindo aos alumnos*):

Vou escrever tudo certo,
Segundo digo porque.

(*Ordenando á classe, que logo se põe de pé*):

Cheguem todos para perto...

(*Mandando um delles lêr á pedra*):

Vamos, Sylvio, o que *lá lê?*

(*Sylvio lendo*):

— "Elle deve é se casar!"

(*Professora sorrindo*):

— O que leu está errado!

(*Sylvio sem comprehender*):

— Errado!?

(*Professora continuando*):

— Sim deve estar!...

(*Sylvio, protestando*):

— Sendo assim não sou culpado,
Eu li o que está escripto!

(*Professora comprehendendo*):

Não se trata da leitura!
Não está certo, repito
E já vou provar, creatura!

(*Sempre mostrando* pôse, *escrevendo e lendo, meneando a cabeça*):

Mais de dez lettras perdidas,
E sem ter necessidade...

(*Dirigindo o olhar a algumas pequenas que riem*):

De que estão rindo? Atrevidas!

(*Voltando ao quadro negro*):

Para que duplicidade?

(*Continuando de giz na mão e apromptando-se para escrever por baixo da phrase escripta*):

Vejam lá se não é mais
Bonito, mais racional...

(*Apontando a pedra*):

Não tem mais duvida... aliás,
Fica no fim tudo igual!

(*Escreve ao passo que lê*):

"Elle deve é se casar!"
Isso é antigo... um inferno!

(*Escrevendo e indicando lettra por lettra*):

L D V S K zar!
E' mais pratico, é moderno!

(*Os pequenos sorriem mais alto e de longe ouve-se o timbre da sineta. A professora depois de apanhar os livros, cadernos, etc., sae com* pôse, *ficando na sala dois alumnos*):

(*Ruy*): — Casa com K, viu Celita?

(*Celita*): — E' da nova orthographia.
Dona Paula é erudita
E leva em conta a euphonia!

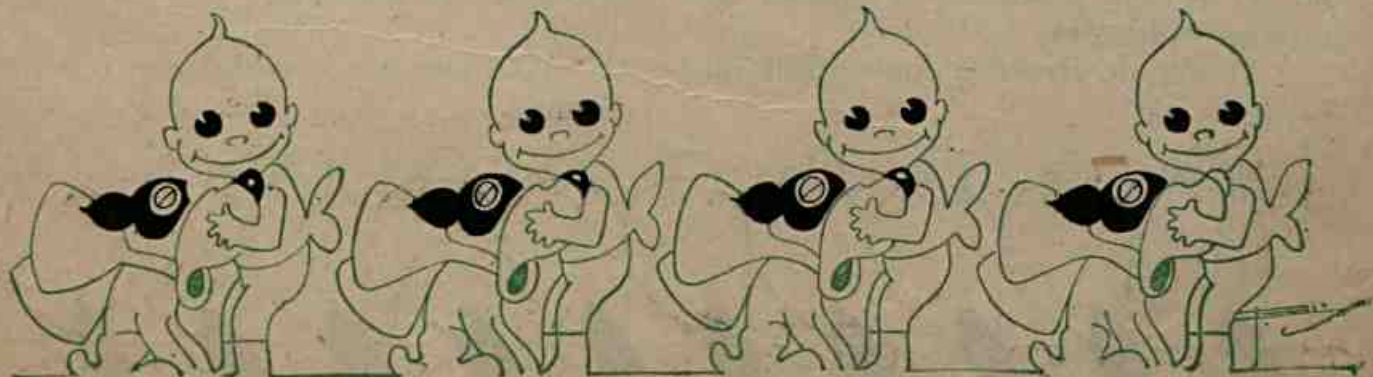
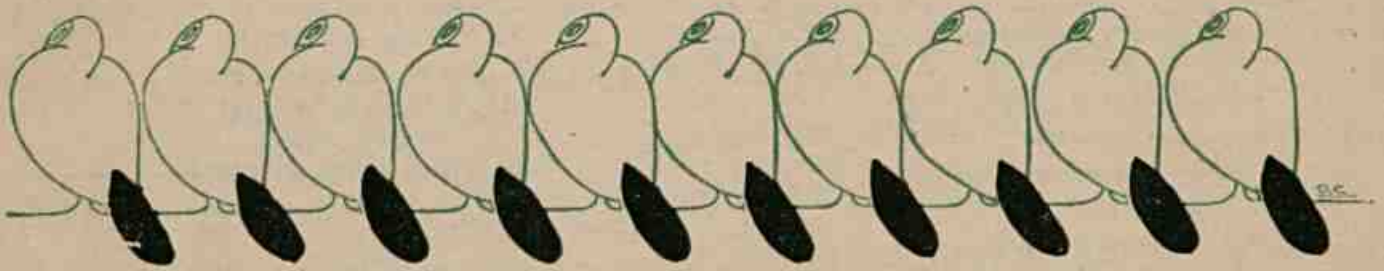
(*Ruy*): — Até parece charada
Essa nova orthographia!...

(*Celita*): — "Para lel-a" a gurysada...
Tem que saber pansophia!...

(*Ruy sorrindo e com debocha*):

Não mostrou sabedoria!
Pelo contrario nos cabe
Dizer que essa orthographia
E' capa de quem não sabe!...

(Cae o panno).

FIM

# PEQUENAS LIÇÕES DE COUSAS

## AS NUVENS

As nuvens são vapores condensados que se desprendem da Terra e se acham em circulação na atmosphera. Conforme as suas densidades esses vapores tomam os nomes de:

*Cirrus,* nuvens filamentosas, pequenas e esbranquiçadas.

*Cumulos,* nuvens que parecem algodão em rama.

*Stratus,* nuvens alongadas, estreitas e horisontaes, formadas quasi sempre ao pôr do Sol nas proximidades do horisonte.

*Nimbus,* nuvens compactas, cinzentas escuras e franjadas.

## O DIAMANTE

O diamante, a linda pedra de brilho intenso, faiscante, que se vê nos anneis e nos brincos, nos alfinetes de gravata ou nas pulseiras, é um mineral. Entendem-se por mineraes todos os corpos inorganicos que entram na formação da Terra.

Não é só o diamante que é mineral. O ferro, o ouro, a prata, o cobre, o chumbo, as pedras preciosas, o carvão, são tambem mineraes.

O sólo do Brasil é opulento de mineraes.

## O AMAZONAS

O Rio Amazonas, todos vocês devem saber, é o maior rio do mundo em volume de agua.

Seu descobridor foi Vicente Yanez Pinson, em 1500, que lhe deu o nome de *Mar-dulce.*

A largura de sua foz principal é de noventa e dois kilometros e suas aguas penetram no Oceano Atlantico até cerca de 400 kilometros.

## AS PYRAMIDES

As pyramides são monumentos do antigo Egypto que serviam de sepulturas reaes. As mais importantes são as de Cheops, Chefren e Mykermis. A grande pyramide, que tem 138 metros da base á ponta, figurava entre as sete maravilhas do mundo.

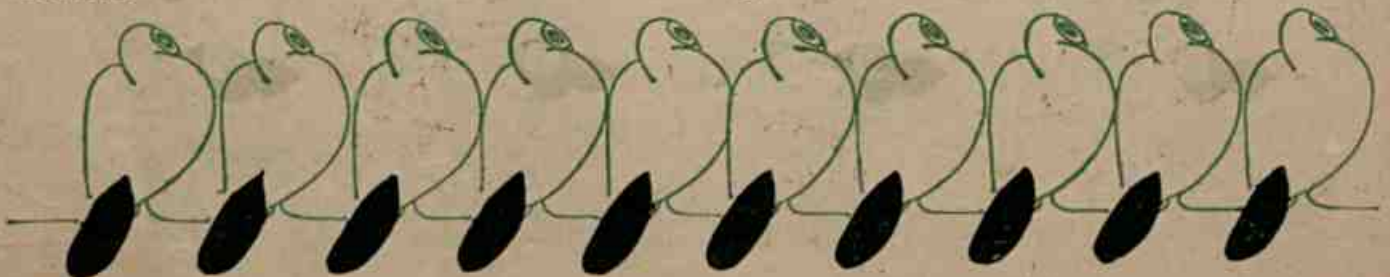
## ZOOLOGIA

O maior mammifero terrestre é o elephante e a baleia o maior mammifero amphibio.

*

Só existe um mammifero terrestre que vôa — é o morcego.

*

O unico passaro do mar é o pinguim.

# A LUA E AS ESTRELLAS

AVÓSINHA chegou bem aos hombros o grande chale de flanella e falou aos netos:

— No principio do mundo, Deus encarregou a Lua de ser a pastora do grande rebanho de estrellas que vagavam pelo espaço infinito. No céo faz muito frio, e a pastorinha, enrolando o corpo num véo todo de prata que os anjos haviam tecido, partiu, contente, a cumprir a missão de guiar e velar pelas mimosas ovelhinhas — as estrellas — que a receberam com amor e carinho. Nesse tempo, a luz não havia ainda sido creada e as estrellas, tiritando de frio, enregeladas, se aconchegaram á pastorinha em busca de agasalho. Nem todas ellas, porém, podiam ficar junto á Lua; eram muitas. Mas a bondosa pastorinha do céo nem por um minuto mais quiz que as ovelhinhas do seu amado rebanho soffressem os rigores do frio. E num gesto de affecto e carinho maternaes, foi cortando aos pedacinhos o manto de prata que os anjos teceram e distribuindo-os pelas estrellas.

Mais tarde, quando Nosso Senhor creou a luz e soltou-a pelo espaço, as estrellinhas tiveram a felicidade de vêr luzir as suas cabecinhas envoltas nos pequenos mantos de prata que a Lua lhes offertara.

Desde então, meus meninos, as estrellas, vaidosas que ficaram, nunca mais deixaram de abanar com as cabecitas, luzindo irrequietas, num pisca-pisca maravilhoso que é o encanto do céo.

Só a Lua tem o brilho immovel do seu manto, porque não se move, não se distrae da missão que Deus Nosso Senhor lhe confiou de guardar as ovelhinhas do céo.

CARLOS MANHÃES

# UM CORVO E UM PAPAGAIO

ISTO passou-se no tempo dos animaes falantes: Um velho corvo, tendo de idade perto dum seculo, num dia de muita chuva e vento, veiu, já sem forças, pousar na beira dum telhado. Este valente da amplidão dos ares tinha perdido toda a arrogancia do seu porte; encolhido e a tremer não se podia já ter nas pernas. A extremidade amarellada das suas pennas, outr'ora tão negras, mostrava que padecia de velhice e de fome. Ao habitante eterno dos penhascos sombrios, ao motejador das tempestades que assustam os homens, coube-lhe o vir dar o ultimo suspiro da sua longa vida, perto do comedoiro farto e luxuoso dum vulgarissimo papagaio real. Este, de papo cheio, e aquecido pelo ar tepido da cosinha, ao sentir a quéda do corpo enfraquecido do corvo, perguntou dum modo gracejador:

— Que é lá? Quem passa?

Uma voz quasi soluçante, conservando a meiguice dum peito corajoso, e o vigor do suspiro dum general, moribundo nos campos de batalha, respondeu:

— Gente de paz, amigo. Descanso um momento.

— Olha um corvo, gritou o papagaio cheio de medo. Aqui d'El-Rei que me come! Antonio, acode.

Mas o corvo, com uma voz tranquilla e cheia de bondade, serenou-o:

— Não te assustes... Não tenhas a meu respeito a opinião do povo, que é errada. Sou meigo e infeliz. Tive filhos, casa, uma companheira de muitos annos e tudo isto me roubaram os homens. Durante a minha vida dum seculo, tenho visto mais barbaridades praticadas pelos corações piedosos, do que todas as que attribuem á minha raça maldita.

O papagaio, ainda receioso, mas cheio de curiosidade, perguntou:

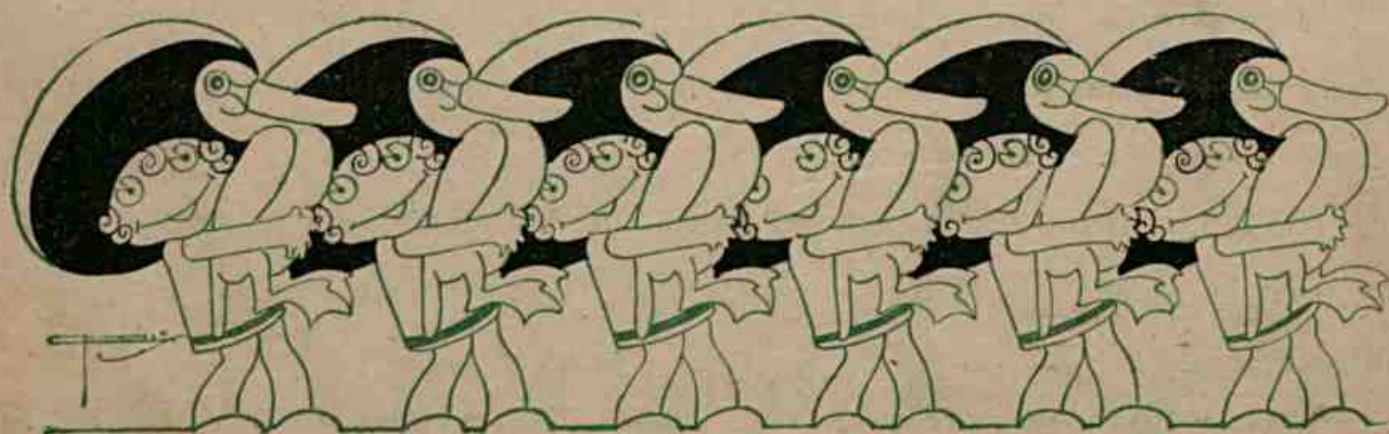
— Então não és feroz e cruel como os outros?

— Não. Tenho affectos; no alto dos meus queridos rochedos, muita vez escutei com prazer o canto dos passaros nossos irmãos, e a alguns quiz imitar. Amigos meus e meus irmãos viveram entre homens, tornaram-se familiares, chegando a comprehender a linguagem que se fala. Eu sempre gostei do ar forte e da liberdade das montanhas. Hoje, enfraquecido e cheio de fome, fui jogado para este telhado, pelo vento, que toda a vida escarneci. Ha muitos dias que não como; dás-me alguma coisa disso que ahi tens?

— Não posso — respondeu o egoista. — O meu arroz mal chega para mim... Tu tambem o não comias. Do que mais gostas, segundo dizem, é de carne podre.

— Que remedio tenho eu, á falta de melhor? E' o unico alimento dos infelizes que vivem nas solidões. Comemos tudo... a fome é negra. O teu arroz cheira tão bem... Dá-me um boccadinho. Poucos minutos me restam de vida. Deixa-me ao menos aproveitar da tua comida isso que tu deitas fóra e desprezas.

E fez um esforço para voar; mas não podia. No entretanto esse mesmo movimento d'azas ate-

morisou o papagaio, que bradou: "Não te chegues, não te chegues! Tu o que desejas é comer o meu arroz, e talvez, engulir-me. Nada de brincadeiras. Essa tua fraqueza póde muito bem ser fingida, para me enganares. Não te chegues, senão chamo o Antonio, o meu amigo cozinheiro, que arranja coisinhas boas para o meu papinho, e se elle vem, olha que dá cabo de ti".

O corvo quasi agonisante, soluçava, tremendo de frio e de fome:

— Não me odeies, lá por eu ter má opinião em toda a gente. No tempo em que era forte, quantas vezes não cobri com o meu corpo muitos passarinhos que não podiam resistir á tempestade? ! Fiz o bem que pude. Soccorre-me hoje, que estou para morrer.

O papagaio, desconfiado e vaidoso, temendo que o rustico habitante dos pincaros lhe sujasse a plumagem vistosa, ordenou:

— Então, deixa-te estar ahi. Vou pedir ao Antonio que te dê um pedaço de carne, da que não presta. Talvez a não mereças; mas devemos ser caridosos — concluiu espanejando-se.

O velho corvo, já sem altivez, agradeceu com ternura na voz:

— Obrigado; Nosso Senhor t'o pague.

No telhado, porém, não podia resistir aos impulsos do vento. Confiado, ou talvez contra a vontade, deu um vôo do beiral, aonde estava o poleiro, desculpando-se:

— Tem paciencia. Não posso estar ali. Comerei neste cantinho a esmola que me fazes.

Mas a proximidade daquelle corpo sujo, volumoso, de aspecto selvagem, assustou o timido papagaio real, que logo gritou fóra de si:

— O' Antonio. Traz o páo!...

E esvoaçava sem querer pousar. Agarrava-se á corrente que o prendia no comedoiro. Tremia de verdadeiro medo, elle saudavel e nedio, diante deste habitante dos rochedos, que estava a dar o ultimo suspiro.

O cozinheiro, ao vêr o corpo immundo e repellente, perto do seu estimado papagaio, exclamou irado:

— Olha o ladrão de um corvo...

E dando uma pancada no animal desfallecido, atirou-o sobre o lagedo da rua, onde o desgraçado morreu logo. Em seguida, o Antonio, com o fim de socegar o seu querido, passava-lhe com brandura a mão na cabeça, dizendo:

— Cala-te, loiro, não tenhas medo. Queria te fazer mal? Levou a sua conta. Coitadinho do loiro, coitadinho do loiro.

☆ ☆ ☆

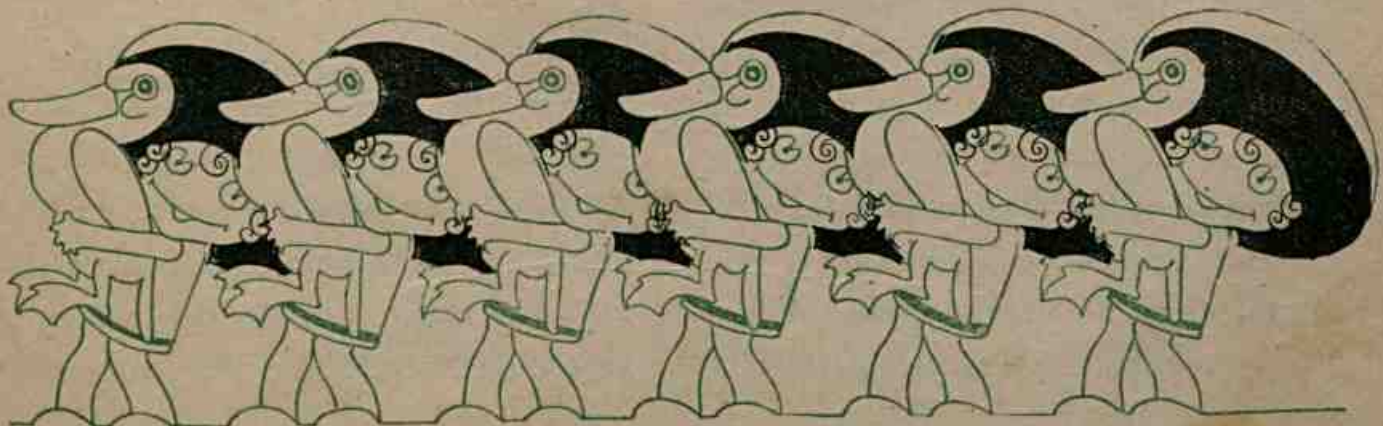
Assim se cumpre muitas vezes a justiça na terra. Meus filhos, não se deve acreditar facilmente nas culpas daquelles que são infelizes, principalmente quando precisam de que se lhes faça bem.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

■ ■ ■

De tal modo é feito o coração da mulher que sente extrema repugnancia por tudo o que se lhe permitte, e grande prazer por tudo o que lhe está prohibido. — *Lord Byron.*

☆ ☆ ☆

Póde a mulher não pensar na sua belleza; mas o que não póde é julgar-se feia. — *Tommaseo.*

TRABALHOS MANUAES

# CAIXINHAS PARA BONBONS

Qualquer trabalho manual tem um duplo valor quando é feito por nós mesmos. Neste fim de anno, terminados os trabalhos escolares, podem vocês pensar em mil e um assumptos de recreio.

Pensem, pois, na organização da arvore de Natal, que será enfeitada com brinquedos e cousas por vocês mesmos construidas. Nesta pagina damos algumas suggestões.

As caixinhas que se vêem representadas na gravura junta são especialmente destinadas a pendurarem-se nas arvores de Natal e a sua construcção é simplicissima.

O material melhor para as fazer é o cartão, que se póde adquirir em folhas grandes e mais fino ou mais grosso, conforme se desejar.

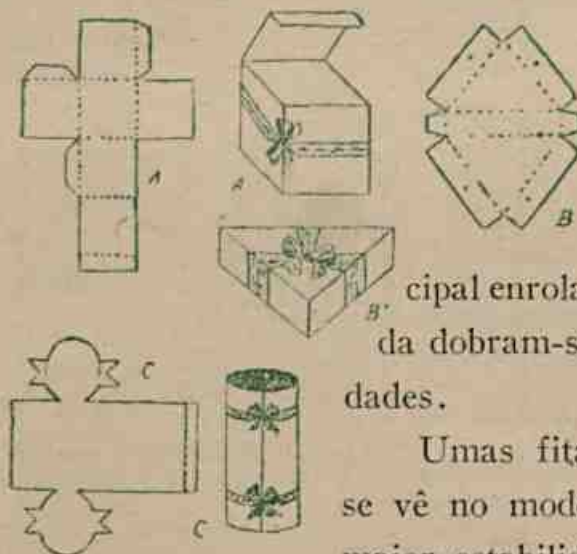
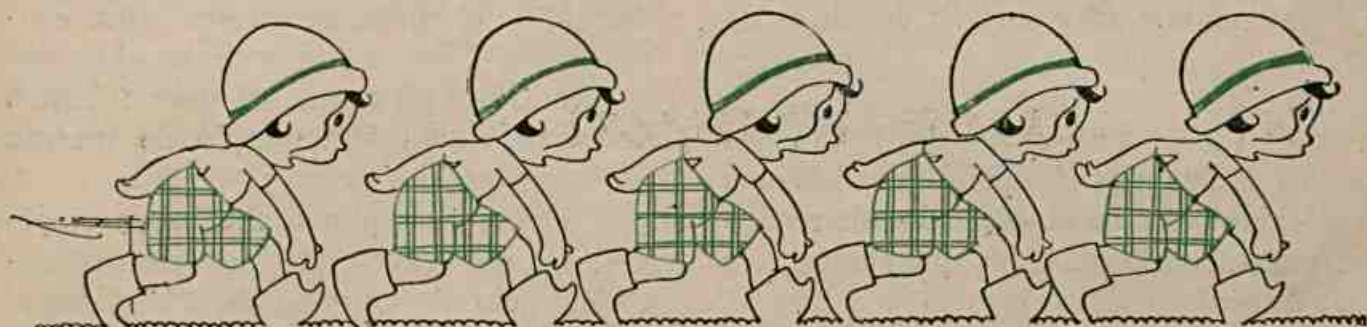
As figuras A e A' são: a primeira, o modelo de uma caixa quadrada, e a segunda essa caixa já feita. Esta fórma de caixa é especial para biscoutos ou bolachas que embora occupem bastante espaço, pesem pouco. O tamanho da caixa depende das dimensões de uma das secções quadradas do modelo.

As figuras B e B' indicam a maneira de fazer uma caixa bonita. A fórma é triangular e póde servir para brinquedos pequenos e tambem para doces. Tanto neste como nos outros modelos vae indicada a parte de pestana que tem de se deixar no cartão para pegar os lados da caixa e dar-lhe fórma. Estas pestanas, pegadas com gomma forte, contribuem para lhe dar resistencia.

As figuras C e C' servem para fazer caixas circulares. A sua simplicidade não póde ser maior. As duas peças circulares, unidas ao corpo principal da figura do modelo, são o fundo e a tampa da caixa. O corpo principal enrola-se e prega-se e em seguida dobram-se os discos das extremidades.

Umas fitas atadas da fórma que se vê no modelo servem para lhe dar maior estabilidade se o cartão não fôr de grossura regular.

Não precisamos dizer que o cartão póde ser de côres e guarnecer-se com chromos finos, flores pintadas ou elegantes silhuetas recortadas em papel de côres differentes da do cartão escolhido para fazer a caixa.

Com os modelos acima e mais as suggestões que todos vocês, intelligentes como são, podem crear, quantos brinquedos de aspecto encantador e real utilidade terão occasião de enfeitar a arvore de Natal, qua trará tantos risos e alegrias?

# UM "MATCH" CELEBRE

Tinham-se fundado no bairro em que morava o Julião, rapazinho dos seus 12 annos, dois clubs de *foot-ball*.

Ambos eram clubs infantis, pois seus jogadores não tinham mais de 13 a 14 annos, havendo mesmo *players* de 9 e 10 annos de idade.

Tomaram as denominações de *Mocidade Foot-ball Club* e *Juventude Foot-ball Club*, cada um delles caprichando por ser o mais forte e se apresentar melhor.

O Julião era presidente e *goal-keeper* do Mocidade, e, por mais que se esforçasse, seu club era sempre derrotado pelo outro. Perdia todos os jogos por um *score* elevado, pois quando fazia um *goal*, era por distração ou "por esmola" do *goal-keeper* contrario.

A instancias do Julião, que era empregado como praticante na pharmacia do logar, o pharmaceutico resolveu offerecer uma "taça" de metal dourado ao club que sahisse vencedor no jogo do proximo domingo.

A taça era *reclame* de um preparado do mesmo pharmaceutico: "O Elixir anti-rheumatico, ferruginoso e anti-febril de molungú, salsa e eucalyptus do pharmaceutico Carapitunga".

O nome do remedio era tão extenso como o seu effeito, pois affirmava o preparador da tisana servir a mesma não só para os males apontados, como ainda para muitos outros já conhecidos ou de todo ignorados. O caso é que como *reclame* de um anti-rheumatico, a idéa de offerecer uma taça ao vencedor de *match* de *foot-ball* era magnifica, porque ninguem poderá

## A ALMA

*— Mamã, nem todas as creanças que morrem vão para o paraiso. O outro dia vi levar para o cemiterio um menino que tinha morrido; seu papá e duas creancinhas acompanhavam o caixão e choravam tanto que me fazia pena. Iam a chorar; aquelle menino tinha sido máo, não é verdade?*

*— Não: naturalmente foi sempre bom e sua alma, emquanto choravam seus paes e suas irmãs, já estava vivendo no paraiso.*

*— A alma, mamã? Não sei o que é, não comprehendo bem.*

*— Maria, acabas de me dizer que tiveste pena de ver chorar as duas pequerruchas.*

*— Tive, sim, mamã, tive muita pena.*

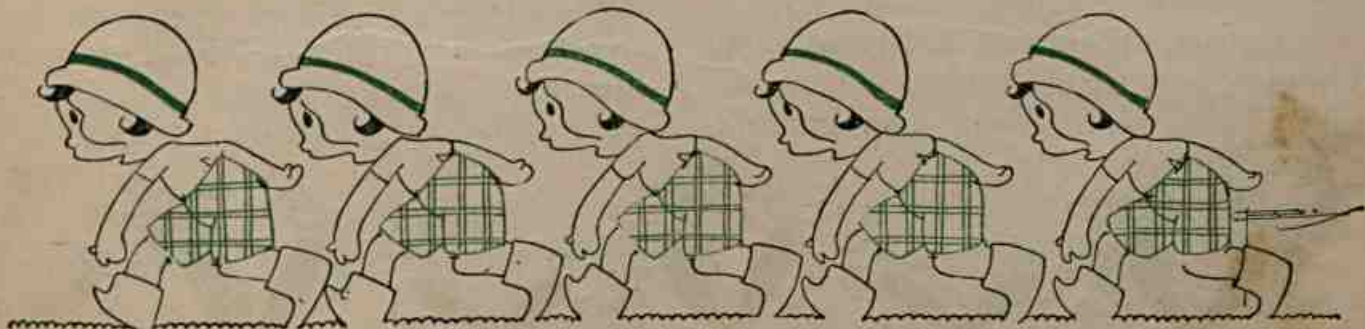
*— Ora bem, o que é que no teu corpo estava desconsolado e triste? Eram os braços?*

*— Não, mamã.*

*— Eram as orelhas?*

*— Oh! não, mamã, era cá dentro.*

*— Esse "cá dentro", Maria, é a tua alma, que se alegra ou se entristece, que te reprehende quando fazes o mal e que está satisfeita quando praticas o bem.*

GUERRA JUNQUEIRO

provar melhor não soffrer de rheumatismo do que praticando o violento *sport* bretão.

O maior empenho do Julião era agora tirar uma desforra das derrotas soffridas pelo seu club, ganhando a taça offerecida pelo patrão, pharmaceutico Sr. Carapitunga.

O dia da pugna se approximava e todas as manhãs os dois *teams* escolhidos para se baterem trenavam no campo desde muito cedo.

O enthusiasmo era grande pelo resultado do *match*, não só entre os jogadores como tambem entre os partidarios ou torcedores de um e outro club.

O club do Julião, — o "Mocidade", — era realmente muito mais fraco do que o "Juventude".

Sómente poderia vencer o adversario por um acaso, e o Julião não acreditava que isto acontecesse.

A sorte não se manifestaria tão benevola para com o "Mocidade" e era preciso então "forçar a sorte", pensava o Julião.

E pelo seu cerebro acanhado passou uma idéa que voltou a se fixar ali com as mais fortes raizes.

Não havia duvida, pensava o rapazinho; aquelle era o unico meio de não ser derrotado. O difficil era a maneira de pôr em pratica aquella lembrança que tivera. Isso dependia, entretanto, da occasião.

Chegára, emfim, o almejado dia do encontro entre as *equipes* dos dois clubs.

O Julião andava nervoso, preoccupado, de um lado para outro, como se houvesse perdido qualquer cousa que não achava.

Entrou, assim, na enfermaria do seu club, onde havia bebidas e uma pequena pharmacia. Abriu uma garrafa de vinho do Porto, bebeu um calice e tirando do bolso um papelinho dobrado contendo um pó exquisito, deitou dentro da garrafa uma boa porção do mesmo pó, guardando o resto.

Dentro em pouco chegaram os jogadores do "Juventude" e foram convidados pelo thesoureiro do "Mocidade" para se servirem de um calice de vinho.

Os convidados acceitaram e o thesoureiro abriu uma garrafa de vinho fino, que lhes foi distribuido em calices.

Os jogadores do "Juventude" fizeram um brinde aos seus collegas do "Mocidade" que tiveram de retribuir a gentileza. Havia outra garrafa de vinho do Porto já aberta na enfermaria e della foram servidos os socios do "Mocidade". Faltava o Julião.

Foram chamal-o ao campo, onde elle estava dando algumas ordens a respeito do *match* que se ia realizar.

Quando chegou á sala onde estavam os *players* dos dois clubs, encontrou-os de calix em punho e o orador da casa *deitando* um discurso complicado.

Sobre a mesa duas garrafas de vinho, vasias.

O Julião ficou pallido de susto. Qual das duas seria a que elle "preparara"?

E de qual dellas estariam bebendo os *foot-ballers?*

Offereceram-lhe um calix que elle recebeu com mão tremula. Provou o vinho e não sentiu gosto extranho. Talvez fosse a outra...

Mais socegado, correspondeu á saudação bebendo á felicidade do club contrario.

Ouviu-se o apito do *captain*. Era hora de principiar o jogo. Entraram em campo os dois clubs, foi tirado o *toss*, que favoreceu ao club visitante e, ao signal do *referee*, começou a pugna.

Os do "Mocidade" começaram atacando os adversarios com vigor, tendo quasi feito um *goal* para abrir seu *score*, se não fosse a grande agilidade do arqueiro do "Juventude", que conseguiu fazer uma bella e difficil pegada de uma bola rasteira que vinha velocissima.

Dentro em pouco, porém, esse ardor foi esmorecendo, e era com visivel esforço que os jogadores se moviam no campo. Não tardou que alguns cambaleassem mesmo, e foi com grande espanto que viram o *goal-keeper* Julião encostar-se a uma das traves do posto que defendia, sentar-se depois no chão onde começou a... dormir profundamente!

Correram todos ao campo. Alguns jogadores do "Mocidade" tambem mal podiam estar de pé, cabeceando de somno, outros já haviam cahido a dormir nos braços dos que os amparavam.

— Estão envenenados! foi o grito de horror que partiu da bocca de todos.

E uma suspeita terrivel se desenhou no espirito dos que assistiam á extranha scena. Sim, o club visitante, com receio de ser derrotado, envenenara os seus adversarios! Era o que já se cochichava...

Foram chamados diversos medicos a toda pressa.

Quando transportavam o Julião carregado para a enfermaria, uma cousa qualquer lhe cahiu do bolso do calção. Apanharam. Era um papelinho dobrado como se usa fazer nas pharmacias aos que contêm medicamentos.

O Sr. Carapitunga, muito apprehensivo, abriu o papelinho que lhe entregaram, encontrando dentro certa porção de pó. Cheirou-o, depois, com receio, provou uma pitadinha e declarou:

— Ou eu me engano muito, ou isso é opio!

— Opio?! exclamaram todos que lhe seguiam os movimentos.

Era realmente opio, e os jogadores estavam narcotizados e não envenenados, conforme acabara de declarar o medico que primeiro chegara a examinar os rapazitos.

Explicava-se tudo, agora: o Julião puzera opio no vinho para offerecel-o aos adversarios. O thesoureiro, porém, adeantara-se offerecendo-lhes vinho puro, e sem saber, déra do vinho opiado da garrafa que encontrara aberta e fôra preparada pelo Julião, ao proprio narcotizador e aos seus companheiros de *equipe*.

O resultado foi a suspensão do jogo, pois "virara o feitiço contra o feiticeiro".

O Julião foi eliminado do club e, o que mais é, despedido da pharmacia onde praticava.

Depois de alguns mezes de amargo arrependimento pelo que fizera e de falta de emprego, foi chamado para trabalhar na pharmacia do Sr. Halinimento Tossetosse, um velho asthmatico e rival do seu visinho Carapitunga, e que era o inventor e preparador do "Balsamo calmante, expectorante e anti-vermifugo de tulú, guaco e mastruço", infallivel na cura de todas as tosses, excepto a do proprio inventor, que não fazia outra cousa senão tossir dia e noite.

O Julião é hoje um moço de bem. Formou-se na Escola de Pharmacia; é pharmaceutico e nunca mais jogou *football*. Tambem aquelle *match* ficou celebre nos annaes do jogo...

MAURICIO MAIA

# HISTORIA ANTIGA - A INVEJA

A inveja é a causa de muitos males. A prova disso vocês vão vêr na seguinte historia: Um kagado viu uma girafa comendo palmitos de um coqueiro e, invejoso, não resistiu á tentação de imital-a.

E galgou um morro para alcançar os palmitos. Fel-o, porém, tão desastradamente que escorregou e veiu espatifar-se cá em baixo. Chamada a assistencia, o medico habilidoso remendou-lhe o casco.

E até hoje o kagado mostra nos remendos do casco, outr'ora liso e inteiriço, o fructo da sua desmedida inveja. A lição do kagado deve aproveitar a todos vocês. A inveja é um vicio muito feio, fujam della.

# CURIOSOS MODOS DE BEBER

Já viram os meninos os modos curiosos dos animaes beberem agua? Já, certamente. Nunca é demais, porém lembrar a vocês um motivo qualquer de observação. Assim, vamos observar o modo do cão beber agua. A vasilha cheia do precioso liquido está ali e o cão della se approxima sem, no entanto, tocar a superficie da agua com o focinho. Depois, com a lingua em fórma de concha, apanha a agua e leva-a á bocca, tudo isso feito com muita ligeireza e acompanhado de um ruido, muito semelhante ao do bater das castanholas e produzido pelo bater da lingua no céo da bocca. O gato bebe agua do mesmo modo que o cão.

E o cavallo? Será de maneira igual que mata a séde? Não. O cavallo toca a superficie da agua com os beiços e a absorve por haustos, por sucção. O boi bebe agua de modo identico ao cavallo. Já os passaros, as aves em geral, bebem de modo mais curioso. Introduzem o bicco na agua, enchem a bocca por sucção, provocada pelo movimento da lingua, depois esticam o pescoço e engolem em deglutição perfeita.

Ha animaes que raramente bebem agua, taes são os macacos, os coelhos e mais alguns outros.

***31 dias*** **JANEIRO** ***Signo: Aquario***

1 — Quinta-feira — Circumcisão do Senhor — Confraternidade Universal (*Feriado Nacional*).

2 — Sexta-feira — Santo Izidro. São Basilio.

3 — Sabbado — Santo Anthero. Santo Aprigio.

4 — DOMINGO — São Gregorio. Santo Eugenio.

5 — Segunda-feira — São Simeão. Santa Emiliana.

6 — Terça-feira — *Epiphania* — São Frederico.

7 — Quarta-feira — São Theodoro. São Luciano.

8 — Quinta-feira — São Lino. Santa Gudula.

9 — Sexta-feira — São Julião. Santo Adriano.

10 — Sabbado — São Gonçalo. São Guilherme.

11 — DOMINGO — São Theodorico. Santo Hortencio.

12 — Segunda-feira — São Satyro. Santo Orcadio.

13 — Terça-feira — *Baptismo de Jesus* — Santo Hilario.

14 — Quinta-feira — São Felix de Nola.

15 — Quinta-feira — Santo Amaro. Santa Tarsitia.

16 — Sexta-feira — São Marcello. Santo Orlando.

17 — Sabbado — Santo Antão. São Marianno.

18 — DOMINGO — Santa Prisca. Santa Beatriz.

19 — Segunda-feira — São Canuto. São Mario.

20 — Terça-feira — São Sebastião — *Fundação da cidade do Rio de Janeiro*. (Feriado).

21 — Quarta-feira — Santa Ignez. Santo Avito.

22 — Quinta-feira — São Vicente. Santa Iria.

23 — Sexta-feira — *Desposario de N. Senhora com S. José.*

24 — Sabbado — N. Senhora da Paz. São Beltrão.

25 — DOMINGO — *Conversão de São Paulo* — São Prisco.

26 — Segunda-feira — São Polycarpo. Santa Paula

27 — Terça-feira — São João Chrysostomo.

28 — Quarta-feira — São Cyrillo. São Flaviano.

29 — Quinta-feira — *Oração de N. Senhora* — São Sulpicio.

30 — Sexta-feira — Santa Martina. São Felix.

31 — Sabbado — São Pedro Nolasco. São Cyro.

**28 dias** — **FEVEREIRO** — **Signo: Peixes**

1 — DOMINGO — Santo Ignacio. Santa Brigida.

2 — Segunda-feira — Purificação de N. Senhora — N. S. das Candêas.

3 — Terça-feira — Santa Olivia. São Braz.

4 — Quarta-feira — Santo André. Santa Joanna.

5 — Quinta-feira — Santa Agueda. Santo Avito.

6 — Sexta-feira — Santo Amando. São Gregorio.

7 — Sabbado — São Maximiano. São Ricardo.

8 — DOMINGO — Santo Arthur. São Lucio.

9 — Segunda-feira — São Gervasio. São Sabino.

10 — Terça-feira — São Guilherme. Santa Escolastica.

11 — Quarta-feira — Santo Adolpho. São Desiderio.

12 — Quinta-feira — São Julião Hospitaleiro.

13 — Sexta-feira — São Euphirio. São Benigno.

14 — Sabbado — Santo Abrahão. São Valentim.

15 — DOMINGO — *Transladação de Santo Antonio de Lisboa.*

16 — Segunda-feira — Santo Anesio. Santa Juliana.

17 — Terça-feira — Santo Ausencio. São Faustino.

18 — Quarta-feira — São Marcello. Santo Eladio.

19 — Quinta-feira — São Conrado. São Valerio.

20 — Sexta-feira — Santo Eleuterio. São Leão.

21 — Sabbado — São Felix de Metz. Santa Vitalina.

22 — DOMINGO — Carnaval — *Quinquagesima* — Cadeira de São Pedro.

23 — Segunda-feira — Carnaval — São Lazaro.

24 — Terça-feira — Carnaval — Promulgação da Constituição (*Feriado Nacional*) — São Pretextato.

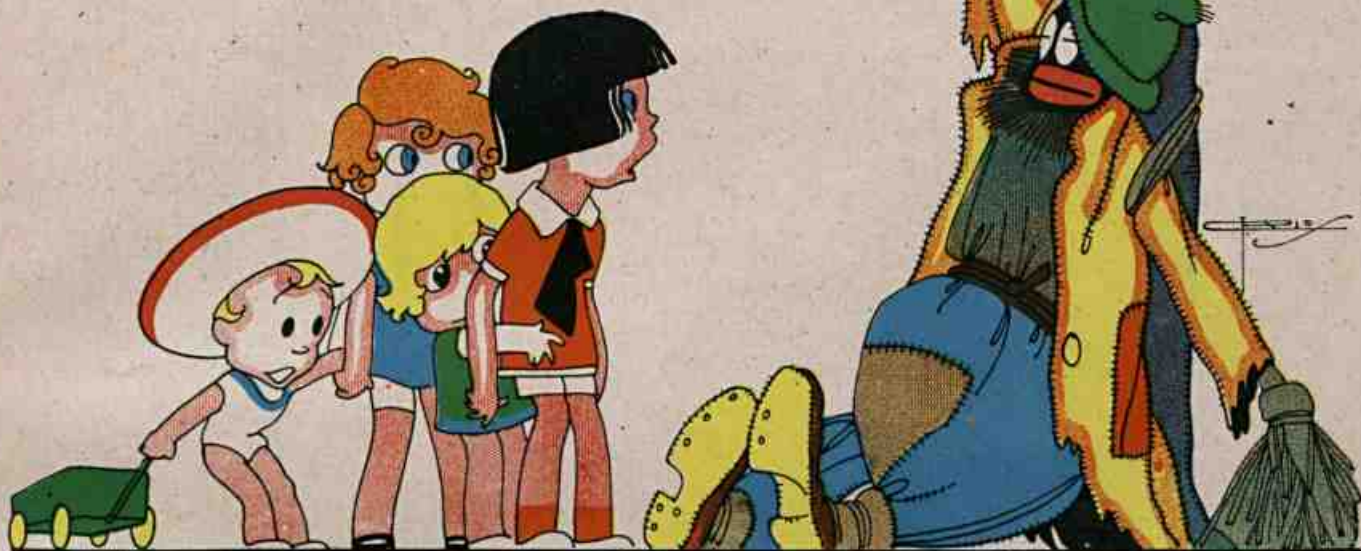
25 — Quarta-feira — Cinzas — São Cesario. São Mathias.

26 — Quinta-feira — Santo Alexandre. Santo Ignacio.

27 — Sexta-feira — São Leandro. São Baldomero.

28 — Sabbado — São Macario. São Theophilo.

PEIXES

'Stá perto a Semana Santa.
Igrejas tristes e mudas.
E a creançada se espanta
—Olhando a cara do Judas.

***31 dias*** MARÇO ***Signo: Carneiro***

1 — DOMINGO — *1º da Quaresma* — São Adrião.
2 — Segunda-feira — São Carlos. São Jacques.
3 — Terça-feira — São Tito. São Celedonio.
4 — Quarta-feira — São Casemiro. São Lucio.
5 — Quinta-feira — Santa Pulcheria. São Theophilo.
6 — Sexta-feira — Santa Colleta. São Marciano.
7 — Sabbado — São Thomaz de Aquino.
8 — DOMINGO — SEPTUAGESIMA — *2º da Quaresma* — Santo Eutropio.
9 — Segunda-feira — São Candido. São Ponciano.
10 — Terça-feira — São Militão e 39 companheiros.
11 — Quarta-feira — São Constantino. Santo Eulogio.
12 — Quinta-feira — Santa Catharina da Suecia.
13 — Sexta-feira — São Rodrigo. Santa Christina.
14 — Sabbado — São Leandro de Sevilha.
15 — DOMINGO — *3º da Quaresma* — São Zacharias.
16 — Segunda-feira — São Cyriaco. São Julião
17 — Terça-feira — Santa Agricola. São Patricio.
18 — Quarta-feira — Archanjo Gabriel. São Narciso.
19 — Quinta-feira — São José. Santa Christina.
20 — Sexta-feira — São Gilberto. Santo Ambrosio.
21 — Sabbado — São Bento. São Serapião.
22 — DOMINGO — *4º da Quaresma* — Santo Octaviano.
23 — Segunda-feira — São Liberato. São Victoriano.
24 — Terça-feira — Santo Agapito. São Thimoteo.
25 — Quarta-feira — ANNUNCIAÇÃO DE N. SENHORA. Santa Dalia.
26 — Quinta-feira — São Braulio. São Ludgero.
27 — Sexta-feira — São Phileto. São Saturio.
28 — Sabbado — São Castor. São Barachias.
29 — DOMINGO — PAIXÃO — *5º da Quaresma* — São Victorino.
30 — Segunda-feira — São João Climaco. São Regulo.
31 — Terça-feira — São Benjamin. São Guido.

CARNEIRO

Abril principia rindo.
Ha tolos pelos caminhos;
Araras que vão cahindo
Como se fossem patinhos.

***30 dias*** **ABRIL** ***Signo: Touro***

1 — Quarta-feira — São Hugo de Grenoble. São Valerio.

2 — Quinta-feira — São Francisco de Paula. Santa Theodora.

3 — Sexta-feira — São Pancracio. São Philadelpho.

4 — Sabbado — Santo Ambrosio. São Zozymo.

5 — DOMINGO — Ramos — São Geraldo. Santa Emilia.

6 — Segunda-feira — São Celestino. São Guilherme.

7 — Terça-feira — Santo Epiphanio. Santa Elvira.

8 — Quarta-feira — Trevas — Santo Amancio São Diniz.

9 — Quinta-feira — Endoenças — Santa Maria Cleophas.

10 — Sexta-feira — Paixão — São Terencio.

11 — Sabbado — Alleluia — Santo Isaac.

12 — DOMINGO — Paschoa — *Resurreição* — São Julio.

13 — Segunda-feira — São Hermenegildo. São Justino.

14 — Terça-feira — São Lamberto. São Tiburcio.

15 — Quarta-feira — São Bazilio. São Maximo.

16 — Quinta-feira — São Fructuoso. Santa Engracia.

17 — Sexta-feira — Santo Aniceto. São Hermogenes.

18 — Sabbado — Santo Appolonio. São Sabino.

19 — DOMINGO — Paschoela — São Jorge.

20 — Segunda-feira — São Marcellino. São Sulpicio.

21 — Terça-feira — Tiradentes (*Feriado Nacional*) — Santo Anselmo.

22 — Quarta-feira — São Leonidas. Santo Apelles.

23 — Quinta-feira — São Fortunato. Santo Adalberto.

24 — Sexta-feira — São Roberto. São Gregorio.

25 — Sabbado — S. Marcos Evangelista. Santo Aviano.

26 — DOMINGO — São Cleto. São Pedro de Rates.

27 — Segunda-feira — São Tertuliano. São Toribio.

28 — Terça-feira — São Didymo. São Prudencio.

29 — Quarta-feira — São Pedro de Verona. São Roberto.

30 — Quinta-feira — Santo Eutropio. São Peregrino.

Mez consagrado á Maria,
A Mãe de Jesus Menino.
E tu, José pequenino,
Pede o pão de cada dia.

**31 dias** | **MAIO** | **Signo: Gemeos**

1 — Sexta-feira — Santo Amador. São Thiago Menor.
2 — Sabbado — Maternidade de N. Senhora — Santo Athanazio.
3 — DOMINGO — *Patrocinio de São José* — Descoberta do Brasil (*Feriado Nacional*) — S. Juvenal.
4 — Segunda-feira — São Floriano. Santa Monica.
5 — Terça-feira — Conversão de Santo Agostinho. São Pio.
6 — Quarta-feira — Santa Judith. Santa Benedicta.
7 — Quinta-feira — N. Senhora do Resgate. Santa Flavia.
8 — Sexta-feira — São Victor. São Desiderio.
9 — Sabbado — São Gregorio Naziazeno.
10 — DOMINGO — Santo Antonio. São Hermes.
11 — Segunda-feira — São Mamede. São Florencio.
12 — Terça-feira — São Nereu. Santo Epiphanio.
13 — Quarta-feira — Abolição da Escravidão (*Feriado Nacional*) — N. S. dos Martyres.
14 — Quinta-feira — São Bonifacio. Santa Aglaia.
15 — Sexta-feira — São Izidro de Madrid. São Roberto.
16 — Sabbado — São João Nepomuceno. Santa Maxima.
17 — DOMINGO — São Paschoal. São Possidonio.
18 — Segunda-feira — *Ladainhas* — Santo Euricio.
19 — Terça-feira — *Ladainhas* — Santo Ivo.
20 — Quarta-feira — *Ladainhas* — São Bernardino de Senna.
21 — Quinta-feira — *Ascenção* — Santa Virginia. Santos Manços.
22 — Sexta-feira — São Romão. Santa Rita de Cassia.
23 — Sabbado — São Brazilio. São Donaciano.
24 — DOMINGO — N. Senhora Auxiliadora. São Claudio.
25 — Segunda-feira — Santo Urbano, papa. São Bonifacio.
26 — Terça-feira Santo Agostinho. São Zacharias.
27 — Quarta-feira — Santo Olivio. Santo Eutropio.
28 — Quinta-feira — S. Germano. S. Justo.
29 — Sexta-feira — S. Procopio. S. Cyrillo.
30 — Sabbado — São Basilio. Santa Joanna d'Arc.
31 — DOMINGO — Espirito Santo — Santa Petronilla.

***30 dias*** **JUNHO** ***Signo: Caranguejo***

1 — Segunda-feira — São Fortunato. São Pamphilio.

2 — Terça-feira — Santo Erasmo. São Pothimo.

3 — Quarta-feira — Santo Ovidio. São Cecilio.

4 — Quinta-feira — Santa Saturnina. São Quirino.

5 — Sexta-feira — São Bonifacio. São Sancho.

6 — Sabbado — São Claudio. Santa Candida.

7 — DOMINGO — SANTISSIMA TRINDADE — São Gilberto.

8 — Segunda-feira — São Sallustio. São Severiano

9 — Terça-feira — S. Paulo da Cruz. S. Primo.

10 — Quarta-feira — Santa Margarida. São Crispulo.

11 — Quinta-feira — CORPO DE DEUS — São Barnabé.

12 — Sexta-feira — Santo Adolpho. São Guido.

13 — Sabbado — Santo Antonio de Lisboa e de Padua.

14 — DOMINGO — São Bazilio Magno. Santo Eliseu.

15 — Segunda-feira — São Modesto. São Constantino.

16 — Terça-feira — N. Senhora do Soccorro. Santo Aureliano.

17 — Quarta-feira — Santo Anatolio. São Bonifacio.

18 — Quinta-feira — São Marcellino. São Marcos.

19 — Sexta-feira — CORAÇÃO DE JESUS — São Gervasio.

20 — Sabbado — São Macario. São Romualdo.

21 — DOMINGO — São Luiz Gonzaga. São Pelagio.

22 — Segunda-feira — Santa Aggripina. São Fernando.

23 — Terça-feira — São Paulino. São Jayme.

24 — Quarta-feira — S. JOÃO BAPTISTA. Santa Materna.

25 — Quinta-feira — São Guilherme. São Salomão.

26 — Sexta-feira — Santo Anselmo. Santa Maxencia.

27 — Sabbado — Santo Adelino. São Benevenuto.

28 — DOMINGO — *Pureza de N. Senhora* — Santo Irineu.

29 — Segunda-feira — SÃO PEDRO. SÃO PAULO, apostolos.

30 — Terça-feira — Santa Irinéa. Santa Lucilina.

**31 dias** JULHO **Signo: Leão**

1 — Quarta-feira — São Simeão. São Theobaldo.

2 — Quinta-feira — Visitação de N. Senhora.

3 — Sexta-feira — São Jacintho. São Beltrão.

4 — Sabbado — Santa Isabel, rainha de Portugal.

5 — DOMINGO — Santo Athanazio.

6 — Segunda-feira — Santa Angela. Santa Dominica.

7 — Terça-feira — São Firmino. Santo Eudo.

8 — Quarta-feira — São Procopio. Santa Virginia.

9 — Quinta-feira — Santa Veronica. Santa Anatolia.

10 — Sexta-feira — São Januario e seus companheiros.

11 — Sabbado — São Marciano. São Pio.

12 — DOMINGO — São Felix e São Nabor.

13 — Segunda-feira — Santo Anacleto — Santa Brigida.

14 — Terça-feira — TOMADA DA BASTILHA — (*Feriado Nacional*) — S. Boaventura.

15 — Quarta-feira — Santo Henrique.

16 — Quinta-feira — Nossa Senhora do Carmo.

17 — Sexta-feira — Santo Aleixo. São Jacintho.

18 — Sabbado — Santo Arnaldo.

19 — DOMINGO — São Vicente de Paula.

20 — Segunda-feira — Santo Elias. Santa Macrina.

21 — Terça-feira — São Claudio. Santa Julia.

22 — Quarta-feira — São Platão. São Josepho.

23 — Quinta-feira — São Liborio. São Vandrillo.

24 — Sexta-feira — São Bernardes. Santo Ursino.

25 — Sabbado — São Thiago Maior. Santa Valentina.

26 — DOMINGO — SANT'ANNA — Santo Olympio.

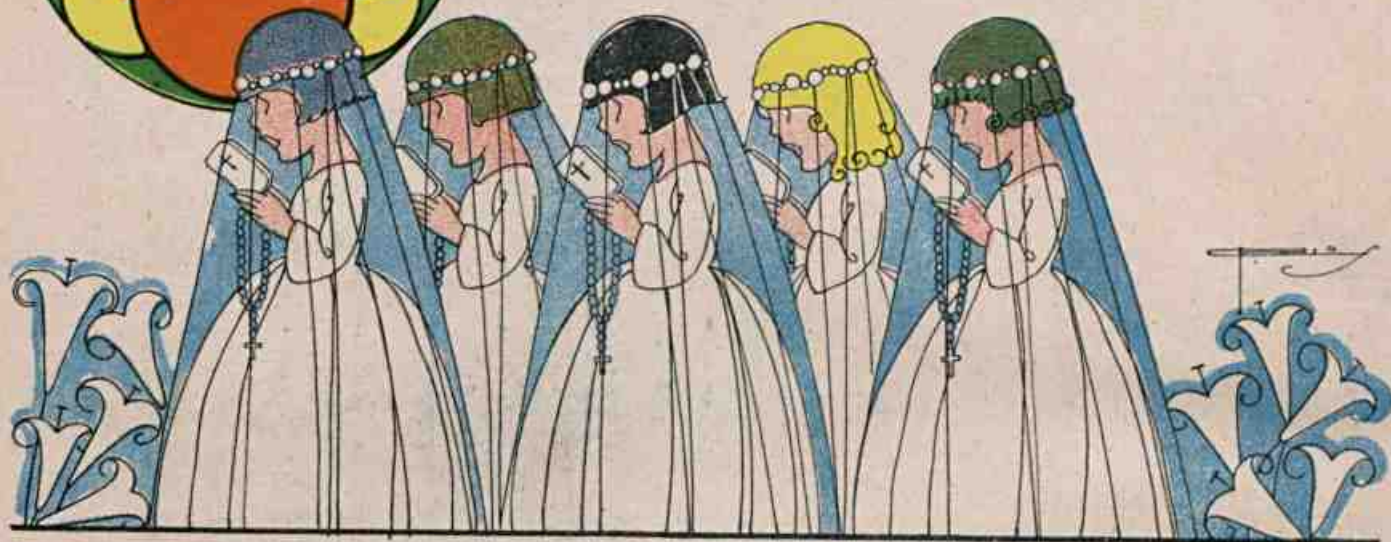
27 — Segunda-feira — São Mauro. São Sergio.

28 — Terça-feira — Santo Olavo. São Celso.

29 — Quarta-feira — Santa Martha.

30 — Quinta-feira — Santo Abdão. Santa Maxima.

31 — Sexta-feira — Santo Ignacio de Loyola.

Nossa Senhora da Gloria,
Dae-lhes a mão tão querida.
Ellas levam na memoria
O maior dia da vida.

***31 dias*** **AGOSTO** ***Signo: Virgem***

1 — Sabbado — São Leoncio. Santa Sophia.

2 — DOMINGO — N. Senhora dos Anjos. Santo Affonso de Ligorio.

3 — Segunda-feira — São Cassiano — Santa Euphrosina.

4 — Terçã-feira — Santo Aristarco. São Domingos de Gusmão.

5 — Quarta-feira — Santo Emydio. Santo Oswaldo.

6 — Quinta-feira — São Justo. São Thiago. São Pastor.

7 — Sexta-feira — Santo Alberto. São Caetano.

8 — Sabbado — São Justino. São Severo.

9 — DOMINGO — São Romão. São Veridiano.

10 — Segunda-feira — São Lourenço. São Domiciano.

11 — Terça-feira — Santo Alexandre. São Tiburcio.

12 — Quarta-feira — Santo Herculano. Santa Clara.

13 — Quinta-feira — Santa Helena. Santa Aurora.

14 — Sexta-feira — Santo Euzebio. São Marcello.

15 — Sabbado — ASSUMPÇÃO DE N. SENHORA — Santo Arnaldo.

16 — DOMINGO — *São Joaquim*. São Roque. Santa Cecilia.

17 — Segunda-feira — Santo Augusto. S. Mamede.

18 — Terça-feira — Santo Agapito. São Firmino.

19 — Quarta-feira — São Luiz. São Venusto.

20 — Quinta-feira — São Bernardo. São Samuel.

21 — Sexta-feira — Santo Anastacio. Santa Umbellina.

22 — Sabbado — São Fabriciano. São Thimoteo.

23 — DOMINGO — São Donato. São Liberato.

24 — Segunda-feira — Santo Bartholomeu. São Romão.

25 — Terça-feira — São Luiz. São Peregrino.

26 — Quarta-feira — Santo Eulalio. S. Zepherino.

27 — Quinta-feira — São Cesario. São Jorge.

28 — Sexta-feira — St. Agostinho. S. Quintino.

29 — Sabbado — Santa Candida. Santa Sabina.

30 — DOMINGO — Santa Rosa de Lima. Santo Agilio.

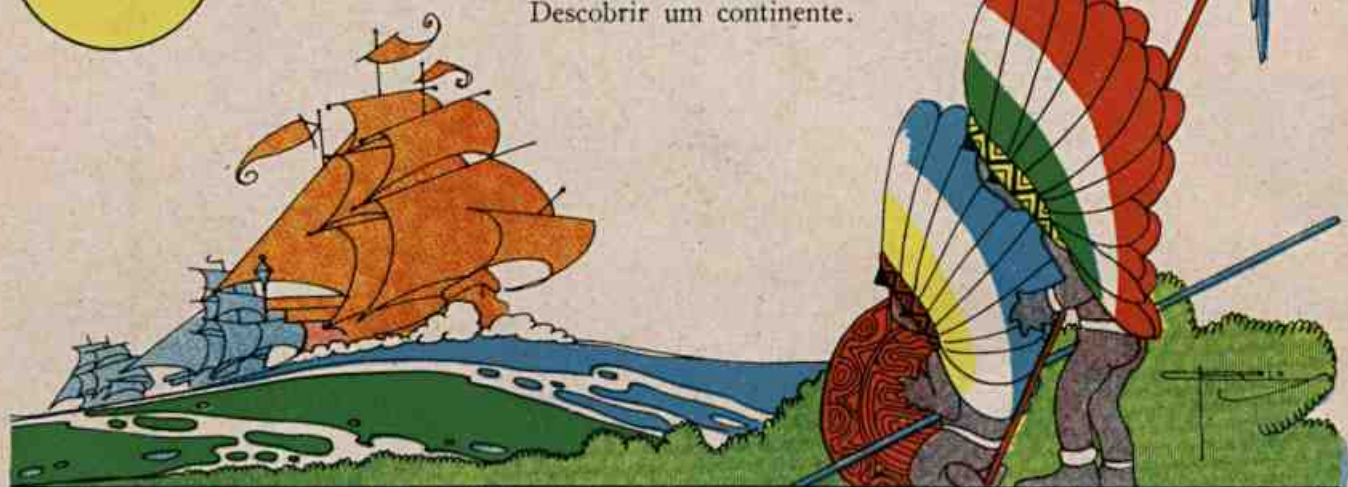
31 — Segunda-feira — São Raymundo Nonato. Santa Izabel.

VIRGEM

O Brasil espera tudo
De vosso civismo que arde.
Vós sereis o grande escudo.
A defendel-o mais tarde.

**30 dias** **SETEMBRO** **Signo: Balança**

1 — Terça-feira — São Constancio. Sto. Egidio.
2 — Quarta-feira — São Brocardo. São Lazaro.
3 — Quinta-feira — São Ladislau. S. João de Perugia.
4 — Sexta-feira — São Marino. Santa Rosalia.
5 — Sabbado — Santo Antonio. São Justiniano.
6 — DOMINGO — São Celestino. São Humberto.
7 — Segunda-feira — INDEPENDENCIA DO BRASIL (*Feriado Nacional*) — Santo Anastacio.
8 — Terça-feira — NATIVIDADE DE N. SENHORA. — Santa Belina.
9 — Quarta-feira — São Graciano. Santo Omar.
10 — Quinta-feira — São Nicolau Tolentino. Santa Pulcheria.
11 — Sexta-feira — Santo Emiliano. São Proto.
12 — Sabbado — Santo Eulogio. São Leoncio.
13 — DOMINGO — *Santo Coração e Santo Nome de Maria* — Santo Amado.
14 — Segunda-feira — São Cornelio. São Materno.
15 — Terça-feira — Santo Albino. São Epyro.
16 — Quarta-feira — São Cypriano. Santa Edithe.
17 — Quinta-feira — Santa Colomba. Santa Hildegarda.
18 — Sexta-feira — São José de Cupertino. São Simier.
19 — Sabbado — Apparição da Virgem de La Salette.
20 — DOMINGO — *As Dôres de N. Senhora* — Santa Fausta.
21 — Segunda-feira — São Matheus. São Mauro.
22 — Terça-feira — São Digno. São Florencio.
23 — Quarta-feira — São Luiz. Santa Thecla.
24 — Quinta-feira — São Gerardo. Santo Thyrso.
25 — Sexta-feira — São Pacifico. Santo Aurelio.
26 — Sabbado — Santa Eugenia. Santa Justina.
27 — DOMINGO — Santo Adolpho. São Cosme.
28 — Segunda-feira — São Bernardino de Feltro.
29 — Terça-feira — São Marcial. Santa Petronia.
30 — Quarta-feira — São Jeronymo. Santa Honorina.

BALANÇA

**31 dias** — **OUTUBRO** — **Signo: Escorpião**

1 — Quinta-feira — Santa Maxima. São Gastão.
2 — Sexta-feira — Santos Anjos Custodios, ou de Guarda.
3 — Sabbado — São Candido. São Desiderio.
4 — DOMINGO — *N. S. do Rosario* — São Francisco de Assis.
5 — Segunda-feira — São Placido e seus companheiros.
6 — Terça-feira São Bruno. São Romão.
7 — Quarta-feira — Santo Augusto. São Marcos.
8 — Quinta-feira — São Demetrio. Santa Brigida.
9 — Sexta-feira — São Diniz. São Publio.
10 — Sabbado — São Francisco de Borja.
11 — DOMINGO — São Firmino. São Nicasio.
12 — Segunda-feira — DESCOBERTA DA AMERICA (*Feriado Nacional*) — São Wilfrido.
13 — Terça-feira — São Daniel. Santo Eduardo.
14 — Quarta-feira — São Calixto. São Gaudencio.
15 — Quinta-feira — Santa Thereza de Jesus.
16 — Sexta-feira — São Florentino. Santa Adelaide.
17 — Sabbado — São André de Creta. Mamerta.
18 — DOMINGO — *N. S. dos Remedios* — São Lucas.
19 — Segunda-feira — São Pedro d'Alcantara.
20 — Terça-feira — São Feliciano. Santa Iria.
21 — Quarta-feira — São Leonardo. Santa Ursula.
22 — Quinta-feira — Santo Euzebio. São Marcos.
23 — Sexta-feira — São Felix. São Graciano.
24 — Sabbado — São Fortunato. Santa Sabina.
25 — DOMINGO — São Crispim e São Crispiniano.
26 — Segunda-feira — São Marciano. São Rustico.
27 — Terça-feira — Santo Elesbão. São Mucio.
28 — Quarta-feira — São Judas Thadeu. São Simão.
29 — Quinta-feira — São Narciso. Santa Bemvinda.
30 — Sexta-feira — Santo Angelo. São Claudio.
31 — Sabbado — São Mathurnio. Santa Lucilia.

***30 dias*** **NOVEMBRO** ***Signo: Sagittario***

1 — DOMINGO — Todos os Santos — S. Pedro do Barco.

2 — Segunda-feira — Commemoração dos Mortos (*Feriado Nacional*) — São Nectario.

3 — Terça-feira — São Benigno. São Malaquias.

4 — Quarta-feira — São Carlos Borromeu. Santa Modesta.

5 — Quinta-feira — São Mauricio. Santa Berthilde.

6 — Sexta-feira — São Gregorio. São Leonardo.

7 — Sabbado — Santo Amarando. São Florencio.

8 — DOMINGO — *Patrocinio de N. Senhora* — São Deodato.

9 — Segunda-feira — São Raymundo. São Sotero.

10 — Terça-feira — Santo André. São Justo.

11 — Quarta-feira — São Martinho. São Veronio.

12 — Quinta-feira — São Diogo de Alcolá.

13 — Sexta-feira — Santo Arcadio. São Didacio.

14 — Sabbado — Santo Ursino. Santa Veneranda.

15 — DOMINGO — Proclamação da Republica (*Feriado Nacional*) — São Leopoldo.

16 — Segunda-feira — Santo Edmundo. Santa Ignez de Assis.

17 — Terça-feira — São Gregorio. São Hugo.

18 — Quarta-feira — São Maximo. São Othão.

19 — Quinta-feira — Festa da Bandeira — Santa Izabel de Hungria.

20 — Sexta-feira — São Felix de Valois. Santa Francisca.

21 — Sabbado — São Columbano. São Rufo.

22 — DOMINGO — São Mauro. São Philomeno.

23 — Segunda-feira — São Clemente. Santa Lucrecia.

24 — Terça-feira — São Chrisogono. São João da Cruz.

25 — Quarta-feira — Santa Catharina de Alexandria.

26 — Quinta-feira — Santa Genoveva das Ardennas.

27 — Sexta-feira — São Maximo. São Thiago.

28 — Sabbado — São Gregorio. Santo Hilario.

29 — DOMINGO — *1º Advento* — São Saturnino. Santa Ida.

30 — Segunda-feira — Santo André. São Justino.

SAGITTARIO

**31 dias** **DEZEMBRO** **Signo: Capricornio**

1 — Terça-feira — São Cassiano. Santa Natalia.
2 — Quarta-feira — São Leoncio. Santa Aurelia.
3 — Quinta-feira — São Francisco Xavier. São Claudio.
4 — Sexta-feira — São Clemente de Alexandria.
5 — Sabbado — São Geraldo. São Niceto.
6 — DOMINGO — 2° *Advento* — São Nicolau de Bari.
7 — Segunda-feira — Santo Ambrozio de Milão.
8 — Terça-feira — IMMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA.
9 — Quarta-feira — São Leandro. Santa Leocadia.
10 — Quinta-feira — N. S. do Loreto. Santa Julia.
11 — Sexta-feira — São Damasio. São Daniel.
12 — Sabbado — São Donato. São Synesio.
13 — DOMINGO — 3° *Advento* — Santa Luzia.
14 — Segunda-feira — Santo Agnello. Santo Esperidião.
15 — Terça-feira — Santo Euzebio. São Mesmim.
16 — Quarta-feira — São Valentim. Santo Adão.
17 — Quinta-feira — São Francisco de Senna.
18 — Sexta-feira — N. S. do Amparo. Santa Gorgonia.
19 — Sabbado — São Nemesio. São Rufino.
20 — DOMINGO — 4° *Advento* — São Domingos de Siles.
21 — Segunda-feira — São Severino. São Thomé.
22 — Terça-feira — São Demetrio. São Flaviano.
23 — Quarta-feira — São Dagoberto. São Servulo.
24 — Quinta-feira — São Gregorio. São Delphino.
25 — Sexta-feira — NASCIMENTO DE N. S. JESUS CHRISTO — Santa Eugenia.
26 — Sabbado — Santa Estevam. São Marino.
27 — DOMINGO — São Theodoro. Santa Fabiola.
28 — Segunda-feira — Santo Abel. Os Santos Innocentes.
29 — Terça-feira — São Thomaz. Santa Leonor.
30 — Quarta-feira — Santo Hilario. São Sabino.
31 — Quinta-feira — São Silvestre. Santa Paulina.

# O PESCADOR

PROCEDA COMO NA FAXA DE BAIXO.
MARGEM PARA COLLAR A FIG. II
PARA COLLAR.
FIG. I.
VOLTE PARA TRAZ ESTA FAXA BRANCA
E COLLE NAS COSTAS DO DESENHO.
FIG. IV.
A. ROCHA
FIG. II
FIG. III
PIASSAVA COM 0,13.
MODELO DO BRAÇO.
EXPLICAÇÃO — Preguem tudo em cartolina e recortem a canivete. Preguem a fig. II na margem indicada. Antes, porém, abram a canivete todas as barras pretas indicadas por SS. Dobrem para traz as faixas da fig. I e collem-n'as como indicam as notas e façam passar pelas aberturas debaixo e de cima a fig. III, tendo o cuidado de fazer passar, pela abertura vertical do centro, o sapato e o peixe. Colloquem o braço fazendo eixo com uma linha com dois nós e fazendo passar a haste pela abertura do hombro. Essa haste deve entrar na fenda da fig. III A fig. II collocada por ultimo termina o brinquedo. Na mão do pescador deve ser pregada uma piassaba de 13 centimetros de comprimento, com uma linha á guisa de caniço, cuja extremidade inferior prenda o sapato. Essa linha deve ficar conjugada com o movimento da fig. III.

# MACACO SUBINDO

EXPLICAÇÃO — Preguem tudo em cartolina, recor [illegible] em a canivete, e prendam pelas letras os braços superiores e inferiores [illegible] nos seus respectivos logares por meio de eixos feitos a linha com dois nós. [illegible] (Dizemos braços superiores e inferiores porque sendo o macaco quadruman[illegible] o, não possue pernas). Prendam um barbante ás mãos superiores e outro barb[illegible] ante ás mãos inferiores, um elastico pequeno preso ás quatro mãos (como most[illegible] ra o modelo) ligará um barbante no outro e fará approximarem as mãos do ma[illegible] caco.

Prenda-se a qualquer prego ou gancho a extremid[illegible] ade superior do barbante, puxe-se a inferior e ter-se-á a impressão que o ma[illegible] caco está subindo na corda.

BARBANTE

ELASTICO

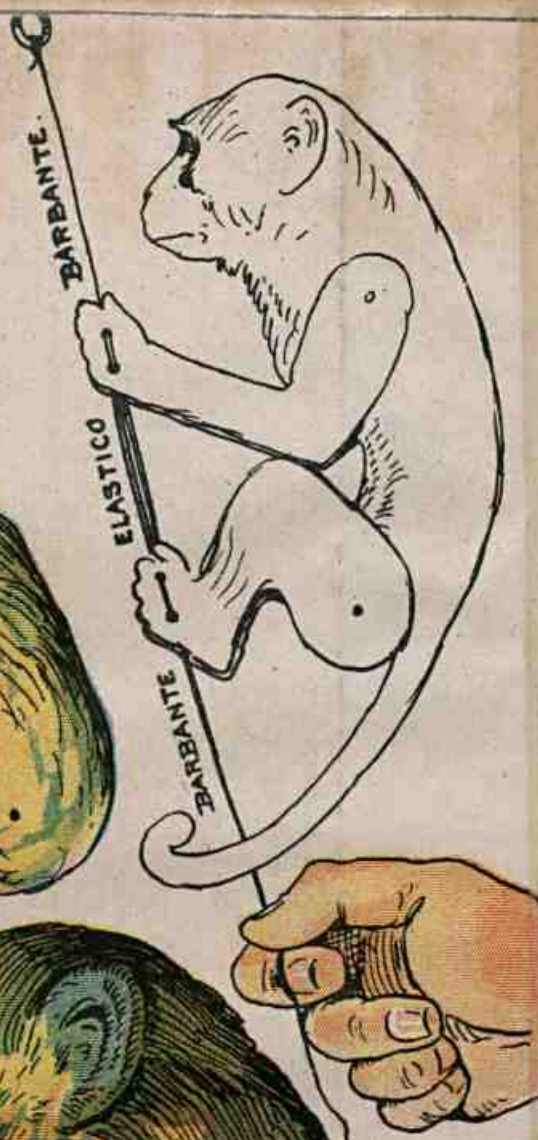
BARBANTE

Braço inferior esquerdo.

Braço superior esquerdo.

Braço inferior Direito.

Braço superior Direito.

A. ROCHA.

O CORTEJO DA RAINHA
No anno de 1756 foi encommendado a um confeiteiro da França um bolo de Reis, que devia ser tão grande no tamanho como saboroso. Esse enorme bolo era destinado ao castello do duque das Abelhas, onde os reis de França...
...deviam ser recebidos em imponente cerimonia. A rainha da festa seria a marqueza das Mariposas, senhora muito rica e de rara belleza.
Para dar mais solemnidade á cerimonia, para a qual toda a nobreza fôra convidada, o duque das Abelhas encommendou seis roupas azues e brancas, destinadas a seis meninos que deviam compôr o...
...cortejo da rainha. Nos vastos salões do castello, esplendidamente decorados, havia grande azáfama; creados iam e vinham carregando bandejas de crystaes scintillantes.
As salas de recepção e de baile estavam maravilhosamente illuminadas a velas em castiçaes de ouro. Na occasião, porém, de se organisar o cortejo, houve um contra-tempo. Um portador chegara e dissera...
...ao duque das Abelhas que os seis meninos que haviam de formar o cortejo da rainha haviam adoecido. O duque, muito contrariado, chamou o mordomo do palacio e disse:
— E' preciso que arranjes, já seis meninos para o cortejo da rainha! — Cumprirei vossas ordens! — respondeu o mordomo.
E afastou-se muito embaraçado. Felizmente, ao chegar ao jardim, viu que uma multidão de garotos se detinha junto ao gradil, para apreciar a festa. O mordomo chamou seis garotos e vestiu-os...
...apressadamente com as roupas azues e brancas. Cada um delles representava uma virtude e traria o nome na roupa. — Tu és a Honestidade! — disse o mordomo a um delles. — Sim, senhor!
— Tu, a Belleza, a Boa Apparencia, a Temperança, etc.
— Sim, senhor! — responderam os garotos.
— Fiquem ahi esperando que eu os chame!
Mal o mordomo virara as costas, os garotos espalharam-se pelo castello commettendo diabruras. Um delles foi surprehendido roubando colheres e com os bolsos cheios de doces.
Chamado deante do duque e da duqueza, esta o interrogou: — Que virtude representas? — A Honestidade. A resposta foi recebida entre risos.
— Não se podia escolher melhor interprete! disse a duqueza. Os risos redobraram e o garoto foi immediatamente posto fóra do palacio.
Logo depois foi trazido á presença do duque outro garoto, muito feio e abobalhado. — Quem és? — perguntou o duque. — Sou a Belleza! — respondeu o garoto.
Depois, outro garoto, com o rosto e as mãos muito sujas, foi trazido á presença do duque. — Que virtude representas? — Eu sou a Boa Apparencia. Os convidados riam-se perdidamente.
Por fim foi apresentado ao duque o ultimo dos garotos, que comia como um alarve.
— Que virtude devias representar? perguntou-lhe o duque. — A Temperança! — respondeu o garoto.
Excusado será dizer que as "Virtudes" foram immediatamente expulsas do palacio.
A entrada da rainha fez-se sem o cortejo das virtudes, mas com um sequito de...
...nobres lançando ainda alegres da ... os garotos haviam ... festa. Os reis, o duque das Abelhas ...
...marqueza das Mariposas desfilaram, assim, pelos salões do castello ao som da orchestra, porque naquella época os reis não podiam entrar em castellos sem o cerimonial dos cortejos.

# O ELEPHANTE

De todos os animaes que vocês têm visto no Jardim Zoologico e nas companhias de saltimbancos, o elephante é um dos mais curiosos e habilidosos. A habilidade do elephante é tal que o torna capaz de se igualar ao macaco, o imitador celebre dos gestos do homem.

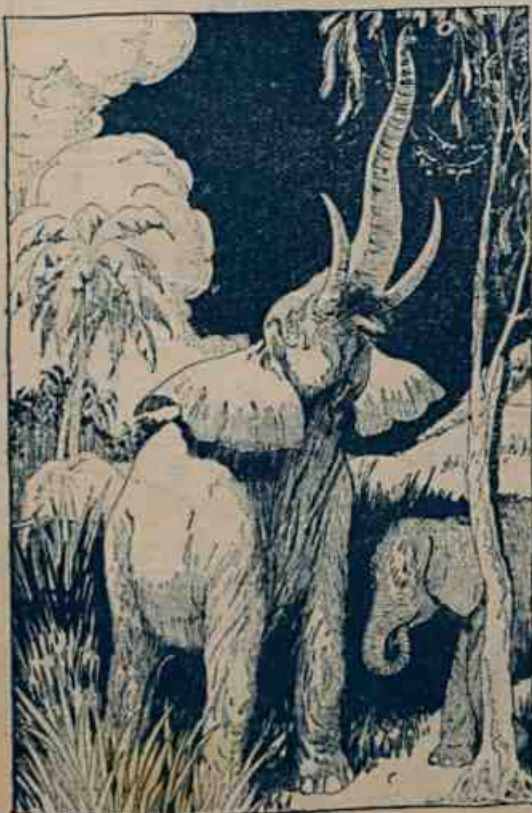
Docil, muito intelligente, quando apanhado nas florestas na primeira idade, aprende com espantosa facilidade tudo que se lhe ensina.

Quando vocês estudarem historia natural vão saber que o elephante é um mammifero proboscideo, o maior dos quadrupedes de pelle rugosa.

O elephante não é um animal que se encontre em todos os paizes do mundo, como o cão, o gato, o boi e o cavallo. Elle existe na Africa, na Asia tropical e no archipelago de Sonda. Attinge, em geral, cinco metros de altura e suas defesas, que chegam a pesar cem kilos, são o marfim, que é objecto de commercio manufacturado em cabos de facas, caixas, figas e mil outros artefactos.

Na China e no Japão existem grandes fabricas de manufactura de objectos de marfim.

O elephante é um animal herbivoro, isto é, se alimenta de fructos e folhas e vive, nas florestas, em grandes manadas, terriveis quando são atacadas. Geralmente apanham-se os elephantes por meio de armadilhas. Captivo embora, o elephante tem uma existencia de cento e vinte a cento e cincoenta annos.

Na Asia e na Africa utilisam-se os elephantes no transporte de madeiras e cargas.

# CANÇÃO DO ESCOTEIRO

## A' JUVENTUDE BRASILEIRA

MUSICA DE TAVARES DE FIGUEIREDO

LETRA DE JAYME D'ALTAVILLA

1º

Cultivando a força e o brio
Para as luctas do porvir,
Nós sabemos que o segredo
Da victoria é resistir. } *Bis*

*Estribilho*

O' Mocidade
Alviçareira,
Valor da Patria
Brasileira.
Em continencia,
Em reverencia,
A' nossa linda
Verde bandeira. } *Bis*

2º

Nossa Patria abençoada
Possue em cada escoteiro
A semente poderosa
De um soldado brasileiro. } *Bis*

*Estribilho*

O' Mocidade
Alviçareira,
etc., etc.

3º

Pelo lemma do escotismo
Iremos sempre a marchar.
Quer-se a raça altiva e forte
Para a lucta supportar. } *Bis*

*Estribilho*

O' Mocidade
Alviçareira,
Valor da Patria
Brasileira.
Em continencia,
Em reverencia,
A' nossa linda
Verde bandeira. } *Bis*

4º

Nosso passo rythmado
Sobre este sólo querido,
Torna o Brasil mais fecundo,
Torna o Brasil mais florido. } *Bis*

*Estribilho*

O' Mocidade
Alviçareira,
etc., etc.

# NOITE MARAVILHOSA DE NATAL

A noite, lá fóra, corria doce e calma, numa scintillação maravilhosa de estrellas, enchendo todo o espaço de uma suavidade celestial. E a voz dos sinos, grave, ecoando pelos valles e serras, annunciava a todos a noite do Natal do pequeno Jesus.

No alto, a via-lactea, como restea de luz, toda scintillante, numa palpitação de estrellas, era uma como estrada encantada de magia. E, na ineffavel doçura daquella noite sagrada, pairava, de azas brancas e puras, a alegria estonteante dos corações.

A' margem do lago, espelho da natureza, numa contemplação infinita, uma esguia cegonha, á claridade da noite, se perdia, talvez, num sonho de tristeza...

A aragem, como uma harpa tristonha que gemesse eternamente, cantava, no bulicio das folhas, a symphonia sempre grande da Natureza.

No azul, alva, toda de neve, vogava a lua crescente, nimbada de um halo luminoso. Proxima á matta gargalhante, se erguia uma casinha muito humilde, onde moravam dois velhinhos, cujas almas, puras e boas, guardavam a saudade indelevel de sua mocidade. O velhinho, Paulo, — como se chamava — dedicava uma affeição extremosa á alma sempre boa de sua mulher, Maria Eunice, e, juntas, pareciam dois invernos, numa mesma saudade da primavera. Encantados pela suavidade da noite, os dois velhinhos foram para a janella, com os corações, talvez, cheios de saudade e de recordações.

E, a olhar para a capellinha que alvejava ao longe, sentiam, na alma, ainda, a recordação dolorosa da felicidade de um tempo que se foi.

Lá fóra, á luz magestosa e vaga do firmamento, a brisa sacudia a coifa verde das arvores, e trazia, de longe, um perfume dulçuroso de verbenas.

E alli ficaram os dois velhinhos, num encantamento sem fim, a recordar as alegrias mortas de um tempo que não volta.

Paulo, de alvas barbas de neve, o rosto sulcado de rugas, todo cheio de saudades, dizia:

— Maria Eunice, não te traz recordações a magia desta noite? Não te lembras da infancia passada?

E Maria Eunice, toda absorta no esplendor daquella noite harmoniosa, falou-lhe, commovida:

— Meu querido Paulo, — por que não me hei de lembrar de minha infancia, por que não me lembrarei daquelles dias feitos de luz e rosas, daquella primavera que nos parecia sempre eterna e cujos encantos nos inebriavam a alma, transportando-nos, em extase, para as regiões da fantasia? Seria

para mim, que tantas saudades tenho de minha infancia, uma tristeza, se não pudesse recordar aquelles tempos de felicidade, de paz, de alegria e de amor!

— Sim, Maria Eunice, — eu bem sei que guardas, ainda, na alma, o brilho de tua mocidade, esse brilho que se apaga para todos. Eu tambem tenho, dentro d'alma, a symphonia sempre sonora da minha saudade, das minhas recordações... E' o perfume de uma flôr que morreu, flôr cujo aroma nos affaga na vida.

E a voz grave e sonora dos sinos continuava a cantar, pela noite festiva do Natal, acordando, no coração de cada um, as lembranças dos instantes felizes que passaram. E, alta, na gloria do azul, vogava a lua, enchendo a noite de luz, numa palpitação immensa de esplendor.

A fonte, que corria pela matta frondejante, cantava, na sua voz de aguas rolando, a canção sempre eterna da belleza, a canção maravilhosa da Natureza.

Ao effluvio das flôres, casava-se o farfalhar da matta: as folhagens das arvores, vestidas de hera, entrelaçadas de cipós, impellidas pela brisa, murmuravam a cantiga mysteriosa das frondes, cantiga que enternece os corações.

Os pyrilampos, num vaguear incessante, luzindo, a medo, as suas lampadas de esmeralda, illuminavam o seio verde da matta, e scintillavam pela quietude do ambiente.

E a noite de Natal corria doce e calma, numa infinita paz feita de prece e alegria, illuminada de estrellas e de pyrilampos. Perdidos num doce enlevo, commovidos pela alegria solemne e grandiosa da noite de Natal, Paulo e Maria Eunice contemplavam, extasiados, a paizagem distante da aldeia illuminada; e sentiam, na alma, toda tristeza, uma suavidade vaga.

Parecia-lhes a elles que a alma eterna da Natureza, numa orchestração maravilhosa, celebrava o devaneio dos seus corações.

Rompendo o silencio, Paulo falou:

— Maria Eunice, é triste a velhice; é o inverno com os seus rigores; o cabello se torna todo de neve, e entra-nos dentro d'alma, talvez amargurada, a tristeza da bruma.

Porém, para que chorar a mocidade, se ella não volta mais?

Se a noite de Natal guarda tanta belleza para os nossos corações e tantas recordações nos traz, festejemol-a nós, a quem a velhice entristeceu.

Festejemol-a, pois, a noite sagrada, em nossas almas.

E, ajoelhados, de olhos no céo, rezaram uma prece ardente.

E sentiram, então, um contentamento suave penetrar-lhes na alma.

E, á alegria garrula e bimbalhante dos sinos, á voz doce e triste da Natureza, celebraram, em seus corações, o Natal do pequeno Jesus.

Alta, no azul do céo, a lua continuava a brilhar, em meio da gloria de luz das estrellas.

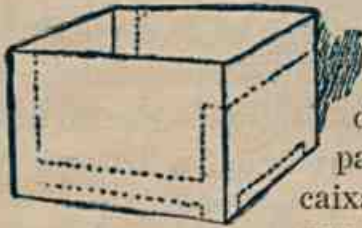
E, abraçados, num congraçamento harmonioso de amôr, á luz maravilhosa da noite de Natal, poisava, na alma dos velhinhos, com as azas brancas abertas, o anjo esplendoroso da felicidade...

LUIZ JORGE MORATO

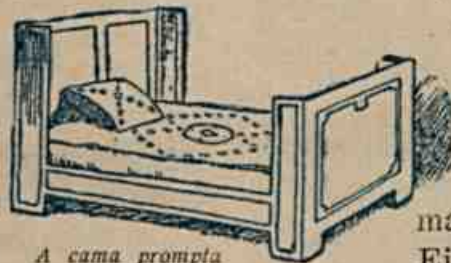
TRABALHOS MANUAES

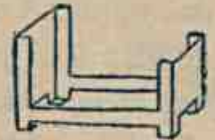
# COMO SE FAZ UMA CAMA DE BONECAS

Com uma caixa de cartão póde fazer-se uma bonita cama de bonecas. O tamanho da cama depende das dimensões da caixa, a qual deve ter de altura metade, pelo menos, do comprimento.

A largura não importa tanto; tudo se reduz a ficar uma cama de pessoa só ou de casados. Tirada a tampa, desenha-se na caixa o modelo indicado com linhas de pontos numa das nossas gravuras. Antes de recortar o cartão, devem traçar-se as linhas para ficarem rectas e parallelas, o que se consegue pondo a caixa na extremidade de uma mesa ou mettendo-lhe uns livros dentro, afim de que os lados da caixa offereçam uma superficie firme que permitta o emprego de uma regua para o traçado das linhas.

*Como se deve cortar a caixa de cartão.*

Como se vê pelos desenhos, recortam-se as bordas inferiores da caixa para formar os pés, deixando uns quadrinhos na parte inferior (veja-se o desenho mais pequeno) que servem para dar maior base de apoio.

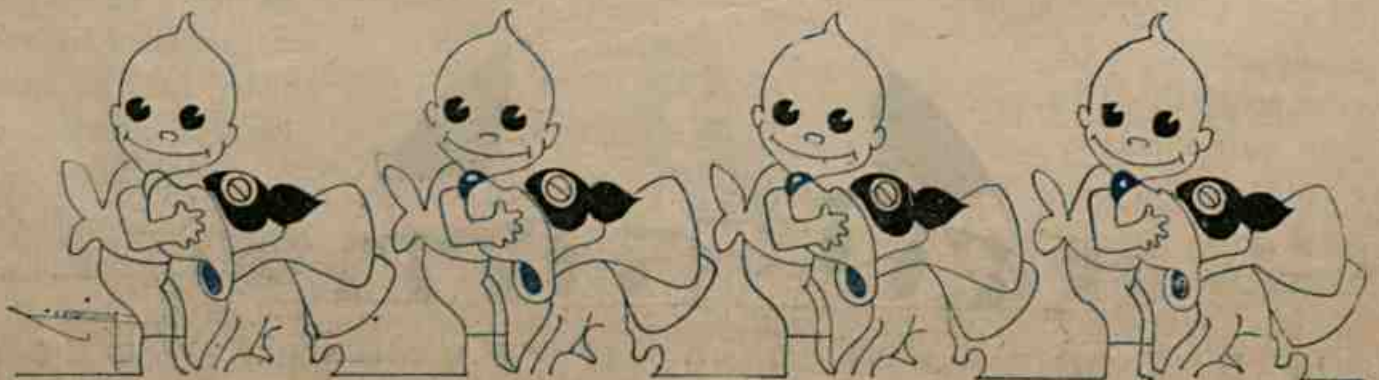
A cabeceira da cama deve ser um pouco mais alta que o lado dos pés. O taboleiro, digamos assim, para sustentar os colchões, faz-se com um pedaço de cartão um pouco mais estreito do que a cama e sufficientemente comprido para se dobrar pelas pontas e recortar-lhe uns pés de altura tal que o taboleiro não appareça por cima dos alizares da cama.

*A cama prompta*

Estes pés pegam-se á parte interior dos outros pés da cama. Para dobrar o cartão com facilidade passa-se a ponta de um canivete pela linha da dobra, carregando ligeiramente para que deixe um sulco pouco profundo, e para cortar o cartão pica-se a linha do córte com uma agulha grossa, formando uma linha de buracos que facilitam immensamente a operação. Em seguida, igualam-se as bordas com uma tesoura

*A cama recortada e o enxergão*

Os colchões e as almofadas podem fazer-se de papel de jornal forrado de papel de seda e os lençóes, de papel branco fino.

Para as almofadas empregam-se os mesmos materiaes, caso a roupa da cama se não queira fazer de panno verdadeiro.

Para o leito fazer melhor vista, póde-se decorar segundo o gosto do fabricante, pintando o cartão da côr que mais lhe agradar.

Eis ahi como as nossas amiguinhas podem dar ás suas bonecas uma cama de luxo e sem precisar gastar... nem mesmo a prestações...

# OS CÃES

**Conto de Mario Sette**

No engenho, fosse nas visinhanças da "casa grande", fosse pelas estradas vicinaes, nunca se via Adherbal sem os seus dedicados companheiros — dois cães de pello negro, lustroso, caudas felpudas, muito atilados e farejadores.

Eram, de facto, os amigos de Adherbal, cuja companhia o menino apreciava, preferindo-a á de outras creanças malcreadas e de máos costumes.

Dois annos atraz, Adherbal, que era filho do administrador do engenho, encontrara perto do açude um trabalhador que levava dois cachorrinhos recem-nascidos.

— Que é isso, Felippe?

— São dois cachorrinhos, "seu" mocinho.

— Para quem?

— Para sacudir n'agua.

— O que!! Afogar os bichinhos?

— E *entonce!!* Eu quero lá essas "ruindades" na minha casa, *móde* comer pirão!!

Adherbal, apiedado, querendo evitar a morte dos animaes, pediu-os ao trabalhador e levou-os comsigo, criando-os desde aquelle dia com todo carinho. E os cães cresceram sempre devotados ao seu salvador.

Eram valentes e fortes, porém nunca atacavam a quem lhes não fizesse mal.

Ai! daquelle, no entanto, que mesmo por gracejo ameaçasse o menino! Partiam, investiam, como si fossem dois tigres.

Houve um anno de rigoroso inverno. No engenho, com as chuvas de semanas a fio, transbordou o açude, e o rio que passava perto, trazendo as cheias do alto sertão, corria grosso, trazendo barrancos, troncos, moveis, destroços de mucambos...

Só se falava nas enchentes causadoras de uma porção de mortes e de incalculaveis prejuizos.

Dias depois, baixadas as aguas, mas ainda com bastante correnteza, Adherbal, que desobedecera aos conselhos paternos, foi até á beira do rio, despiu-se sob a copa de uma ingazeira, e, sem reflectir, sacudiu-se n'agua.

Os cães, que sempre o acompanhavam nos banhos, ficaram naquelle dia sentados á margem, prudentes, desconfiados, de orelhas em pé e olhos fitos no dono.

Adherbal, galhofeiro, chamava-os, d e b a l d e.

Mas, inesperadamente, a correnteza arrastou-o. O menino quiz lutar, quiz nadar... Gritou, cheio de medo... Gritou outra vez mais forte.

Os cães, ouvindo-o, atiraram-se ao rio. De movimentos ageis, approximaram-se de Adherbal, um pela frente, tentando conter o arraste do corpo, outro, pelo lado, empurrando a creança para a margem.

E conseguiram alcançar um remanso, salvando o amiguinho, pagando-lhe a divida de outro salvamento, — quando trabalhadores de engenho, que haviam percebido os gritos de Adherbal, chegavam anciosos e assustados á beira do rio.

Do *"Terra Pernambucana"*

A PHYSICA RECREATIVA

# O ASSUCAR QUE BOIA E O PEIXINHO DO MAR

Duas curiosas experiencias de physica podem vocês fazer deante de muitas pessoas que as julgarão passes de magica. A primeira dellas é fazer boiar um *tablette* de assucar. Annunciem essa façanha que é facil. Para isso embebam, com o auxilio de uma pinça, varios *tablettes* de assucar numa solução de collodio. Deixem seccar os *tablettes* durante dois dias para que todo o ether se evapore. Isso feito segurem num copo cheio de agua e atirem dentro um *tablette*. Este irá logo ao fundo mas ao cabo de alguns segundos voltará á superficie d'agua e boiará.

*O assucar que boia*

*O peixinho do mar*

Não é de facto o assucar que boia (que já se diluiu na agua) mas a fina camada de collodio que o envolveu. Como essa camada tem a côr do assucar, todos ficarão acreditando na magica.

A outra experiencia, a do peixinho do mar, consiste no seguinte: Tomem um pedaço de madeira leve e deem-lhe a fórma de um prisma triangular. Esse prisma será o peixe, pintando vocês duas faces, escamas e guelras e deixando uma, que será a barriga, sem pintar.

Digam, então aos assistentes que esse peixinho é do mar e não póde viver n'agua doce. Colloquem depois o peixinho numa cuba com agua bem salgada e vel-o-ão boiar, com o dorso emergindo, como se fosse um peixinho de verdade. Tirem, logo em seguida o peixinho de dentro da cuba com agua salgada e mettam-no noutra cuba cheia d'agua doce. Verão, então, vocês o peixe boiar, não como anteriormente, mas com o ventre para cima, tal qual um peixe morto. A explicação é simples: — um prisma de madeira leve boia na agua com uma das faces parallelas ao nivel do liquido porque o seu peso não lhe daria equilibrio numa das arestas. Se o prisma fosse pesado, entraria para baixo. Ora, em consequencia da differença de densidade da agua doce e da fortemente salgada, o peixinho é mais leve na agua salgada do que na doce. Dahi a differença de suas posições em cada um dos dois liquidos.

# O MACACO CASTIGADO

UM macaco queria atravessar um rio, mas não tinha uma ponte nem uma canôa que o transportasse. E estava muito triste a pensar, quando viu nadando dois hippopotamos.

— O' bellas creaturas! Vocês são os primores destas terras, e para que possam ser os bichos mais bellos do mundo só lhes falta uma cousa!

— Que será? — perguntaram, envaidecidos, os hippopotamos.

— E' levarem-me no dorso até a margem fronteira deste rio!

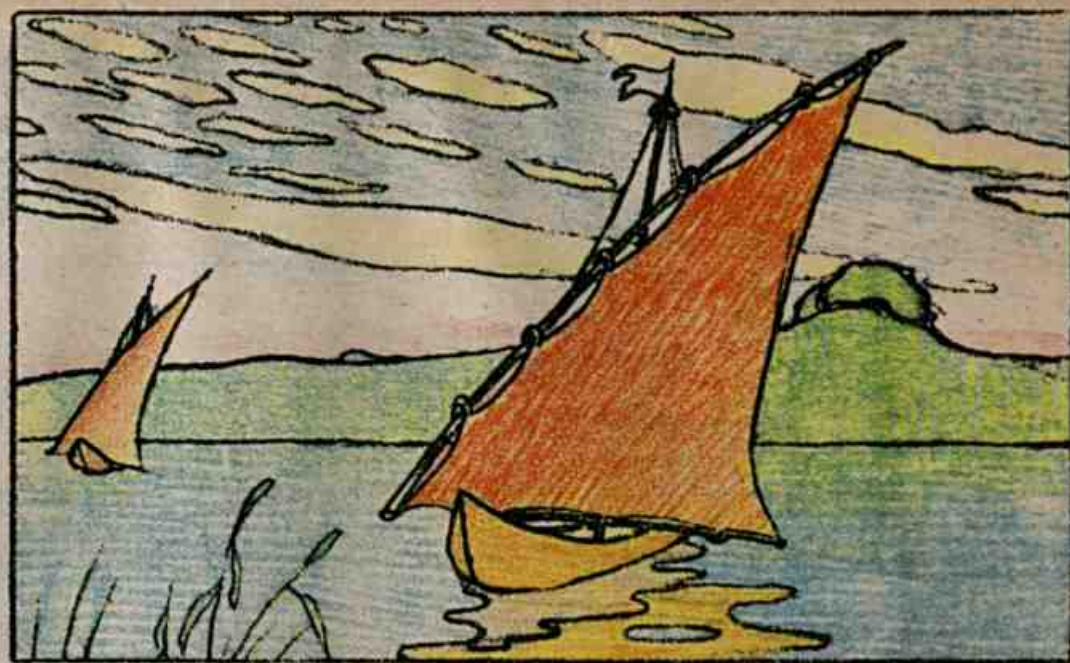
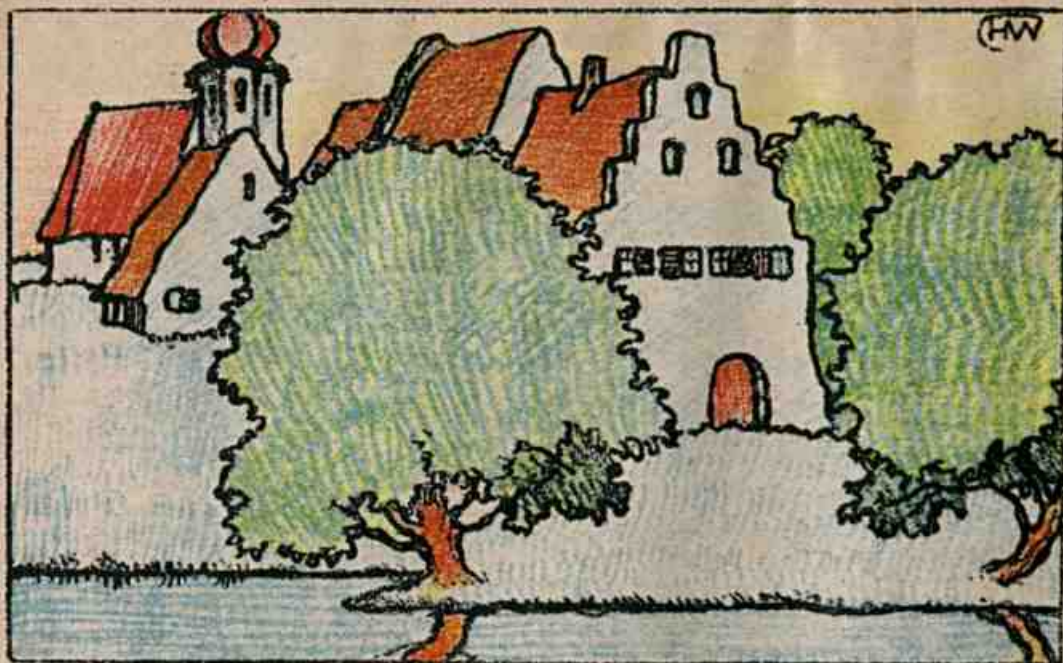
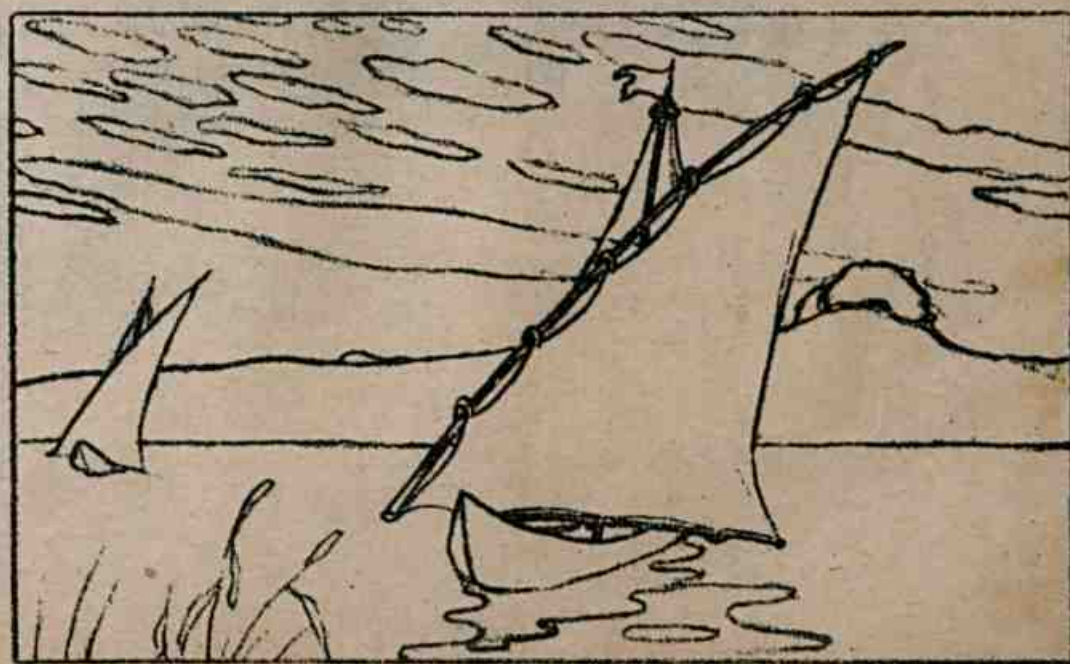
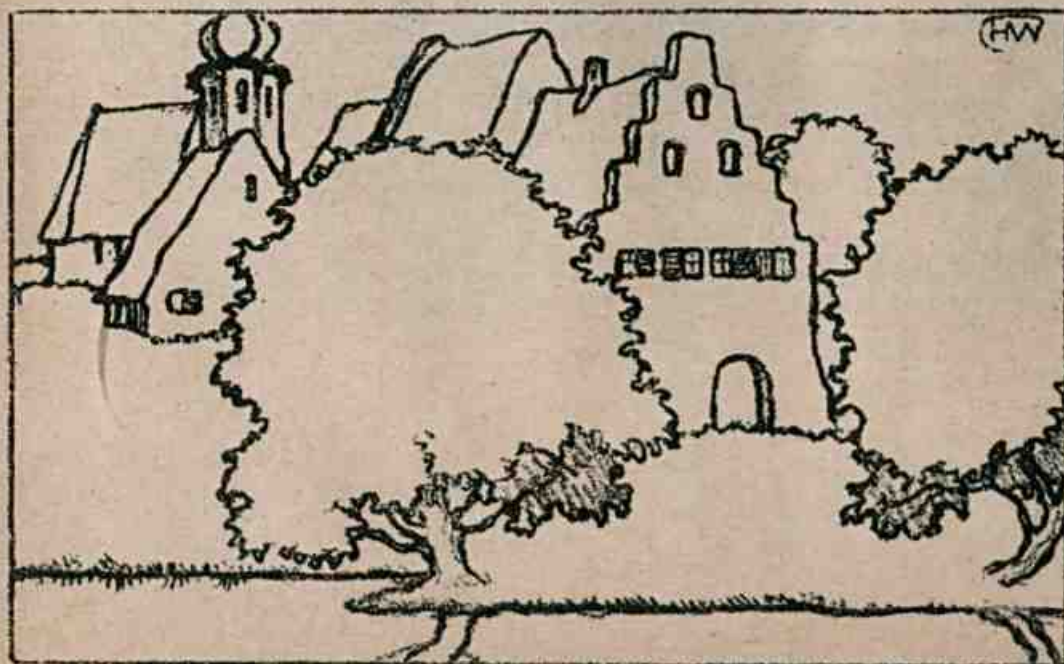
— Pois não, amigo macaco, com muito gosto! Póde pular para as minhas costas.

O macaco não esperou que o hippopotamo que assim falava reiterasse o convite. Deu um salto e sentou-se no dorso do hippopotamo, que começou a nadar em direcção á margem opposta do rio, ouvindo louvores immensos do esperto macaco.

Quando o hippopotamo estava a poucos metros de terra, o macaco trocou os louvores que vinha fazendo por pilherias e poz-se a maltratar o conductor.

O hippopotamo resolveu dar, então, uma lição ao macaco: — pôz-se a submergir a parte trazeira do corpo, obrigando o macaco a se approximar da cabeça.

Quando o insolente macaco estava bem sobre a cabeça do hippopotamo, este abriu desmesuradamente a bocca e o enguliu.

# DESENHOS PARA COLORIR

A lapis de côr ou aquarella, os leitores d'**O Almanach d'O Tico-Tico** devem colorir os dois quadros de baixo, obedecendo ao colorido dos de cima

# AS ROUPINHAS DE LILI

**Explicação:** — Collem as figuras 1 e 1 bis em cartolina e juntem-nas com excepção da parte branca dos pés que, voltadas, devem ser colladas no pedestal para que a boneca possa ficar de pé. As roupinhas, depois de colladas em cartolina fina devem ser dobradas nas linguetas brancas, afim de serem vestidas em Lili.

# AS SEREIAS

No principio do mundo, em todos os recantos da terra, em todas as paragens do céo e em todos os pontos do mar havia palacios de ouro e nacar, sempre illuminados pela luz das estrellas. Nesses palacios moravam as fadas e as sereias. As fadas eram louras e de rara belleza e differiam das sereias sómente no corpo. Estas tinham metade do corpo em fórma de peixe, aquellas não.

Dois irmãos, Rosinha e Julio, ouviram a avósinha contar uma historia maravilhosa de sereias que andavam a bailar nas ondas irrequietas do oceano. E á noite, quando foram dormir, pediram á fada *Bondade* que os fizesse vêr, um dia, as sereias do mar côr de esmeralda. E logo que seus olhinhos se fecharam num sonho calmo e innocente, a fada *Bondade* apparecia e levava-os para uma gondola cheia de flores que se balançava nas ondas de um mar de espumas côr de prata. Rosinha e Julio sentiram-se felizes a bordo da florida embarcação e mais encantados ficaram quando viram surgir das ondas a maravilhosa sereia de que lhes falara a avósinha.

E a musica mysteriosa de uma flauta de ouro, tocada pela sereia bailarina, por muitas horas encheu de enlevo os dois irmãos, Julio e Rosinha.

CURIOSIDADES DOS ANIMAES

# EXTRANHOS MODOS DE COMER

Vocês já têm visto muitos animaes comerem e, certamente, observaram as curiosas maneiras que cada um delles tem de comer. O elephante, vêem-no vocês tomar o alimento com a tromba, que é nariz dos pachydermes, tal como nós tomamos com as mãos para leval-o á bocca.

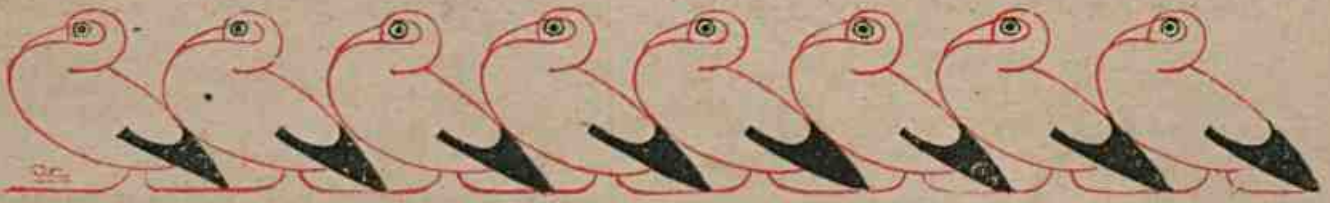
Agora, o que diriam vocês se alguem lhes dissesse que ha animaes que comem com as costas, com os hombros, com qualquer parte do corpo, emfim? Naturalmente dariam uma risada de incredulidade. Pois andariam muito mal se tal fizessem. Ha animaes que comem com as costas.

O amibo, ou amiba, é um troço de gelatina vivente. Se encontra comida á direita, por exemplo, surge-lhe do corpo um braço gelatinoso que agarra o alimento e o engole, desapparecendo em seguida. Se a comida se apresenta na frente ou por traz, surgem novos braços para apanhal-a e engulil-a e sempre desapparecem como por encanto assim que cumprem a sua missão.

A dizer a verdade, o homem e o macaco são os unicos sêres que pegam na comida com as mãos, mas os caranguejos, á falta deste elemento, empregam as pinças para esmiuçar os peixes e os animaes marinhos que lhes servem de alimento e levam-os para a bocca aos pedaços.

Os ratos costumam pôr-se de cocoras para levar a comida á bocca com as patas deanteiras e outro tanto fazem os esquilos. Observa-se tambem o mesmo costume em muitos outros quadrupedes.

Os peixes encontram-se em má situação para comer, porque as barbatanas não lhes servem exclusivamente senão para nadar. Todavia, alguns peixes como os de côr, sabem pegar muito bem na comida. O peixe, para respirar, sorve a agua com a bocca e deita-a pelas guelras. O peixe de côr, quando vê um vermezinho que lhe agrada, attrahe-o para a bocca chupando e engole-o.

O modo de comer das lagartas é muito curioso. Se uma dessas larvas tivesse de comer uma fatia de pão torrado, em vez de a collocar do lado chato como nós a collocamos para a trincar, collocal-a-ia de pé, porque tem a bocca em sentido vertical e não horizontal como nós.

# A AVÓ

De Olavo Bilac

*A avó tem oitenta annos,*
*está tão fraca e velhinha...*
*teve tantos desenganos:*
*ficou branquinha, branquinha,*
*com os desgostos humanos.*

*Hoje, na sua cadeira,*
*repousa pallida e fria*
*depois de tanta canseira,*
*e cochila todo o dia,*
*e cochila a noite inteira.*

*Ás vezes, porém, o bando*
*dos netos invade a sala.*
*Entram rindo e papagueando:*
*este briga, aquelle fala,*
*aquelle dansa, pulando...*

*A velha acorda, sorrindo,*
*e a alegria a transfigura;*
*seu rosto fica mais lindo,*
*vendo tanta travessura,*
*e tanto barulho ouvindo.*

*Chama os netos adorados,*
*beija-os, e, tremulamente,*
*passa os dedos engelhados*
*lentamente, lentamente*
*por seus cabellos dourados.*

*Fica mais moça e palpita,*
*e recupera a memoria,*
*quando um dos netinhos grita:*
*"O' vóvó! conte uma historia!*
*Conte uma historia bonita!"*

*Então, com phrases pausadas*
*conta historias de chimeras,*
*em que ha palacios de fadas,*
*e feiticeiras e feras,*
*e princezas encantadas...*

*E os netinhos estremecem,*
*os contos acompanhando,*
*e as travessuras esquecem*
*até que, a fronte inclinando*
*sobre o seu collo, adormecem.*

---

A bocca das borboletas é um tubozinho ou tromba diminuta e, portanto, não podem comer nada solido; todo o seu alimento se reduz a agua, succos vegetaes e mel.

O tritão é um reptil que só póde comer devorando. Quando apanha um verme agarra-o com a bocca por um extremo e vae-o devorando até o engulir completamente. Mas ás vezes acontece que em vez de verme apanha uma minhoca excessivamente comprida e quando a tem já devorada até ao meio não póde engulir mais e vê-se obrigado a expellir tudo o que lá tem dentro.

Os sapos e as rãs são muito espertos. Quando vêem esvoaçar á roda delles uma mosca ou outro insecto, deixam-se ficar immoveis como se fossem de pedra até que a victima se approxima delles, momento em que se ouve um pequeno estalido como o que poderia produzir o salto da rolha de uma diminuta garrafa de *champagne*, e o insecto desapparece instantaneamente, pegado a uma comprida e viscosa lingua que sae e entra na bocca do batrachio com uma velocidade tão pasmosa que quasi se não vê.

E como os sapos as cobras e as lagartixas, tão conhecidas de vocês.

A'S CREANÇAS PATRICIAS

# SONHO DE NATAL

ELISINHA, aquella interessante creaturinha de cabellos louros e olhos azues, era o encanto subtil da abastada e honesta familia Graça, do Desembargador Justo da Graça, velho e sisudo magistrado da "Côrte de Appellação". Meiga, buliçosa e trefega, tinha, nos olhos vivissimos, a expressão constante de uma innocencia pura. Espiritosinho intelligente e investigador, onde quer que os seus olhinhos prescrutadores alcançasse, logo surgia a interrogação. Tão pequenina, tão graciosa e espirituosa — era um encanto!

Chegára a vespera de Natal, e queria, a fina força, saber, na sua ingenuidde curiosa, onde morava o papá Noel, aquelle velhinho de barbas longas e muito alvas, que vinha rodeado de meninos n'*O Tico-Tico*, e que o vôvô dizia trazer presentes ás creanças, em dia de Natal. A que horas viria elle?... Pois, queria esperal-o Que presente lhe traria?... Onde estava o Menino Jesus?... Porque elle nascia todos os annos?...

Então, o circumspecto Desembargador, num beijo de caricias lhe disse, animadoraramente, que nesse dia era a Missa do Gallo e o papá Noel havia de trazer-lhe um mimoso presente e que nessa occasião ella o veria. Ficasse quietinha, não perguntasse mais nada, fosse brincar com as outras creanças no terreiro, á luz da Lua, até chegar a hora da ceia, onde o Menino Deus havia de sentar-se á mesa e distribuir com ella, Elvirinha, Marieta, Ruth e todas as suas amiguinhas lindos brinquedos. Radiante, sahiu, espinotando, cantarolando uma cantiga infantil, ridente, travessa e feliz. Iria brincar até á hora da ceia. Havia de conhecer o amiguinho gentil das creanças — o bom velho Noel. Daria preferencia a uma boneca de que a todos os bonbons. Queria uma boneca grande, de olhos verdes, cabecinha cacheada e loura, que soubesse dizer: "papá! mamã!" Daquellas que ella vira nas vitrines da Avenida Rio Branco e que o vôvô lhe promettera se aprendesse a Cartilha. Os serões, em casa do Dr. Justo, nas noites de Natal, Anno Bom e Reis, eram animadissimos. A sua virtude religiosa estava acima de tudo. As melhores familias do bairro concorriam solicitas, captivas á lhaneza incomparavel de tão magnifico tracto, peculiar qualidade daquella distincta familia. Muitas meninas, muitas moças, rapazes, matronas e muitos velhos de sobrecasacas compridas, collarinhos duros, peitilhos lustrosos, cravo roseo á lapella, panças obesas, lá se achavam estoicamente ridiculos, convencionaes, aos grupos, segredando indiscreções, tocando a vida alheia, falando em politica, em jogo e outras leviandades.

Lá fóra, ao clarão da Lua, as creanças cantavam infantilidades sonoras, numa vozeria animada, de que de lá de dentro da chacara se ouvia o côro dolente, como um unisono gorgeio.

> Quasi que perco o bahú
> Bahú!... Bahú!...
> Por causa do remador.
> Do remador!...
> Que remou contra a maré.
> Contra maré!...
> Quasi que não tomo o pé.
> Não tomo pé!...

E era de Elisinha, da enthusiasta Elisinha, uma das vozes que mais se exaltavam pelo estridor da garganta vibrante. Gargalhadas estrepitosas, alegres, francas, estridulavam no ambiente, como uma explosão de perfumes do céo. Era a pureza, rindo, num riso zombeteiro e sublime, da podridão, da miseria, do cynismo, da hypocrisia, da caricata humanidade. Era a verdade a estigmatisar, num riso todo aroma e candura, a mentira vil dos homens, a dubiedade dos caracteres, a justiça venal, o egoismo immoral, a consciencia medrosa e vendavel, a honra maculada, o pudor idiota e a sociedade corrupta e convencional.

Sómente na voz daquelle bando de garças argentinas a verdade resplendia impolluta, authentica e rutilante.

Já havia tocado o primeiro signal da grande *Missa*, quando as creanças foram chamadas á mesa, em cujo centro imperava uma bonita arvore de Natal com bonbons de chocolate, bonequinhos de celuloide, de papel, sombrinhas frizadas, suspiros em sacolas rendadas, calungas, pharóesinhos polychromos accesos, polychinellos de bigodes compridos e pernas longas, mil cousinhas interessantes dependuradas pelos galhos verdes daquella arvore symbolica e sagrada.

Elisinha, muito irriquieta, pergunta da cabeceira da mesa:

— Vôvô, onde está o papá Noel? Vôvô não disse que elle vinha hoje aqui, na hora da ceia? E o Menino Jesus? onde está?

Terminada a ceia, a familia Graça foi á *Missa do Gallo* e Elisinha foi deitar-se já tonta de somno.

Quando o Dr. Justo voltou da missa, já Elisinha, mergulhada nos seus finos lençóes, com a cabecinha loura desgrenhada, alava pelo paiz das fadas, no carro nebuloso do sonho. Collocou o Dr. Justo uma linda boneca, de cabecinha loura, sobre o peito de Elisinha, cruzando os seus niveos bracitos por cima da irmãzinha.

Elisinha encontrava-se, então, num magnifico jardim, onde flôres de todos os matizes olhavam-n'a com admiração e inveja, quando um menino de cabellos compridos e quasi louro pegou-lhe, delicadamente, pelos bracinhos e convidou-a a passear como os moços *almofadinhas* fazem com as *melindrosas*, na *Avenida*. E andaram muito... muito... até sahirem das casas...

Agora era um logar limpo, só de areia. Não havia casas; nem creanças; ninguem; só ella e o seu companheiro alegre e bom. Avistaram, muito ao longe, uma caravana pachorrenta, que cada vez mais se afastava, nas longinquas ondulações de areia. Viram, emfim, oasis pittorescos, altas pyramides, outras e outras caravanas, romeiros da *Terra Santa*. Abandonando o deserto penetraram na floresta. Elle a convidou para se casarem. Ella acceitou e partiram, para o paiz encantado, de onde elle era rei, por um bosque, onde as fidalgas arvores eram feitas de luz, as folhas de esmeraldas, as flôres de ouro, os fructos de rubis, saphyras e topazios.

Sentaram-se num carro de nuvens azues, em fórma de concha, forrado de lentejoulas e arminho, almofadas de renda e seda, marchetadas de brilhantes, e puxado por tres casaes de cysnes brancos e altivos. Os caminhos que se abriam eram alamedas sem fins ladeadas de arvores frondosas e amigas, donde choviam flôres, cujas essencias inebriantes embalsamavam o ar alegrando a Natureza. As cascatas deixavam ouvir o cantochão melodico das aguas claras a cahirem sobre o lagedo do alto das montanhas, no seio fecundo da floresta. Os rios eram serpentes fabulosas de prata, que iam sedentas engulir o mar, lá muito distante. Os passaros numa orchestração magnifica trinavam seratas classicas, inimitaveis, clarissimas...

A carruagem nupcial, lá ia rolando pela Via Lactea da Esperança, coberta por uma enorme constellação, como um pallio de luz.

Naquelles reinos famosos por onde passava a carruagem divina, legiões extaticas, respeitosas, enlevadas, curvavam-se numa venia patriarchal de respeito ás cousas sagradas.

O seu noivinho lhe dissera que tudo aquillo era delle; que elle era o rei de todos aquelles reis, o senhor de todos aquelles senhores, o juiz de todos aquelles juizes, o suzerano de todos aquelles suzeranos.

E Elisinha começou a sentir que o carro subia um aclive

## Quantas pulsações têm vocês

E' possivel determinar as pulsações de cada pessoa, em estado de saude, já se vê, em um minuto? E' sim. O pulso depende inteiramente dos movimentos do coração, correspondendo uma pulsação a cada contracção do ventriculo esquerdo desse orgão.

O pulso normal do homem é muito variavel, oscillando entre sessenta e oitenta pulsações por minuto. Nas mulheres, a variação é ainda maior, havendo algumas que têm mais de oitenta pulsações e outras menos de sessenta; em geral, ellas têm o pulso um pouco mais alto do que os homens.

As creanças têm o pulso mais rapido.

Quando nascem, contam-se de 128 a 144 pulsações por minuto; durante o primeiro anno, de 120 a 130, e aos dezeseis annos, 90. Nos velhos contam-se geralmente 72 pulsações, ainda que, em certos casos, não passam de 55 ou 60.

As pessoas de estatura elevada tem o pulso mais debil do que as baixas. Tambem varia o pulso com as horas do dia, diminuindo durante a manhã, subindo pela tarde, baixando de novo pela noite e tornando a subir ao amanhecer. Ha pessoas que, mesmo estando boas de saude, não offerecem mais de 46 pulsações por minuto; mas estas são excepções rarissimas.

## Victoria de Pyrrho

Eis uma expressão commummente empregada em quasi todas as linguas, e cuja significação muita gente, talvez, não saiba explicar. E' ainda a Historia quem nos fornece o verdadeiro sentido dessa locução:

No anno 282 A. C., a cidade de Tarento (capital de tres importantes provincias lacedemonias) quiz resistir á influencia dos romanos.

Rebentou por isso a guerra entre Roma e Tarento.

Os tarentinos, sentindo-se fracos, pediram a protecção de Pyrrho, rei do Epiro, que accudiu promptamente a esse appello, desembarcando na Italca e derrotando o inimigo na batalha de Heracléa, em que, pela primeira vez, appareceram elephantes nas guerras da Europa.

Mezes depois, ganhou tambem a batalha de Asculum. A verdade, porém, é que ambas essas victorias lhe custaram carissimo e em nada aproveitaram a Pyrrho, porque perdeu este a maior parte dos seus soldados, sem poder preencher os claros. Sentindo-se fraco, foi obrigado a pedir a paz.

Por essa razão, quando consegue alguem um triumpho muito caro e sem vantagem nenhuma para o vencedor, é costume dizer-se que obteve apenas uma *victoria de Pyrrho*.

---

muito ingreme. Era uma montanha de topazio incrustada de amethysta, onde a terra vegetação de turquezas revestia as encostas.

Lá em cima estava o bellissimo reino encantado, de que era soberano o seu noivinho. Ruas calçadas de coral e perolas, architecturas sumptuosas de pedaços de estrellas abobadas de plenilunios e portaes de neves.

Lá tudo tinha uma belleza maravilhosa, éthérea, mystica. Nymphas risonhas, princezas riquissimas, fadas impeccaveis, todas as creanças do mundo parece que lá estavam. Abriram alas em frente ao luminoso templo de crystal cravejado de estrellas, á passagem dos nubentes. A multidão cantava um psalmo de alegria e louvor, ao som arrebatador das harpas, das citharas, dos alaúdes gementes, de todo um conjuncto de belleza e sublimidade.

Tudo tinha a transparencia das cousas do Céo.

Em frente do altar apparece o reverendo arcebispo para celebrar o acto. Era um velho de barbas niveas, longas e feição sympathica.

Elisinha depois de fital-o bem, não se conteve e espirituosamente perguntou:

— Seu padre, o Sr. não é o papá Noel d'*O Tico-Tico*? O vôvô lhe esperou para a ceia e o Sr. não foi? Eu quero o meu presente. Onde está o Menino Jesus?

— Teu presente é o teu lindo noivo. Elle é o Menino Jesus, filhinha! — disse-lhe o padre.

Elisinha salta de contente ao pescoço do amiguinho Santissimo... e rola da cama, chorando, abraçada á boneca.

José Antunes

## Onde estão os coelhinhos?

*Marcella leva sua irmãzinha para ver os coelhos, mas ao chegar junto da gaiola viu que os encantadores animaes haviam fugido. — Onde estarão os coelhinhos? — pergunta Marcella. Vocês vão descobril-os, na gravura.*

BRINQUEDOS PARA OS DIAS DE CHUVA

# O QUE SE PÓDE FAZER COM PHOSPHOROS

Estas distracções são muito triviaes, mas ha sempre quem goste de se entreter com ellas e por isso aqui apresentamos umas cinco habilidades para fazer passar um serão divertido aos amadores deste genero.

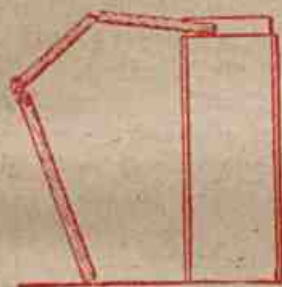



*Fig.* 1

Entala-se na fenda de uma caixa de phosphoros um pouco aberta, um phosphoro (de páo) meio partido pelo centro, com a cabeça para o lado de baixo. Encosta-se depois a este um outro phosphoro, como se vê na figura 1.

E' preciso tomar cuidado que as duas cabeças fiquem em contacto; approximando então dellas um phosphoro acceso, ver-se-á o phosphoro de baixo levantar-se devagarinho do chão e balouçar-se no ar.

Outra habilidade, interessante sob o ponto de vista scientifico, depende de uma propriedade curiosa que tem a qualidade da madeira de que os phosphoros são feitos.

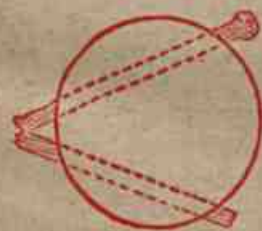



*Fig.* 2

Uma moeda de tamanho bastante pequeno para passar pelo gargalo de uma garrafa, colloca-se sobre um phosphoro meio partido deitado em cima da bocca da garrafa, como se vê na figura 2. Deita-se então um pingo d'agua no angulo que fórma a parte partida do phosphoro; os dois braços abrir-se-ão devagar e a moeda, faltando-lhe o amparo, cahirá dentro da garrafa. Uma habilidade bonita e simples

*Fig.* 3

ao mesmo tempo, baseada nos mesmos principios da anterior, faz-se da seguinte maneira: Pega-se em cinco phosphoros quasi partidos pelo meio e dispõem-se em fórma de estrella, como indica a figura 3. Deita-se no centro uma gotta d'agua e os cinco phosphoros abrir-se-ão devagar e formarão a figura 4.

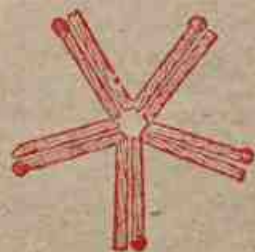



*Fig.* 4

Por ultimo, outra habilidade igualmente simples, mas engraçada. Dispõem-se em fórma de estrella (figura 5) oito phosphoros de páo, na superficie de uma tijella com agua, tomando cuidado que só a parte de baixo dos phosphoros fique molhada.

Em seguida pega-se numa *varinha de condão*, um páozinho arranjado de fórma a parecer ebano com as pontas de marfim.

Este consiste, em geral, de um canudo de folha, coberto de tinta preta. Não esquecer, todavia, as *pontas de marfim*, que são feitas, uma de sabão e a outra de assucar. Explica-se aos espectadores que os phosphoros obedecerão ás ordens do executante e que este póde fazel-os juntar ou afastar, como quizer. Consegue-se isto, mergulhando a varinha no centro da estrella, usando a extremidade coberta de assucar para attrahir os phosphoros e a coberta de sabão para os afastar. E' claro que todo o segredo está no facto que o assucar, absorvendo a agua, faz com que os phosphoros se juntem, emquanto o derreter do sabão, impellindo a agua, os afasta.

*Fig.* 5

# PEQUENAS ANECDOTAS

## ELLE ERA COMO O LEÃO

Um preto, empregado numa casa de fabricação de fitas cinematographicas da California, foi escolhido para tomar parte numa scena de comedia com um leão.

— Você mette-se nesta cama, — ordenou o emprezario, — e nós trazemos o leão e mettemol-o na cama comsigo. Vae ser uma sensação!

— Metter um leão na cama comigo! — gritou o preto. — Não, senhor! Nada disso. Vou-me embora e é já mesmo.

— Mas, — protestou o emprezario, — este leão não lhe fará mal nenhum. Foi criado a leite.

— Tambem eu fui criado a leite, — gemeu o pobre do negro, — e agora como carne.

~

Um pae para o filho, mostrando-lhe a conta do collegio:

— Nunca imaginei que os estudos custassem tão caro!

— Veja lá papae, e sendo eu um dos que estudam menos...

~

## NUM EXAME DE BOTANICA

— De todas as plantas que conhece qual é a que não tem folhas nem flores?

O examinando, depois de meditar:

— E' a planta dos pés.

~

Logica infantil.

LUIZA, *para sua irmã* : — O' Maria, póde baptisar-se com agua de Colonia, pois não póde?

MARIA, *respondendo com pretenções de sabedora* : — Não, Luiza; já devias saber que se não póde.

Nisto chega a professora de ambas. E Luiza, que não estava convencida com a resposta da irmã, repete a pergunta:

LUIZA: — Póde baptisar-se com agua de Colonia?

PROFESSORA: — Não, Luizinha, não póde.

LUIZA: — Não póde?!... Mas, então, em Colonia, com que agua baptisam?

~

## DIFFICIL DE RESPONDER

A Rosinha estava vendo a mãe deitar espheras de naphtalina numa gaveta com roupa.

— Para que é que a mamã faz isso?

— Para destruir as traças, meu amor.

— O que são traças, mamã?

— São uns bichinhos pequenos que se alimentam roendo as roupas, minha filha.

— E tambem havia traças no Paraizo quando Adão e Eva lá viviam, mamã?

— Havia, sim, filha.

— Mas então de que se alimentavam ellas?

~

Um medico homeopatha recebe, em paga de dez visitas, dez tostões.

— O senhor enganou-se — diz elle ao cliente. — Que conta é esta?

— Homœopathica. Pago pelo seu systema.

~

## DESCULPA INFANTIL

— Seu dictado estava muito máo. Você chegou a escrever espingarda com dois pp...

— Sim, mas é que eu... eu pensei que a espingarda fosse de dois canos.

## EM PLENO INVERNO

Dois bohemios se encontram na rua; um delles não leva sobretudo, o outro defende-se com um sobretudo de verão.

— Como é cruel a vida! — diz o primeiro — Não tenho sobretudo. Quanto o sinto!

— Pois a mim acontece justamente o contrario — responde o segundo. — Eu tenho um e não o sinto!

~

— Que desgraça, meu amigo! que desgraça! Imagine que os ratos entraram aqui e comeram o quadro que eu acabei de pintar hontem.

— Ah! E que representava esse quadro?

— Um gato!

— Devia estar muito parecido...

~

## COMPAIXÃO INFANTIL

O pequeno Antonico fala com um illustre escriptor.

— Mamãe disse-me uma cousa muito exquisita do senhor.

— Vejamos o que foi que te disse a mamãe? — perguntou o literato.

— Que o senhor escreve nos jornaes.

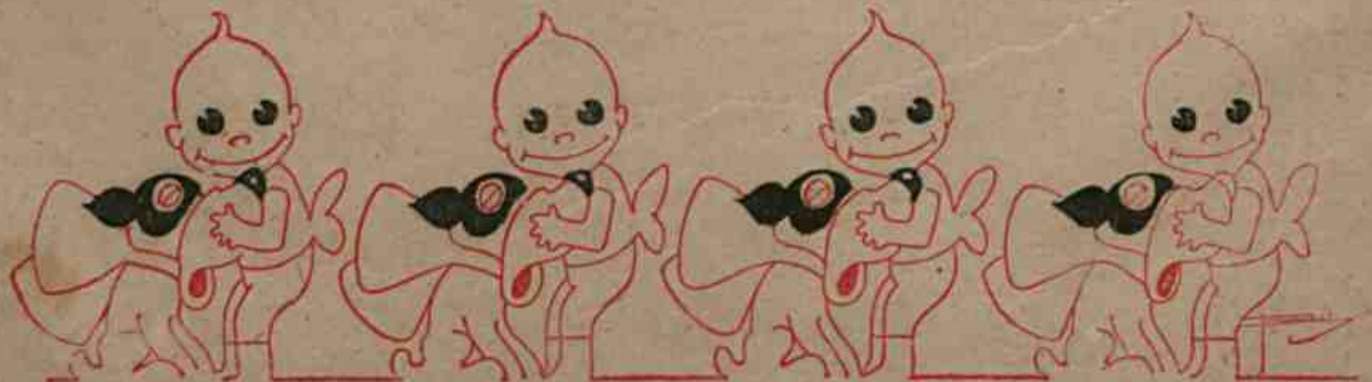
— E' verdade.

— Coitado! Então não tem 200 réis para comprar um caderno de papel?...

~

Cavalgando formoso alazão ia um cavalleiro pelo mesmo caminho em que vinha um camponez e um burro muito magro. Ao passar por elle, o cavalleiro querendo dar uma nota picante, perguntou, sorrindo:

— Como vae o burro?

— A cavallo, senhor — respondeu, promptamente, o camponez.

## ANECDOTA REAL

Conta-se que ao ser elevado, no anno de 1707, ao throno de Hespanha, Philippe V passou por uma aldeia nas proximidades de Paris, onde o cura da parochia, seguido por grande numero de seus parochianos, foi apresentar-lhe as suas homenagens.

— Senhor — principiou elle — os grandes discursos são incommodos, são fastidiosos os oradores que os fazem; por isso contentar-me-ci cantando:

"Os povos de Chartre e os de Monthléry
Sentem grande prazer ao ver-vos hoje aqui.
O neto do grão Luiz, o céo vos acompanha.
Philippe de Bourbon
Bom, bom,
Ditoso reinará
Rá, rá,
Cem annos em Hespanha."

Encantado o monarcha com a simplicidade do cura, disse-lhe:

— Repita! repita! se isso não o cança. Repetiu o cura sua canção, e finda ella o rei deu-lhe dez luizes para distribuir aos pobres.

— Repita! repita! — gritou por sua vez o cura — se isso não cança Vossa Magestade.

O rei, rindo-se da boa sahida, mandou dobrar a somma.

Bébé declara terminantemente:

— Não quero voltar mais ao collegio!

— Por que?

— Porque lá querem me ensinar cousas difficeis, que eu não sei o que são!

## NÃO QUIZ ENTENDER

No tempo em que havia realejos pelas ruas, um tocador desse instrumento vae pacientemente moendo o seu repertorio.

Chega um policia que lhe pergunta:

— Tem licença para tocar?

— Não tenho.

— Então acompanhe-me!

— Com muito gosto. O que deseja cantar?

*A professora de religião a um alumno*: — E ao sentar-se á mesa, antes do almoço, que faz o papae? Que diz elle?

*O alumno*: — Papae diz: — Que comida mal feita!

— O senhor já está melhor e poderá comer uma cousa ligeira — disse o medico a um lavrador.

— Bem, doutor, então vou comer um coelho, porque estou com muita fome.

— Um coelho? Está doido?

— Ha outro animal mais ligeiro?

## EXAME DE BOTANICA

— Vamos lá, que classe de herva é esta?

— Não a conheço.

— Homem, não conhece a alfafa? Pois se não conhece é um burro!

— Ao contrario, se eu fosse um burro, teria reconhecido immediatamente...

Sabem porque é que os gatos lavam o focinho depois de comerem?

— Não sabem. Pois bem! Vamos dizer-lh'o.

Um dia, um pardal foi apanhado por um gato. O pobre animalito, no momento em que o seu inimigo ia devoral-o, disse-lhe:

— As pessoas finas lavam sempre as mãos antes de jantar.

— Sim? isso é verdade? — disse o gato que tinha prosapias de ser um perfeito cavalheiro.

E tratou de proceder immediatamente a essa lavagem. Nesse meio tempo o pardal levantou vôo e — azas para que vos quero?

Foi desde esse dia que o gato jurou nunca mais lavar o focinho antes de comer, mas sómente depois.

## SAHIR D'UM APURO

— Papae, que quer dizer vice-versa?

— Olha, meu filho, vice-versa é o mesmo que se tu, quando te deitasses, puzesses os pés no travesseiro.

## A RESPOSTA DO MANOEL

O professor estava tentando demonstrar uma experiencia simples da geração do vapor.

— O que tenho eu na mão? — perguntou elle.

— Uma caçarola de folha, — foi a resposta.

— E esta caçarola é um objecto animado ou inanimado?

— Inanimado.

— Perfeitamente. Agora, algum dos meninos me sabe dizer como é possivel, com esta caçarola de folha, gerar uma quantidade espantosa de velocidade e de força quasi desenfreada?

Um dos alumnos mais pequenos levantou a mão.

— Dize lá tu, Manoel.

— Atando-a ao rabo dum cão.

*A mãe*: — Mas então, Thomaz, a tua consciencia não te dizia que estavas fazendo mal?

*Thomaz*: — Dizia, mas eu não acredito tudo quanto oiço.

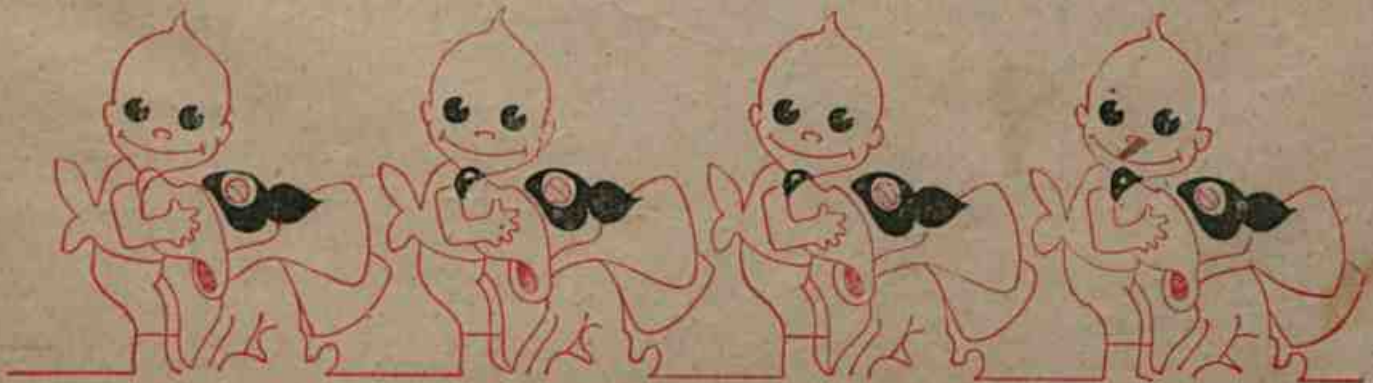
Arithmetica infantil, mas rigorosa: A mamã apresenta exemplos ao Ernesto para o ensinar a sommar bem.

— Se eu te dér cinco tostões e o papá te dér sete, com quanto ficas?

— Com mil e quinhentos.

— O que? com 1$500?

— Sim mamã; porque eu já tenho 300 réis.

E ninguem negará que o pequeno provou assim, á mamã, que sabia sommar.

# RISCOS PARA BORDADOS

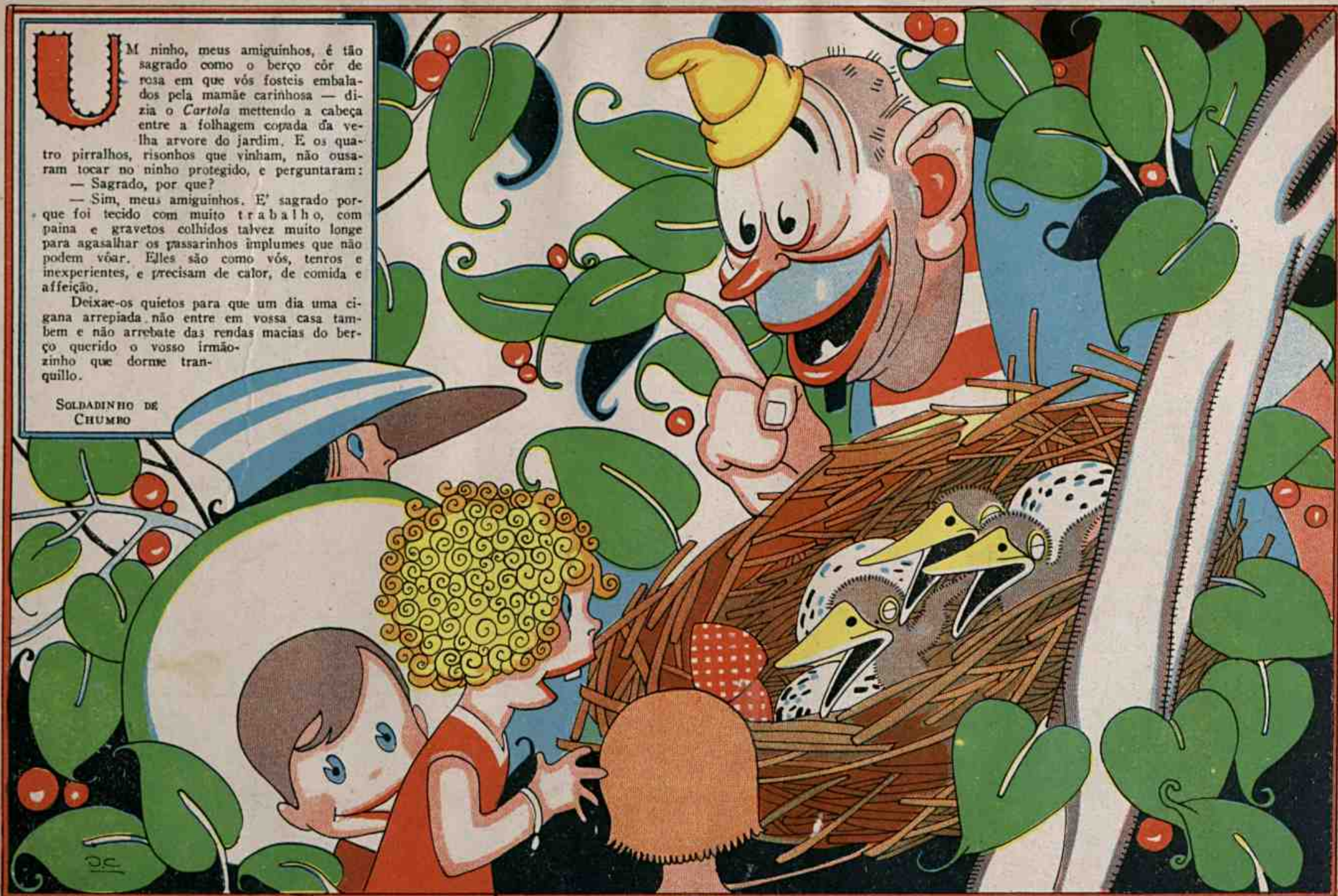
# O PROTECTOR DE NINHOS

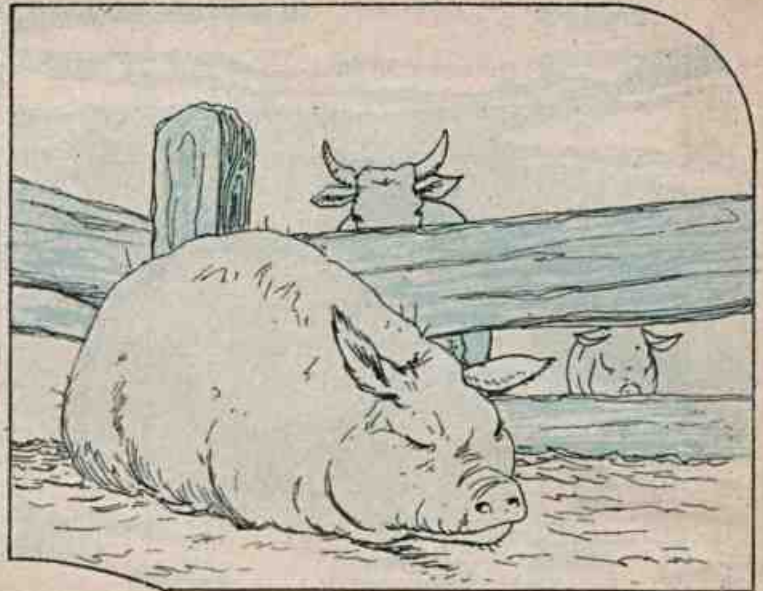
UM ninho, meus amiguinhos, é tão sagrado como o berço côr de rosa em que vós fosteis embalados pela mamãe carinhosa — dizia o *Cartola* mettendo a cabeça entre a folhagem copada da velha arvore do jardim. E os quatro pirralhos, risonhos que vinham, não ousaram tocar no ninho protegido, e perguntaram:

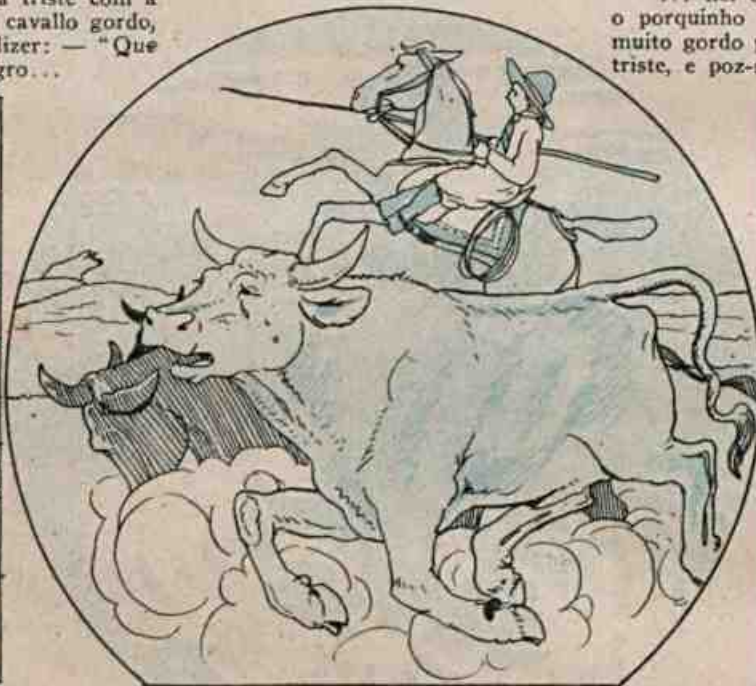
— Sagrado, por que?

— Sim, meus amiguinhos. E' sagrado porque foi tecido com muito trabalho, com paina e gravetos colhidos talvez muito longe para agasalhar os passarinhos implumes que não podem vôar. Elles são como vós, tenros e inexperientes, e precisam de calor, de comida e affeição.

Deixae-os quietos para que um dia uma cigana arrepiada não entre em vossa casa tambem e não arrebate das rendas macias do berço querido o vosso irmãozinho que dorme tranquillo.

SOLDADINHO DE CHUMBO

# P R E J U I Z O   D O S   G O R D O S

Um porquinho magro andava triste com a sua magreza e, passando por um cavallo gordo, ouviu um outro cavallo magro dizer: — "Que me importa a gordura se eu magro...

... hei de viver mais que os gordos?" E o porquinho sahiu a observar. Viu um porco muito gordo preso, um boi tambem gordo, mas triste, e poz-se a reflectir. No dia...

... seguinte, a primeira cousa que viu foi o cavallo gordo arrastando um tóro de madeira e apanhando de chicote.

Depois encontrou o boi gordo, com mais outros, chorando e, tocados por um vaqueiro que os ia levar para o matadouro. Iam ser mortos para o consumo.

Entretanto o cavallo magro vivia contente; era a montaria de uma linda moça muito rica. O porquinho no terceiro dia...

... foi visitar o pasto e lá só estavam os animaes que não eram gordos. O porquinho sahiu á procura dos gordos e, depois de muito andar, foi encontral-os todos: o porco...

... o cavallo e o boi, pendurados num açougue, esfolados e promptos para o consumo. O porquinho desde esse dia tornou-se sobrio na alimentação, para não engordar.

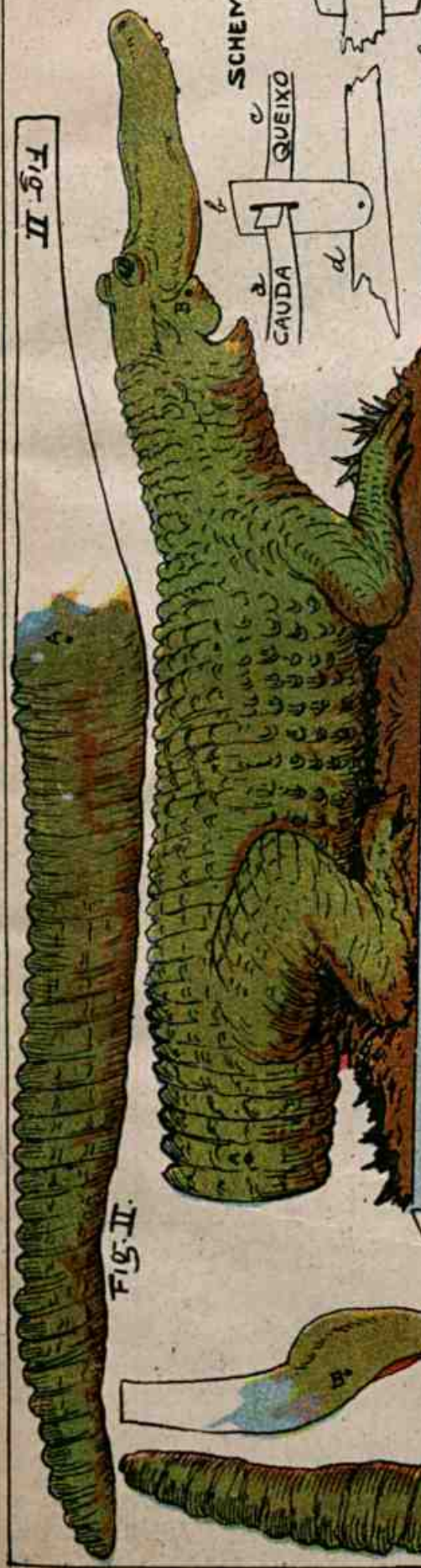
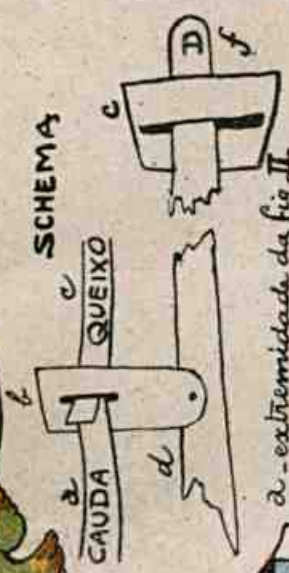
# O JACARÉ

## EXPLICAÇÃO

Preguem tudo em cartolina e recortem a canivete. Abram as aberturas marcadas com XX que se acham nas figuras I e I (estrado) e V.

Dobrem o estrado formando uma caixa e preguem uma face do jacaré a outra face, apenas nas beiras. Antes, porém, preparem a cauda e o queixo, e colloquem nos respectivos logares usando nos pontos A, B e C de eixos de linha com dois nós. Pela abertura XX da figura V passarão as pontas da cauda e do queixo, como mostra o "schema".

A figura IV apoia a extremidade E na abertura menor do estrado e a outra extremidade D fica enfiada na abertura opposta á primeira.

Movendo-se como alavanca a letra D o jacaré moverá o queixo e a cauda.

SCHEMA

a - extremidade da fig. II
b - fig. V
c - extremidade da fig. III
d - fig. IV
e - cabeça do estrado
f - extremidade da fig. IV

CAUDA — QUEIXO

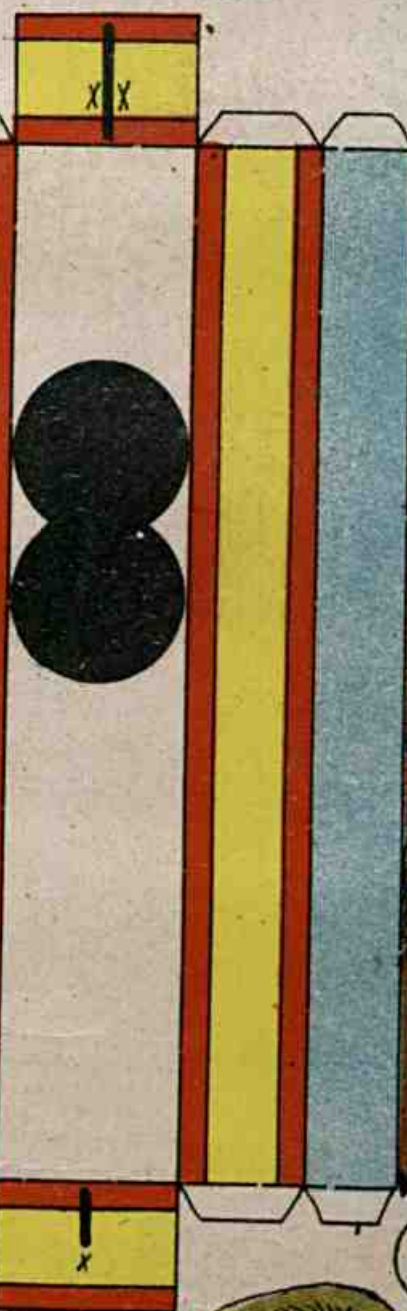
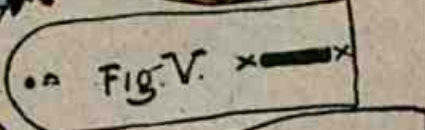



Fig. I — Fig. II — Fig. II bis — Fig. III — Fig. III bis — Fig. IV — Fig. V

A. ROCHA

# A RECOMPENSA

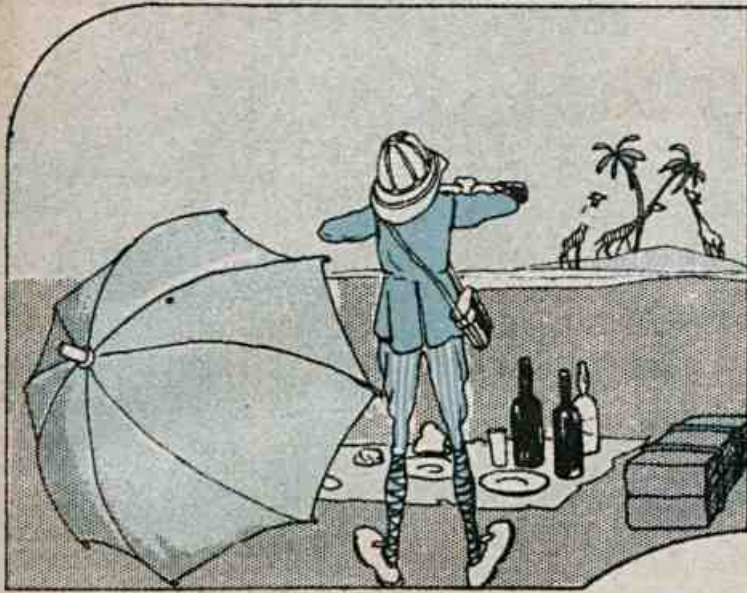
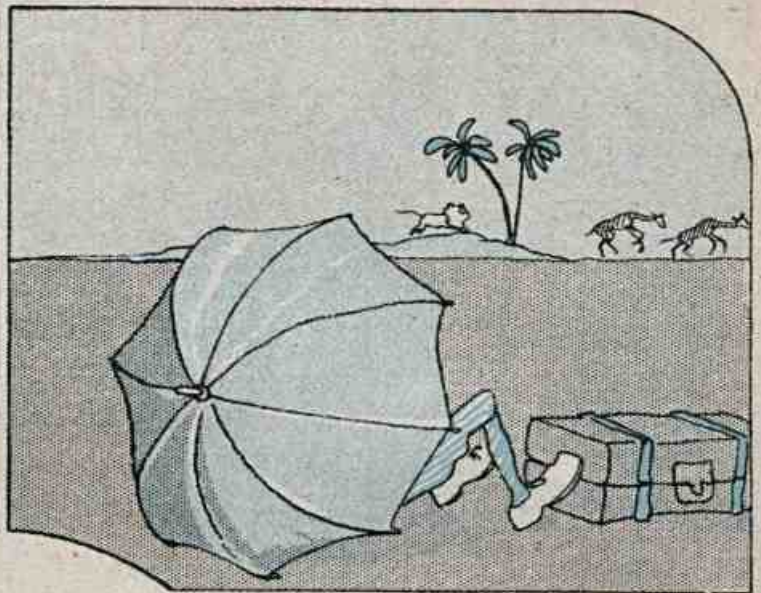
Augusto e Carolina estavam no campo passando as férias collegiaes. A professora, depois dos exames, deralhes um premio e uma porção de conselhos:

— Estudem durante as férias — dizia a boa senhora — e não se esqueçam de que os meninos bons só praticam boas acções!

E Augusto e sua irmãsinha assim fizeram. Todos os dias pediam á mamãe que lhes tomasse a lição. E finda a hora do estudo, eil-os ao campo, ao recreio. Era ahi, na hora dos folguedos, que Augusto e Carolina procuravam praticar boas acções. Onde quer que esteja um menino, póde praticar uma acção louvavel. E por pensarem assim, os dois irmãos não deixavam que faltasse agua ao gado, milho aos pintinhos e sombra aos cães de casa. Os gatos, nunca os deixaram Augusto e Carolina estar ao alcance dos cães.

Todas as horas do dia eram marcadas pelos dois meninos com um trabalho util, um gesto louvavel de carinho e de amor aos animaes. A' tarde, como recompensa de tão exemplar proceder, Augusto e Carolina iam ao *carroussel*. E mesmo dahi, seus olhos vigilantes procuravam ensejo de uma nobre acção.

Devem todos os meninos imitar o proceder de Augusto e Carolina.

# O LEÃO NA CHUVA

Mister X, um explorador, depois de almoçar bem e beber melhor, em pleno deserto, poz-se a vêr, com o binoculo...

... umas girafas que comiam tamaras. De repente as girafas puzeram-se a fugir e o inglez, sem saber a causa....

... deixou o binoculo e deitou-se debaixo do seu guarda-sol, para dormir. As girafas, porém, haviam fugido...

... porque appareceu um leão e este, vendo o inglez, encaminhou-se para elle.

Mister, muito embriagado, quiz perguntar ao leão se falava inglez, mas a féra não lhe deu tempo. Atirou-se a elle e o devorou

Não tardou, porém, o leão a sentir grande enjôo. Comera um inglez embriagado e embriagou-se. Mais tarde as leôas...

... dando por falta do leão, sahiram a procural-o e trouxeram-no para casa num estado de completa embriaguez.

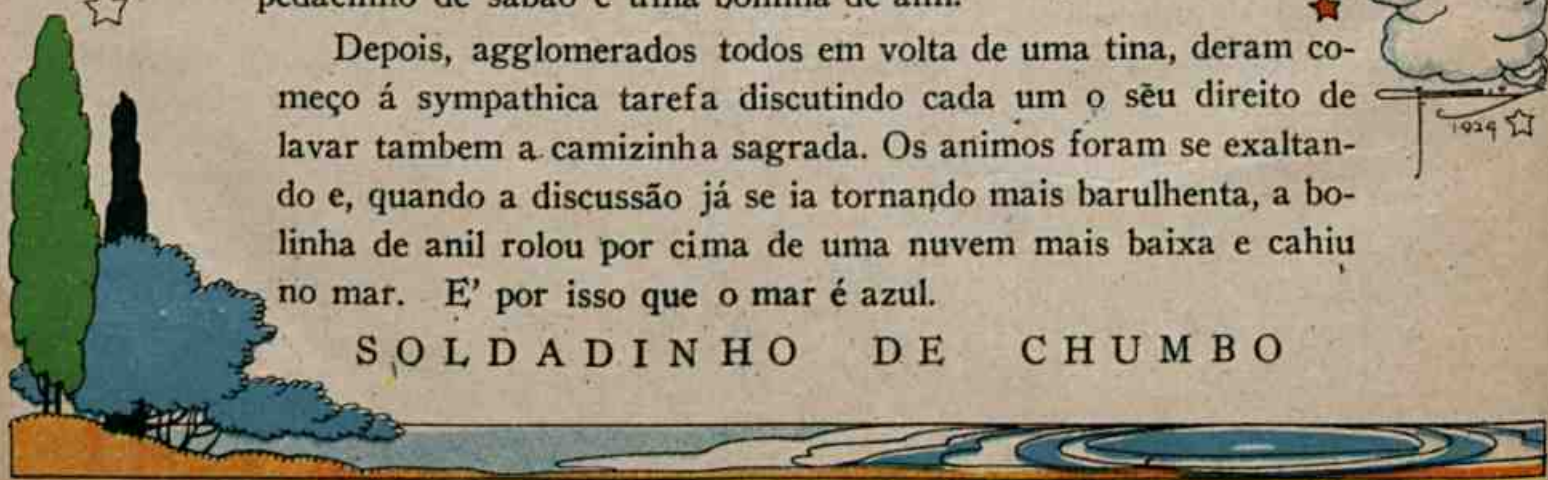
# A BOLINHA DE ANIL

RUTH, a pequenina Ruth de olhos meigos e cabellos loiros, tinha voltado da praia naquella tarde de sol e perguntára bruscamente á boa vóvó, que fazia crochet, porque é que o mar é azul.

A vóvó sorriu, tirou os oculos de grossas lentes e depois de meditar um minuto compondo uma lenda que pudesse ser comprehendida pela pequenina Ruth, começou:

— Uma vez, todos os anjinhos do céo foram pedir á Nossa Senhora uma camizinha do Menino Jesus para lavar. Queriam, desta maneira, provar o muito que amavam o bom filhinho de S. José. Nossa Senhora beijou-os a todos meigamente e lhes fez a vontade. Os anjinhos partiram então a correr, levando a camizinha de cambraia, um pedacinho de sabão e uma bolinha de anil.

Depois, agglomerados todos em volta de uma tina, deram começo á sympathica tarefa discutindo cada um o seu direito de lavar tambem a camizinha sagrada. Os animos foram se exaltando e, quando a discussão já se ia tornando mais barulhenta, a bolinha de anil rolou por cima de uma nuvem mais baixa e cahiu no mar. E' por isso que o mar é azul.

SOLDADINHO DE CHUMBO

# OS DONS DAS FADAS

ERA uma grande assembléa de fadas, reunida para fazer a partilha de dons entre os nascidos naquellas ultimas 24 horas.

Todas aquellas antigas e caprichosas irmãs do Destino, todas aquellas extranhas mães da Alegria e da Dôr eram distinctas. Umas tinham ar sombrio e resignado; outras sorriam descuidadas ou malignas: estas jovens, que haviam sido sempre jovens; outras velhas que haviam sido sempre velhas. Todos os paes, que têm fé nos poderes fantasticos, tinham vindo e cada qual trazia seu filho nos braços.

As pobres fadas estavam muito atarefadas porque a multidão era grande e o mundo intermedio entre o homem e Deus está submettido, como nós, ás terriveis leis do tempo e de sua infinita posteridade — os dias, as horas, os minutos e os segundos.

As fadas estavam como os juizes humanos que, julgando durante horas seguidas processos sem conta, acabam distribuindo as sentenças ao acaso, sem outra preoccupação se não as da hora do seu jantar, já atrazado.

De modo que nesse dia, foram commettidos alguns erros. O poder de attrahir a fortuna coube ao herdeiro unico de um millionario e o amor da belleza ao filho de um miseravel arrieiro, que mais precisava de força muscular para guiar uma parelha espantadiça.

Esquecia-me dizer que a sentença das fadas em occasião tão grave é inappellavel e não póde ser recusada.

Mas já se levantavam as fadas, julgando cumprida sua tarefa porque já não restava um só dom, quando um pobre homem, um commerciante modesto, puxando pela fimbria da tunica a fada mais proxima, exclamou:

— Senhora... Esqueceram-me... meu filho nada recebeu e elle aqui está, portanto tem direito a não voltar com o coração vasio.

A fada fitou-o interdicta, porque nada mais tinha para dar.

Comtudo lembrou-se de uma lei muito antiga, embora raramente applicada no mundo intermedio das semi-divindades, amiga dos homens e muitas vezes obrigadas a adaptar-se a suas paixões, como são as f a d a s, os gnomos, sylphos e ondinas.

Essa lei concede ás fadas, em casos semelhantes, a faculdade de conceder um dom supplementar desde que tenha imaginação sufficiente para creal-o no mesmo instante. E a bôa fada respondeu promptamente.

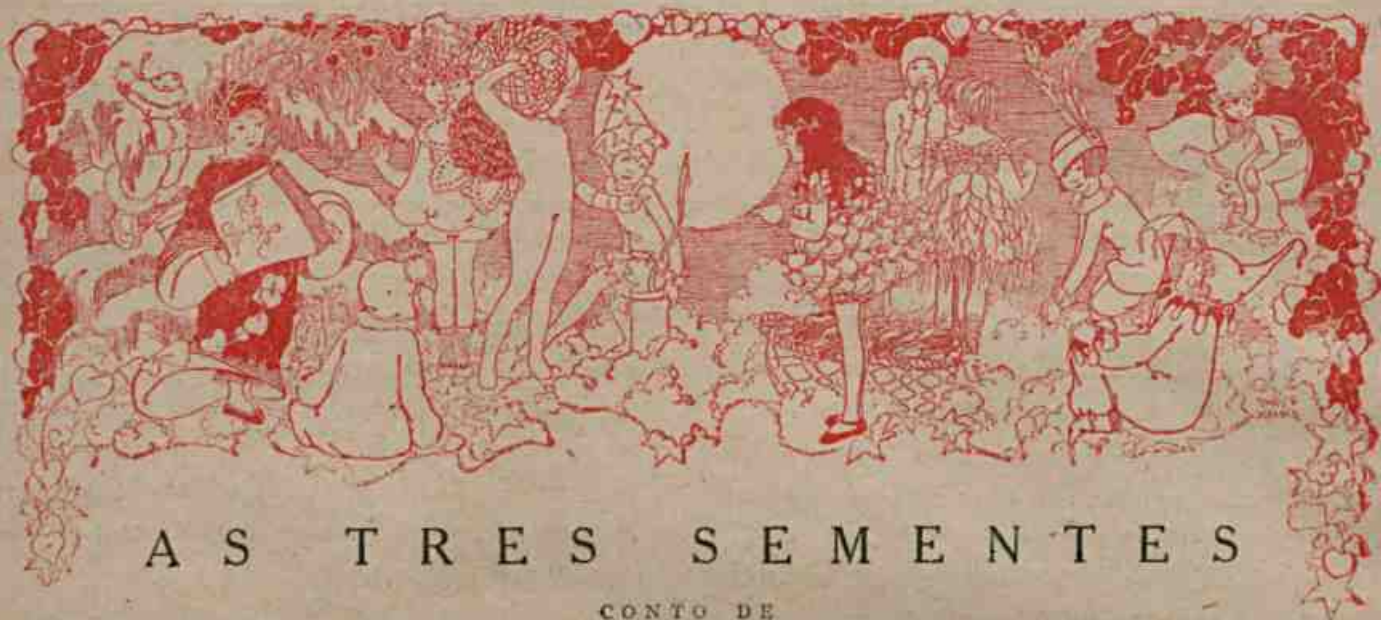
— Não irá com o coração vasio. Concedo-lhe o dom de agradar!

— Mas agradar como?... — perguntou alvarmente o pobre homem, que era um desses raciocinadores tão communs, incapazes de se elevar á logica do absurdo.

Mas a fada já ia longe e dizia quasi com indignação a suas companheiras:

— Viram?... Viram que imbecil? Obtem para o filho mais raro dos dons, o mais preciso, por isso que é indiscutivel, e ainda quer discutil-o...

Sabe-se lá por que se agrada!

CHARLES BAUDELAIRE

# AS TRES SEMENTES

CONTO DE

CARLOS MANHÃES

Um rei do Polo Norte mandára que cem arautos fossem prégar nos quatro cantos do reino a bôa nova de que a rainha, sua esposa, acabava de receber do céo a graça infinda de um herdeiro para o throno.

Cem cavallos se ajaezaram, cem arautos de mantos de purpura, com trombetas de ouro e tambores de prata, foram dar cumprimento ás ordens do soberano, clangorando pelas vastas planicies a grata noticia — num berço de ouro, entre almofadas de arminho, já vivia o *Principe Polar*.

De todos os recantos do paiz formaram-se então as romarias de fidalgos e camponios, de moços e velhos, para ver o herdeiro da corôa, cujo baptisado se celebraria tres semanas depois na cathedral dos gelos eternos, até onde desceriam os raios do Sol prateado para illuminar os louros cabellos do principe.

As mais celebres bruxas foram chamadas a vaticinar sobre a vida do *Principe Polar*, que ia ter como madrinha a Bondade, naquelles tempos rainha de todas as fadas bemfazejas.

As dez mil salas do palacio real do Polo Norte estavam cheias de fidalgos e plebeus, quando chegou o dia do baptisado do principe.

Trenós de ouro, puxados por lobos e cavallos de raça pura, enfileiravam-se deante da casa dos reis. O cortejo das damas e dos nobres formava-se pouco a pouco. Havia luxo e alegria por toda parte.

Tudo em seus logares, as bandas de musica romperam, a um só tempo, os compassos do hymno do paiz. Carregado pela fada, vestida de azul e ouro, o principezinho tomou logar na carruagem de gala e todo o cortejo se moveu em demanda da cathedral.

A cerimonia foi longa e solemne. Cem cardeaes e mil bispos abençoaram o novo christão. Terminada a cerimonia, a fada Bondade fez presente ao afilhado de um rico cofre de ouro dentro do qual havia tres sementes.

— Quando o *Principe Polar* crescer e tiver de partir em viagem de estudos pelo mundo — disse a madrinha — levará comsigo essas tres sementes e as lançará á terra em tres pontos differentes da jornada.

Dellas hão de brotar tres arvores, que ensinarão ao *Principe Polar* o caminho da felicidade!

Sete dias e sete noites nos gelos infindaveis do pólo não se fez outra cousa senão festejar a alteza recem-nascida. Foram tantos os presentes que o rei teve de mandar fazer outro palacio para guardal-os. O principe foi crescendo e soube corresponder, pelas mais bellas acções de altruismo que praticava, os vaticinios das bruxas e os votos de todos os subditos de seu augusto pae.

Era amado pelo povo e pela nobreza. Tinha quinze annos quando, obedecendo aos conselhos dos pares do reino e de seu pae, teve de partir em viagem de estudos pelo mundo.

Levou com o maior dos carinhos na sua bolsa de viagem o cofre de ouro com as tres sementes que a fada Bondade lhe havia dado no dia do baptismo.

Na primeira parada que teve de fazer depois de transpor as fronteiras do reino de seus paes, lançou á terra a primeira semente do cofre querido.

Do logar onde cahira a semente brotou immediatamente uma arvore que se encheu de folhas e se cobriu de flôres. O principe, aborrecido, ia colher uma flôr da arvore tão maravilhosamente nascida, quando ouviu a voz da Bondade, sua madrinha, dizer, como se viesse de dentro da arvore:

— Segue, principe amado, o caminho indicado pelas petalas das flôres que cobrem meus galhos! Olha bem, o vento leva-as para a direita. Acompanha-as, fazendo sempre aquillo que o teu coração bem formado te aconselhar. Sê diligente e honesto, caridoso e bom. Parte, principe amado, e nunca te esqueças de que esta arvore que acaba de nascer tem o nome de *Trabalho*.

O principe tomou o caminho para onde o vento actuava as petalas das flôres da arvore e caminhou dias seguidos, trabalhando, estudando, fazendo o bem, semeando a justiça.

Os caminhos, porém, eram rudes, o frio intenso, as difficuldades dia a dia maiores. O principe sentia-se fatigado e a coragem, um dos ornamentos mais viris da sua alma privilegiada, começava a abandonal-o.

Foi então que se lembrou de lançar á terra a segunda semente do cofre de ouro.

Como da primeira vez, outra arvore brotara rapidamente cobrindo-se, tambem, de cerrada folhagem e flôres de aroma penetrante.

O *Principe Polar* olhava para a arvore encantada com olhos de cansado, quando a voz carinhosa da madrinha se fez ouvir.

— Porque pareces triste, meu principe amado?

— As asperezas do caminho magoam-me os pés e as fadigas do trabalho roubam-me a coragem, madrinha querida!

— Descansa um pouco á sombra acolhedora dos meus ramos, anima-te aspirando o perfume das flôres que me cobrem e adquirirás alento. Depois, segue o destino que o vento dá ás petalas das flôres que deixo se desfazerem. Recordo-te, no emtanto, que me chamo Perseverança.

O principe adormeceu um pouco e, ao despertar, sentiu-se alentado e partiu. A coragem voltára a animar-lhe os intentos, o trabalho tonificava-lhe o corpo e as asperezas dos caminhos e rigores do frio pareciam-lhe menores.

Estudava muito, trabalhava ainda mais, fazia todo o bem que podia e nunca a consciencia lhe recriminára uma só acção menos digna.

Estava no termo da longa viagem. Retornára ao paiz natal e festas imponentes o receberam. Seus paes cobriram-n'o de benções, porque bem soubera aproveitar o tempo gasto. O principe educára o espirito, tornára-se o typo idéal do homem e, por conseguinte, o idéal dos monarchas.

As princezas dos reinos visinhos disputavam o *Principe Polar*, para esposo. A uma dellas se ligara pelo matrimonio e, diziam as bruxas do tempo, nunca dois principes se igualaram tão bem em bondade e amor como o afilhado da fada *Bondade* e a princeza sua esposa.

Por morte de seu pae, o *Principe Polar* subiu ao throno e lembrou-se, então, da ultima semente que estava no cofrezinho de ouro.

— Para que chegasse a me ver e gosar o perfume das flôres que me cobrem, foi necessario que acatasses os conselhos das minhas duas irmãs — o Trabalho e a Perseverança. De agora por deante terás a ventura de ser amado por todos que te conheçam. Eu me chamo Felicidade e só aquelles como tu, que amaram o Trabalho e tiveram a Perseverança como amiga, podem gosar as delicias que distribuo.

E até hoje o *Principe Polar*, rei venturoso de um povo trabalhador e pacifico, vive feliz, á sombra confortadora da Felicidade.

# O MAIOR INIMIGO DAS SERPENTES

## O PASSARO SECRETARIO

TODAS as aves, como vocês sabem, se alimentam de grãos e de hervas. Algumas, porém, não acceitam esse regimen de alimentação vegetal e preferem viver pela carnificina. O urubú, por exemplo, sustenta-se tão sómente de carne de outros animaes mortos. Outras aves alimentam-se tambem de carne de outros animaes que ellas mesmas abatem. Está neste ultimo caso o *Passaro Secretario*, cujo nome scientifico é *Gypogeranus serpentarius*.

O unico fito na vida desse passaro parece ser a destruição de serpentes (como o seu nome latino indica), e contra ellas trava uma guerra quasi incessante. O seu nome vulgar de *Passaro Secretario* deve ser derivado do tufo de pennas que lhe cresce na parte posterior da cabeça e fórma uma bella crista, que elle póde levantar ou deixar cahir á vontade, e que tem uma certa semelhança com pennas de escrever postas atraz da orelha. As pernas são muito altas e dão-lhe a apparencia de andar sobre umas andas; e são tão frageis, que tem acontecido quebrarem-se, quando o passaro é novo, e de repente se assusta, tendo de dar uma corrida ou fazer qualquer grande esforço.

O Passaro Secretario *em attitude de ataque á cobra.*

Mas estas pernas assim compridas são para elle de utilidade, tornando-o apto a atravessar os desertos arenosos, ou abrir caminho por mattas emmaranhadas; e nos seus encontros com serpentes, tem o poder de as empurrar com o pé de tal fórma que atira com o adversario para deante delle, tendo assim a vantagem de o conservar sempre á vista. Os indigenas de Africa têm-lhe grande respeito por causa da sua utilidade em destruir reptis; e já tem mesmo sido introduzido nas capoeiras dos colonos do Cabo, onde vive em termos muito amigaveis com os gallos e as gallinhas, e paga a sua hospitalidade, conservando o logar livre de ratos e de vermes. Ha um ligeiro inconveniente na sua presença entre a criação, e vem a ser o seu grande appetite, que elle não hesita em satisfazer, quando não acha sufficiente o sustento que lhe dão, comendo sem cerimonia um frango ou um patinho gordo.

Um *Passaro Secretario*, quando ainda pequeno, parece estar bem ao facto de que as pernas são a parte mais fraca que tem no corpo, porque se deixa ficar no ninho tanto tempo quanto lhe é possivel, muitas vezes até aos quatro mezes, que é quando as pernas vão estando mais fortes e desenvolvidas. Sente-se então já capaz para se encontrar com os seus inimigos, as serpentes; e póde tambem servir-se das suas compridas pernas para correr com tal agilidade que ás vezes lhe chamam o *Mensageiro* em vez de *Secretario*. Uma lucta entre uma serpente e um *Passaro Secretario* é um espectaculo curioso e resulta sempre na victoria do passaro. Este evita a mordedura da serpente com as azas, collocando-as em frente de si como um escudo, e empurra o inimigo com as pernas, terminando por esmagar-lhe o craneo com o seu bico bem agudo e afiado. Dizem os indigenas, que se a serpente consegue morder-lhe uma penna, o passaro, como se tivesse conhecimento do perigo, immediatamente a arranca. A plumagem é cinzenta clara entremeada de preto e de branco; e quando vae andando com o seu passo especial e a sua crista de pennas espalhada por ambos os lados da cabeça, é realmente digno de admiração como um passaro muito extraordinario.

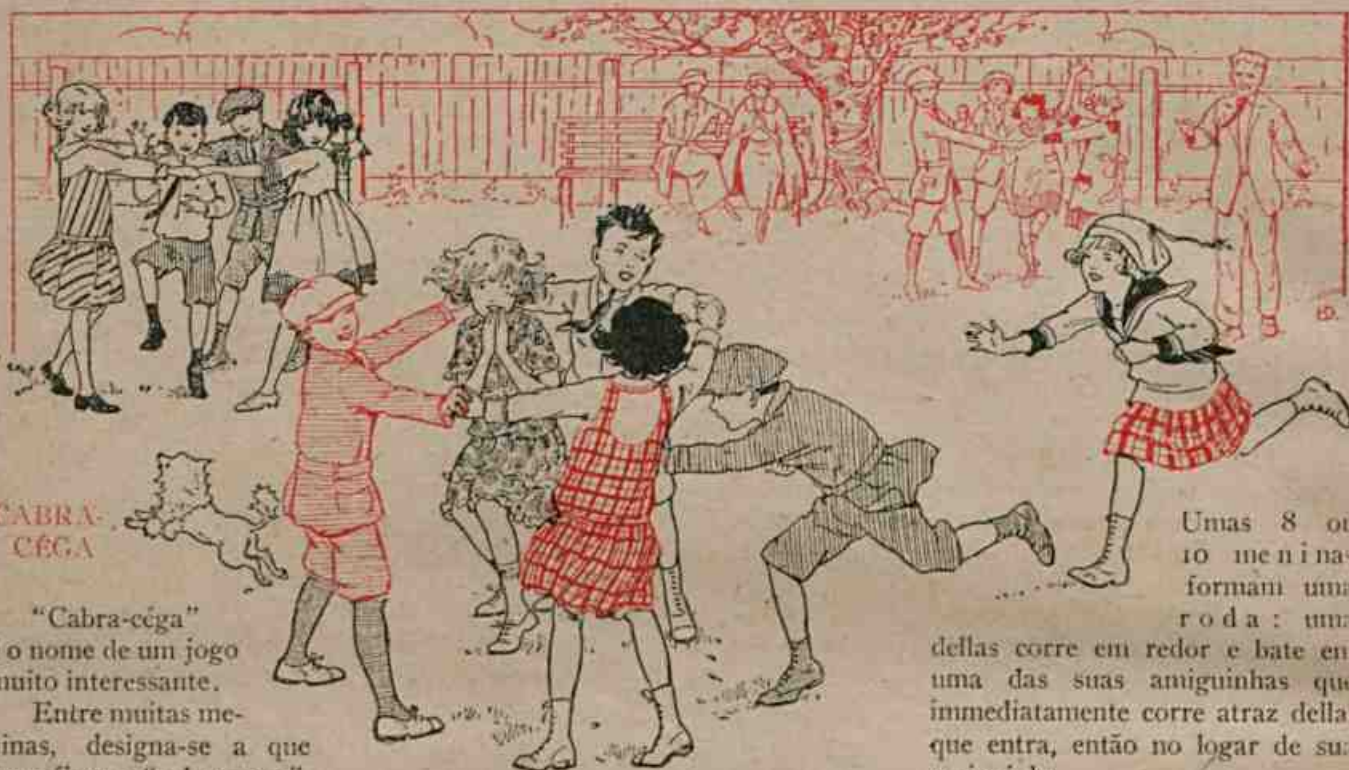
*Levando para o alto do monte a victima — uma naja ou cobra capello.*

# A ORIGEM DA PALAVRA NOEL

Natal é o dia do nascimento de Jesus; Noel é o tempo da vinda de Deus. Natal vem do latim *natalis;* Noel não vem do latim *natalis,* porque Noel não é o nascimento de Jesus, mas o tempo de Deus. Noel não póde tambem vir de *nouvel,* porque não existem que se saiba, no francez antigo, as formas intermediarias que attestem o facto, as quaes deviam ser *nouel* ou *novel;* tampouco não se poderia derival-o de *Emmanuel,* porque *Deus está* sempre *commosco* em todo o tempo, portanto a meu ver isto devido a uma simples pirraça muito commum entre bretões, pois que *Leon* é a inversão do nome Noel; mas o termo mesmo invertido faz lembrar a constellação de *Leo,* vindo sempre a ser o *tempo de Deus.* Fosse por isso, ou por espirito de imitação, o certo é que esta pratica era muito seguida na antiguidade, pois alguns orientalistas, segundo refere o Sr. João Ribeiro, suppõem que o semi-deus grego *Heraclés,* não é mais que "a leitura da frente para traz" de nome do deus phenicio *Melgarth.*

Noel deve vir de uma palavra que encerre a significação de *tempo de Deus.* E esta palavra deve ser tão nobre, tão antiga e tão hebraica como o mysterio que o povo celebra nesta quadra do anno. Onde buscar essa palavra? No livro dos Juizes, onde se lêm estas importantes razões:— "E clamavam ao Senhor, que lhes suscitou um *salvador,* que os livrou, a saber, a Othoniel..." Ora, *Othoniel,* quer dizer *hora* ou *tempo de Deus;* logo, Noel vem de Othoniel. Se os de Bretanha chamam ao Natal *Leon,* talvez seja assim como *Martha* é a inversão por syllabas do nome *Thamar* — nomes hebraicos de mulher. Ahi está, senhores Redactores, o que me suggeriu a leitura de uma noticia sobre este assumpto, a qual se lê em o numero de Dezembro ultimo de vossa apreciadissima revista. Suggestão esta que tem por fim levar mais uma pedra para a construcção etymologica do grandioso edificio de Noel. E, seguindo a norma do grande Molière: "La parfaite raison fuit toute extremité. Et veut que l'on soit sage avec sobrieté".

M. ALVES MARINHO

# JOGOS INFANTIS

## CABRA-CÉGA

"Cabra-céga" é o nome de um jogo muito interessante.

Entre muitas meninas, designa-se a que deve ficar a "cabra-cega".

Sobre seus olhos applica-se um lenço dobrado, de maneira que ella não possa ver nada, depois do que as outras companheiras perguntam:

— Cabra-céga, de onde vieste?

— De Castella.

— Que trouxeste?

— Cravo e canella.

— Dás-me um pedacinho?

— Não, que não chega p'ros meus netinhos.

Então, zaz! as meninas dão-lhe um tapa de leve e fogem.

A "Cabra-céga" tacteando, procura ver si pega alguma das do jogo.

Si pegar, esta será a "Cabra-céga", que terá sobre os olhos a venda que a impossibilitará completamente de enxergar.

✣

## ESTADOS

Este jogo nos faz lembrar os ricos Estados que constituem o nosso torrão natal, a Patria Brasileira bem amada!

Uma porção de meninas chamar-se-á Pará, Maranhão, Amazonas, Ceará, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, Bahia, Pernambuco, Parahyba, Goyaz, Matto-Grosso, Rio Grande do Sul, etc.

Uma das meninas, por exemplo diz: Pará, corre e chama Ceará; Ceará tem de pegar Pará, mas este quando se vê em perigo, chama Bahia; Bahia tem de pegar Ceará, mas este chama o Paraná, que se puder pegar a Bahia, fará um ponto.

E assim continúa o jogo.

✣

## RODA DE BATER

A "Roda de Bater" constitue um jogo muito apreciado.

Umas 8 ou 10 meninas formam uma roda: uma dellas corre em redor e bate em uma das suas amiguinhas que immediatamente corre atraz della, que entra, então no logar de sua amiguinha.

A menina em que foi dado o tapa corre novamente ao redor e bate em outra: sendo perseguida e presa, fica no meio da roda sob o titulo de "gallinha choca", até que outra a venha substituir.

✣

## MÃE DE CALÇADA

E' quasi identico ao jogo de "Tempo-Será".

✣

## LARANJA DA CHINA

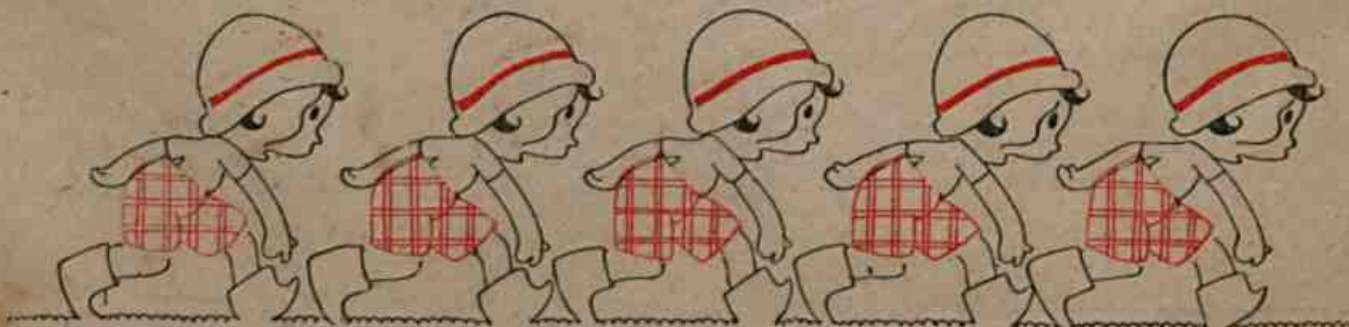
Uma reunião de meninas acha-se em torno de outra que conta assim:

Um, dois, tres, quatro; quantos pellos tem o gato, acabado de nascer? Um, dois, tres ou quatro?

A menina que ficar por ultimo, será a "mãe".

— Laranja da China.

— Tabaco em pó!

— O gallo que canta;

— Córócócó.
— O pinto que pia;
— Piripipi.
— Olá, que te pego!
— Não és capaz.

Então, a menina designada sahe correndo atraz das outras, até que pegue qualquer uma; si a agarrar, ella ficará sendo a "mãe".

## A BALEIA E O SIRIRI

Já sabemos que a Baleia é o maior dos animaes mammiferos e o Siriri é um grande peixe.

As meninas formam uma roda e cada uma toma o nome de um peixe, por exemplo: bacalhão, piranha, bagre, robalo, etc. A Baleia fica no meio.

Então o bacalhão diz: bacalhão, bacalhão, bacalhão, está aqui; quem não está é o bagre. O bagre, bagre, bagre está aqui! Quem não está é a piranha, que por seu turno diz: piranha, piranha está aqui, quem não está é o robalo.

Este responde: o robalo, o robalo está aqui! Quem não está é a "baleia".

A "baleia", cujo par é o "siriri", responde: a baleia, a baleia, a baleia está aqui! Quem não está é o "siriri", e ahi acaba-se o brinquedo.

## A GALLINHA, OS PINTINHOS E O GAVIÃO

Uma menina, a maior de todas, faz o papel de gallinha; outra o de gavião e o restante o de pintinhos.

A gallinha põe-se na frente, e os pintinhos, uns atraz dos outros, ficam atraz della.

O gavião quer ver si pega um pinto, porém a gallinha não o deixa porque corre de um lado e d'outro; os pintinhos a acompanham.

Si o gavião conseguir, por acaso, pegar um pintinho, este ficará sendo o gavião e o gavião sendo o pintinho.

## PULAR PAUSINHOS

"Pular Paüsinhos" é um brinquedo muito educativo.

Collocam-se dois paus finos em linha parallela, horizontalmente.

As meninas põe-se em linha, umas atraz das outras; depois vão pulando successivamente por sobre o pau, naquella direcção ou posição.

Depois que todas pularem, affasta-se mais a linha constituida pelos paus, até que todas pulem sem tocal-os.

Quando os paus estiverem muito longe um do outro, o brinquedo torna-se animadissimo e difficel.

A menina que errar ou não puder pular, ficará á parte.

E assim cada vez mais distante as meninas vão pulando, até que todas erram. A que errar por ultimo será a vencedora, por signal que pulou á maior distancia.

## FLÔRES

O brinquedo de "Flôres" é o seguinte: cada menina deve ter o nome de uma flôr: rosa, glycinia, dhalia, cravo, jasmin, etc. O cravo começa dizendo: fui passear num jardim e achei falta da rosa.

Esta diz: mentes tu! eu estava, quem não estava era o jasmim.

E assim continúa: um culpando e outro se defendendo, depois do que faz-se o jogo da berlinda e da prenda, já tão nossos conhecidos.

## FITA

Dentre 3 ou 10 meninas, tres ficam sendo: uma o anjo, outra o diabo e outra a vendedora de fitas.

Cada menina tem o nome da côr das fitas que quer; verde, preto, azul, branco, amarello, etc. Pórem, para difficultar o jogo, escolhem nomes fóra do commum, como por exemplo: côr do céo, côr do manto de Nossa Senhora, côr do mar, com todos os seus peixes, etc., etc.

Chega o anjo e pergunta:
— Tem fita?
— Tem! Que côr deseja?
— Vermelho.
— Não tem.

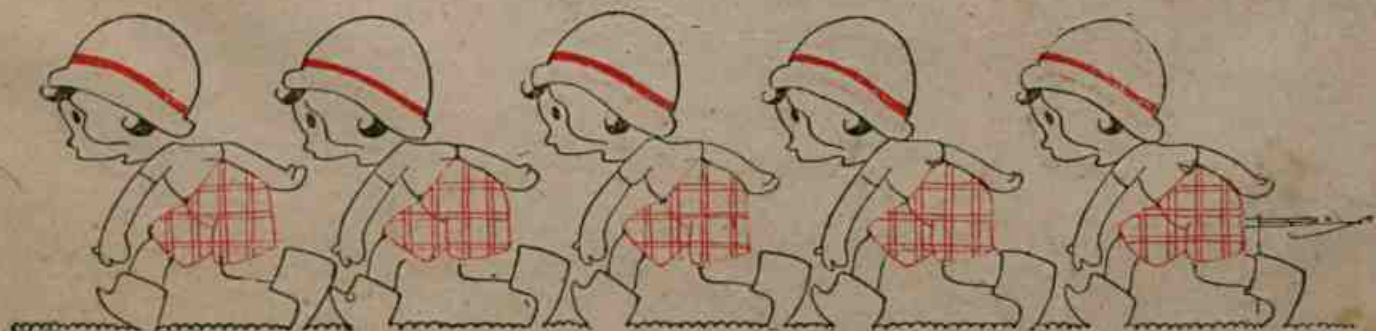
O anjo vae-se embora e chega o diabo que logo pergunta:
— Tem fita?
— Tem! Que côr deseja?
— Verde.
— Tem, sim.

E o verde tem que ir com o diabo.

Depois o anjo e o diabo vêm, si acertarem levam, si não acertarem, não levam, até que não reste nenhuma fita mais. Ahi, as meninas que pertencem ao lado do anjo, formam duas alas e cantam:

Tesourinha de amolar
Para quem quizer passar,
Tesourinha de amolar
Para quem quizer passar.

As meninas esfregam uma mão contra a outra para imitar a tesoura quando se abre e se fecha, e cada menina que é do lado do diabo passa entre estas alas e vae apanhando palmadas.

M A R I A M A C A G G I

# DE AMICIS, O AMIGO DAS CREANÇAS

(CARTA AO DIRECTOR D'"O TICO-TICO")

*Meu caro amigo.*

PEDE-ME V. que eu recorde aqui, a titulo de leitura para o Natal dos seus innumeros e queridos leitoresinhos do *Almanach*, a figura excepcional desse homem de genio e de imaginação, um dos maiores amigos das creanças que a humanidade já produziu, e que em vida se chamou Edmundo De Amicis. O que V. quer, creio eu, é o perfil do maravilhoso artista, no momento justamente em que toda a Italia, tomada de commoção, prepara-se para celebrar o meio centenario do *Il Cuore*, a sua obra prima por excellencia, livro que já agora, traduzido em todas as linguas cultas, não ha quem não considere um verdadeiro missal para a consolidação dos sentimentos da infancia, livro delicioso e benefico, o maior successo de livraria no fim do seculo passado depois das *Recordações* de Mussino d'Azeglio.

A ninguem mais suspeito teria V. recorrido para o desempenho de tão agradavel quão honrosa tarefa. Eu quasi aprendi a ler nas obras de De Amicis, principalmente em *O Coração*; e de tal modo cada uma dellas me entrou, se me enraizou dentro d'alma que, como certos viajantes intelligentes e emotivos podem evocar épocas da vida ou estado de espirito por uma paizagem ou por uma reliquia revista na téla, por um aroma aspirado ou por uma melodia outra vez executada, assim eu revejo de repente, ao reler essas paginas quentes e perfumadas do breviario do suave estheta de Turim, todo passado vago e remoto que se perdeu na minha cidade natal do reconcavo bahiano, pessoas que amei e respeitei, recreios onde brinquei, casas que habitei, occupações, illusões desapparecidas. Eu fui educado dentro dessa parte affectiva da obra do incomparavel escriptor e para sempre, na vida, fiquei deante della como um budha deante do seu fetiche.

Na escola que frequentei, os professores eram uma especie de sacerdotes; De Amicis, que nós carregavamos debaixo do braço, que liamos em voz alta, cantando a leitura ao som da toada de uma classe inteira, era o deus supremo que todos cultuavamos. Recebi do engenho desse homem verdadeiramente feliz o primeiro impulso para a minha formação literaria; fui creado dentro do seu humanitarismo, ao rumor das suas odes e das suas phrases harmoniosas, sob os largos sopros da lyra, em meio da graça da sua piedade e das luminosas nevoas do seu idealismo. Acompanhei De Amicis na sua indulgencia arrebatada por todos os transviados, todos os vencidos, todos os miseraveis. Tive fé no seu messianismo. Ainda hoje, vinte e tres annos após, ando a pensar como é que nos livros desse poeta e novellista, desse soldado que acampou no fundo das trincheiras, desse contemporaneo do egoismo universal, passa um veio tão claro e abundante de clemencia pelos fracos e pequenos; como era que no seu peito se aninhava tanta misericordia!

No proprio Evangelho ainda permanece muita ira: ha condemnações de Christo lançadas em palavras de ferro em braza e, se me não engano, de chicote em punho, o Redemptor entrou um dia no Templo para de lá correr os infames vendilhões. De Amicis, não. Em *O Coração*, elle culmina de excellencia moral; dá á alma infantil um profundo abalo de compai-

xão e de enthusiasmo pelos seus pequeninos heróes: Robetti, Precossi, Nelli, Coretti, Crossi, Betti, Rabucco, Garrone, Derossi, Stardi, o vigia lombardo, e escrevente florentino; o tamborzinho sardo, todo o grupo encantador dessa familia do bem e da honra que se enfeixa dentro do volume.

E' um livro para sorrir, chorar. Nunca o reli, que não sentisse qualquer cousa apertar-me a garganta por dentro e logo os olhos a marejarem... Psychologo extraordinario que era o estylista! Será pela sua obra que eternamente será guardado o contorno lendario de sua personalidade immortal, o seu retrato moral que se fixa na imaginação da petizada de todas as raças e de todos os climas, e que se reproduzirá atravez da interminavel successão dos seculos.

Com o ser o mais sympathico, o mais brilhante e o mais popular dos prosadores italianos dos ultimos cincoenta annos, De Amicis tambem revelou-se um patriota exaltado. Nasceu em Orneille, em 1846. Estudou em Coni, em Turim, e na Escola Militar de Modéna. Em 1865, era official e em 1866 bateu-se galhardamente na batalha de Custoza, onde, talvez, houvesse conhecido o *tamborzinho sardo*. Arrebatado no delirio guerreiro do jugo austriaco, publicou *Italia e Polonia*, versos. Em 1867, fundou e dirigiu em Florença a *Italia Militar*.

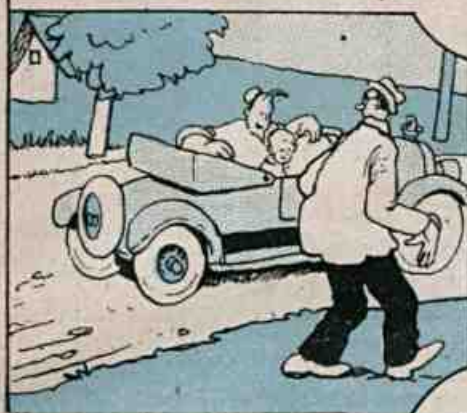
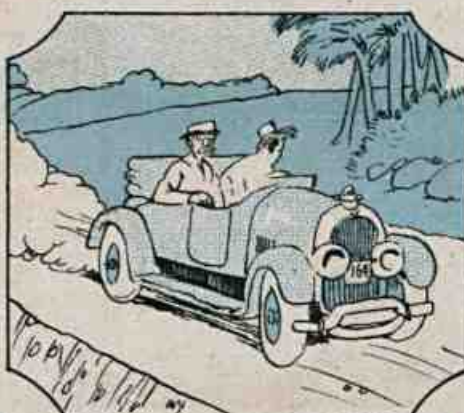
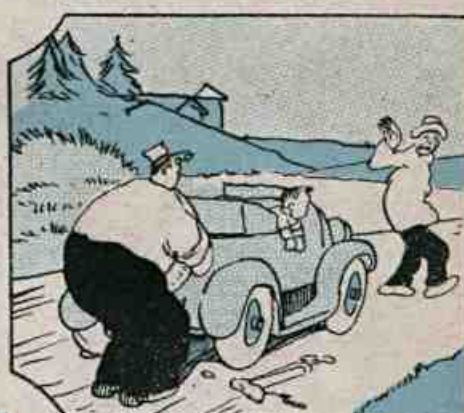
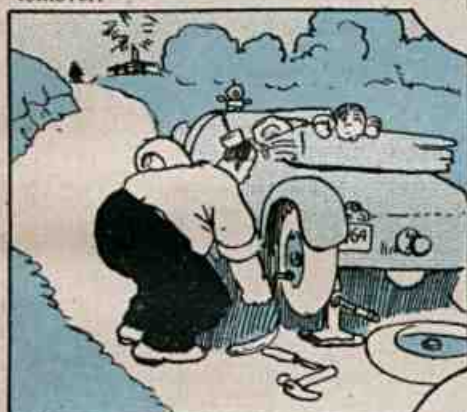
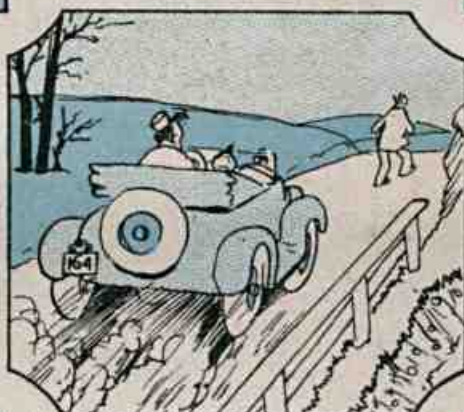
A' actividade jornalisica seguem-se novellas e livros de viagens num periodo em que o artista percorre os principaes paizes da Europa. Ajudou o Exercito unificador a transpor a Porta Pia, escrevendo mais tarde: *Hespanha, Hollanda, Monaco, Constantinopla*, livros de impressões; *Paginas esparsas*, e um volume de adoravel scepticismo que intitulou *Os Amigos*. Vieram ainda as *Recordações de Londres, de Paris* e *Sobre o Oceano*, onde a questão social é atirada á brocha larga.

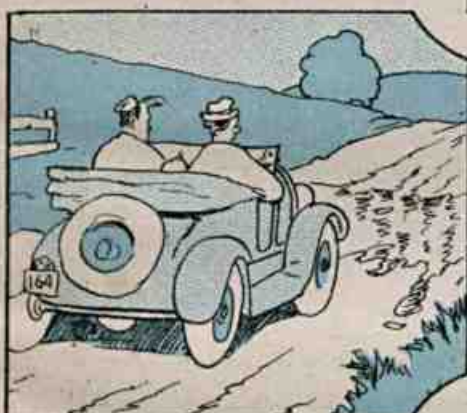
*O Coração*, porém, dominando a todos, é a sua mais perfeita gloria. Delle, a edição vae, talvez, a 500ª. Por occasião da 300ª, num banquete que lhe offereceu o respectivo editor, em Turim, De Amicis foi saudado por toda a Italia intellectual.

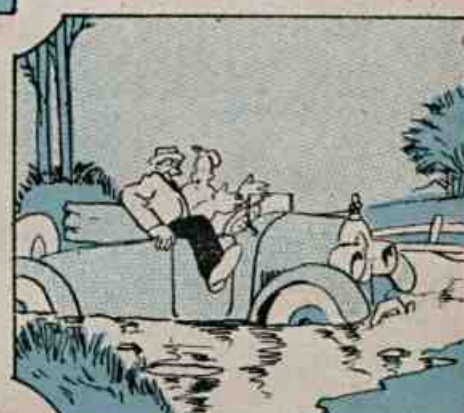
Esse homem de dotes tão inconfundiveis jámais deve deixar de ser amado pelas nossas creanças. O seu estylo nobre, puro, attrahente, e instructivo. Foi uma grande alma, cheia de sentimentos dignos. Depois de Manzzini, não acredito, nenhum prosador da peninsula glorificou mais a lingua do paiz. Percebe-se nelle o garbo, a originalidade, a simplicidade, a elegancia, o talento descriptivo com uma tal maestria que se póde affirmar que elle, como os mestres da pintura da Renascença, sabia ver absolutamente verdadeiro. De Amicis, como Dickens, era de uma estirpe de escriptores amigos dos meninos soffredores. A sua figura, o seu perfil literario será perfeitamente lembrado tal qual elle foi em vida — o grande, o delicado, o dôce e carinhoso camarada da infancia, para qual compoz um compendio que é um cathecismo de Amor e Bondade.

Seu affectuoso collega, admor, constante, ex-corde,

M. Paulo Filho

# CAPILÉ NÃO GOSTA DE ANDAR A PÉ

*Capilé* tinha que fazer uma viagem a pé. E iniciou-a. Mas em caminho encontrou o *Chico Pindoba* num automovel.

— Deixa-me viajar comtigo? — Pois não! — respondeu o *Pindoba*. E o *Capilé* lá se foi no automovel.

O carro, porém, enguiçou e o *Capilé*, que não queria perder tempo, saltou e disse ao *Pindoba* que já voltava.

*Pindoba* é um habil mecanico e com algum trabalho concertou o automovel...

...que partiu. Pouco adeante, *Capilé* foi encontrado e renovou o pedido de viajar de automovel.

*Pindoba* accedeu e lá seguiram os dois impagaveis companheiros pela estrada em fóra.

Um grande rio interceptava a passagem do automovel. — Entra com o carro, *seu Pindoba*, eu garanto! — disse...

...*Capilé*. *Pindoba*, garantido pelo amigo, metteu o automovel no rio, cujo fundo era lodo só.

O carro, como era de esperar, atolou-se profundamente. Foi ahi que o *Capilé* começou a *garantir* a situação.

— Espera ahi, *seu Pindoba*, eu vou desatolar o carro! Em tres tempos eu tiro essa *joça* da lama!

E pulou, de um salto formidavel para a margem do rio. Quando já estava em terra firme...

...o *Capilé* voltou-se para o *Pindoba* e disse: — Amanhã eu voltarei para desatolar o carro.

# UM PUNHADO DE ERVILHAS

NINGUEM sabia por que motivo aquella creança loura corria afflicta pela estrada humida.

Alguem já havia pensado que a pequenina mysteriosa fugia do chinello materno ou da vara impiedosa de algum professor mais rabujento. Outros menos curiosos deixaram-na passar sem ao menos lançarem um pequeno olhar indagador. O velho moleiro, entretanto, que vinha da feira, onde deixara alguns saccos de farinha, bom como todos os velhos que não têm uma netinha, deteve a corrida da pequenita e perguntou paternalmente :

— Que tens, minha flor ? Por que corres tanto ?

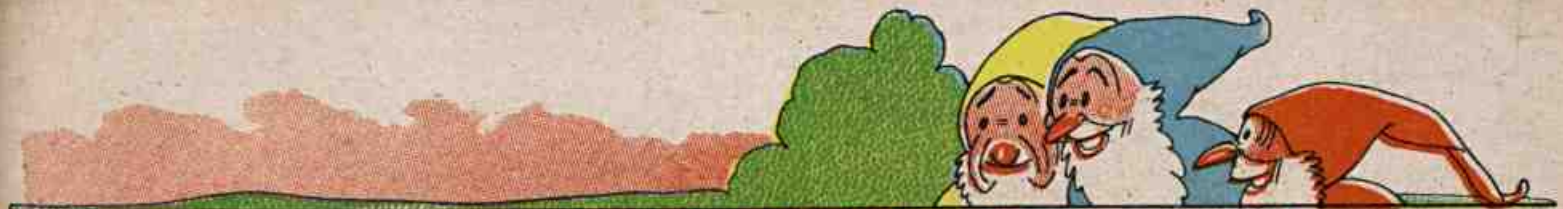
— Mamãesinha, — respondeu a pequenina loura, — soffre muito. Está sobre a cama, não diz uma palavra, e eu vou buscar o doutor, que eu não sei onde mora. Acompanhe-me, por favor.

— Eu sou velho — atalhou o pobre oleiro, — não te posso guiar mais, minha filha. Vae tu, que és ligeira como a andorinha. Segue a estrada por ahi afóra e, sempre que tiveres uma duvida, na enrruzilhada escura, lança á relva dos caminhos um grão de ervilha.

E, mettendo a mão no bolso fundo do jaleco velho, o bom oleiro tirou um punhado de grãos de ervilha e deu-o á pequenita boa, que partiu a correr. E o velho oleiro, curvado sobre o bastão, talvez seu melhor amigo, acompanhou com os olhos cançados a andorinha ligeira que, de cabellos revoltos, vencia a estrada longa, muito longa...

Depois, passaram-se os dias.

Numa tarde risonha, dessas tardes em que o sol não se despede porque vae voltar no dia seguinte, appareceu no moinho do velho oleiro a menina da estrada.

O bom velho beijou-a demoradamente na cabecinha tão linda e nem póde articular uma palavra meiga porque a pequenita falou-lhe nervosa, sorridente, agradecida :

— Mamãesinha já está boa. Manda-me beijar as tuas mãos agora e sempre que eu te encontrar.

— Conta-me então, andorinha da estrada, como conseguiste falar ao doutor.

A pequenita accommodou a cabelleira revolta e começou a falar :

— Quando eu cheguei á curva do caminho, onde tres cedros do Lybano fazem sombra, erguidos como tres fantasmas, senti um arrepio de medo e beijei a minha medalhinha de Nossa Senhora de Lourdes. Havia mais de um caminho. Lancei então á relva um grão de ervilha e ahi nasceu um velhinho anão que me indicou o caminho desejado. Depois, sempre que me apparecia um embaraço, eu recorria ás ervilhas, e outros velhinhos amaveis iam surgindo e me ajudando. Cheguei emfim á casa do doutor, que me disse não lhe ser possivel soccorrer a mamãesinha doente, pois que não havia por ali um carro que o pudesse conduzir. Lancei mão mais uma vez das ervilhas milagrosas e, com surpreza, vimos nascer uma "charette" vermelha e um burrinho cinzento. Partimos então quasi a galope. O doutor depois vinha todos os dias na "charrette" vermelha ver a mamãesinha. Hoje ella está boa; mandou-me beijar as tuas mãos tão dedicadas. Mas eu tinha ainda um pedido a fazer, que me enche de vergonha.

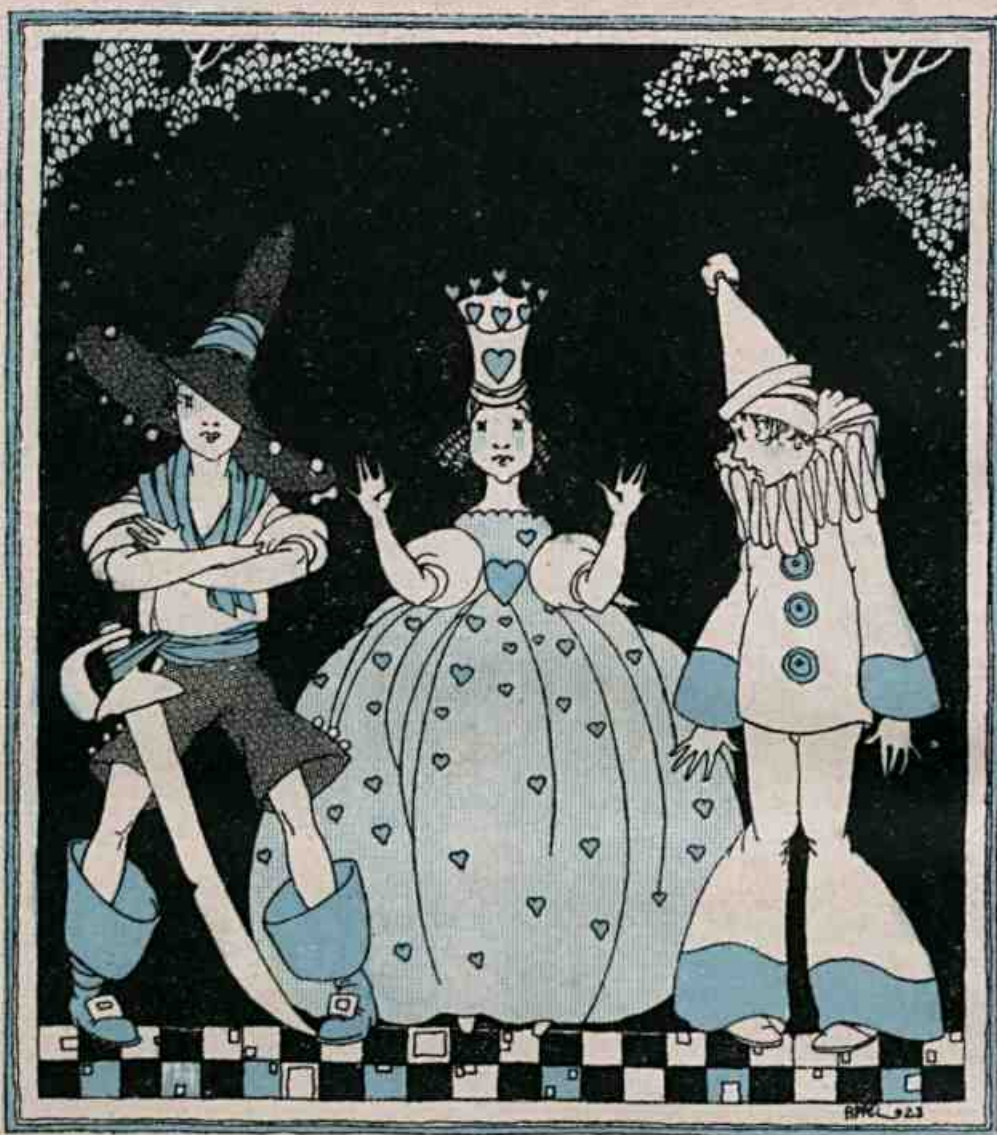
— Fala, minha filhinha, retorquiu o velho.

A pequenina loura voltou a cabecinha humilde para a lado opposto e olhou vagamente a estrada longa, muito longa, e pediu:

— Se fosse possivel... dar aquella "charrette" vermelha e aquelle burrinho cinzento...

— A quem, meu anjo ? A ti ?

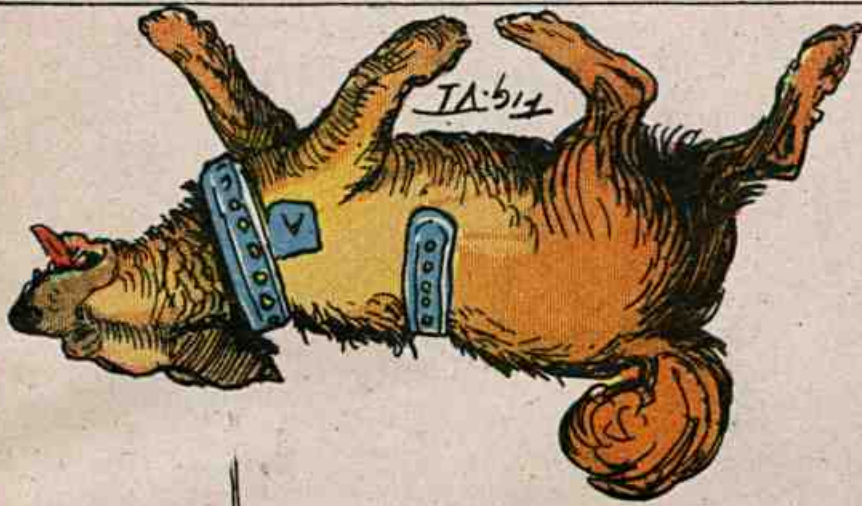
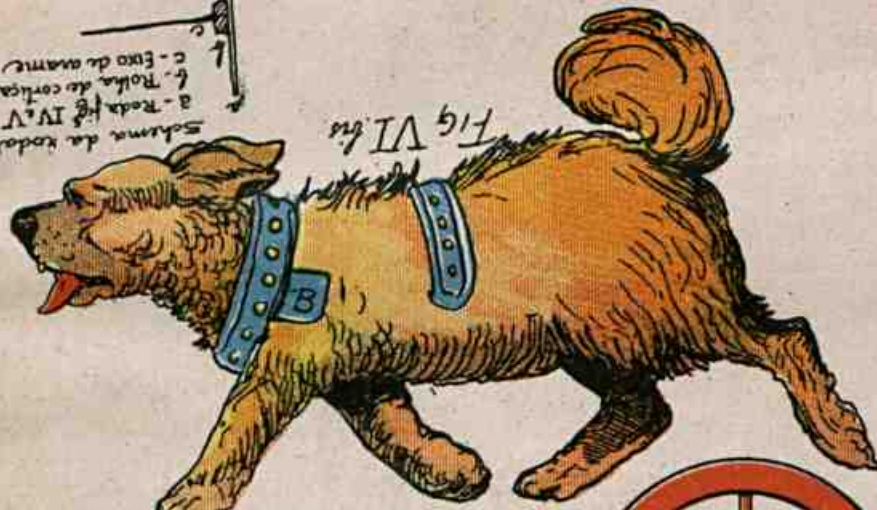
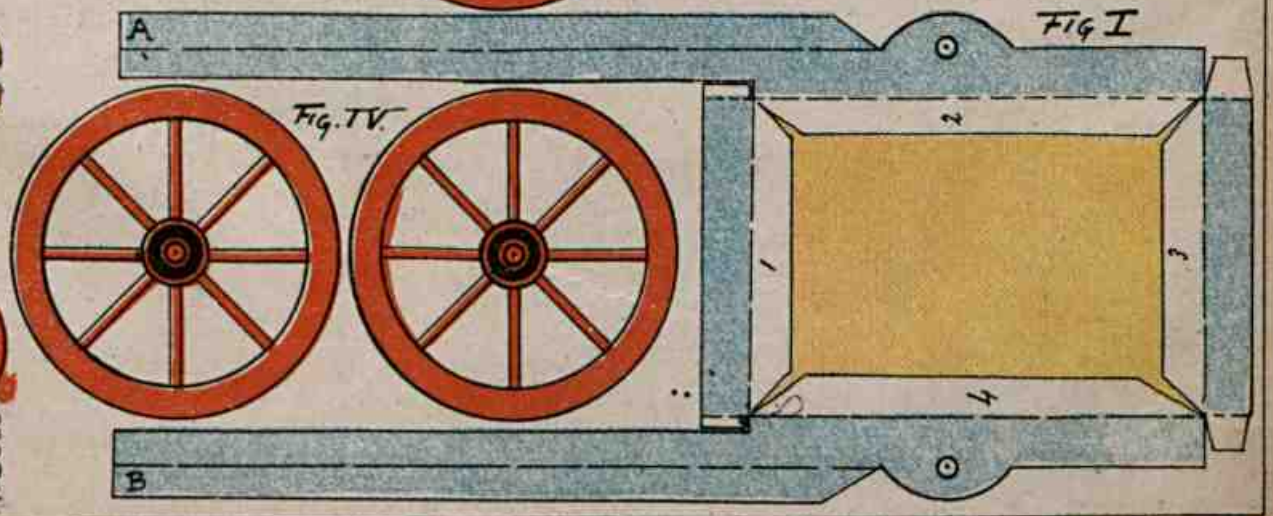
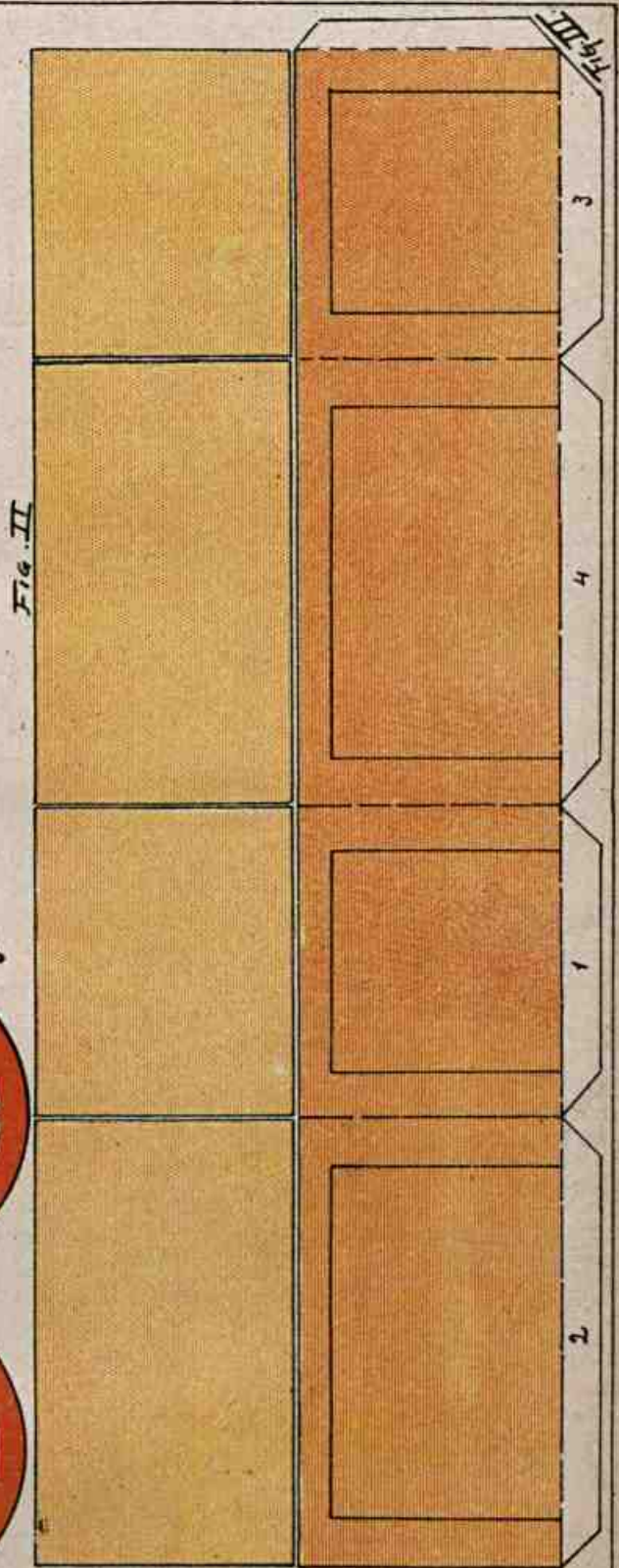
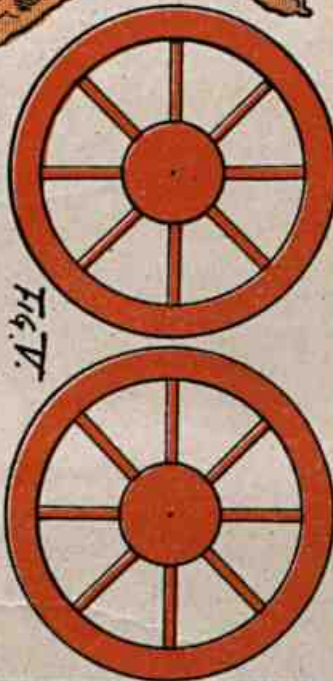
— Não. Ao doutor. Elle foi tão bom...

SOLDADINHO DE CHUMBO

# O CARNAVAL

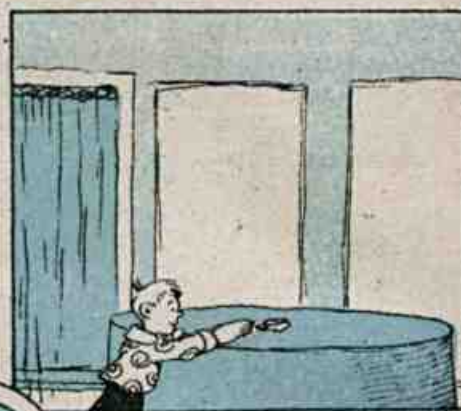
*Joãozinho tem vontade,*
*No Carnaval deste anno,*
*De sahir fantasiado*
*De Guerreiro mexicano!*

*Mas sua irmãzinha Olga*
*Não quer guerreiro nem tropas:*
*— E' seu ardente desejo*
*Sahir de Dama de Cópas.*

*Por fim Rubens, indeciso,*
*Indaga se é boa sina:*
*— Vestir-se de Pierrot*
*Sem ter uma Colombina*

# O CÃO DE TIRO

**Explicação:** — Preguem tudo em cartolina e recortem a canivete todas as figuras. Dobrem e collem aos varaes as duas peças A e B (reforço). Voltem para baixo pelas linhas pontuadas as margens da figura I, collando os cantos, para formar uma especie de tampa de caixa, depois collem sobre os ns. 1, 2, 3 e 4 os lados da fig. III que representa a face externa da caixa da carrocinha. A fig. II é a face interna da fig. III. Depois de collar as rodas (fig. IV) nos seus respectivos **versus** (fig. V), preguem duas rolhas de ½ centimetro cada uma no centro das rodas (fig. V) e com um arame recto, com os extremos achatados, façam o eixo cujas extremidades entrarão nos pedaços de rolha. Unam as duas metades do cão e colloquem-no entre os varaes, collando estes sobre os lados do cão, das letras A e B até á cinta. Este carrinho será puxado por um fio qualquer.

# O CONCERTO DO RELOGIO

*Capilé* estava aborrecido porque o seu relogio de bolso deixara de funccionar.

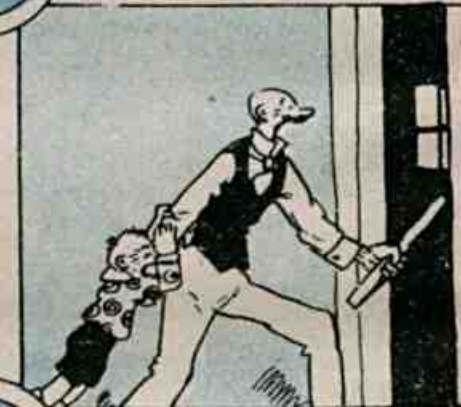
— Vou deixal-o aqui sobre a mesa para amanhã leval-o a concerto! — disse o *Capilé*.

Mas emquanto papae foi lá dentro, *Bébé* se approximou da mesa e apanhou o relogio.

— O papae não precisa gastar dinheiro porque eu mesmo vou concertar o relogio! — disse o garoto.

E sorrateiramente encaminhou-se para o quarto de ferramentas do papae. Foi dar começo á obra.

Em menos de um minuto, *Bébé* deu tantas martelladas no relogio que o reduziu a frangalhos.

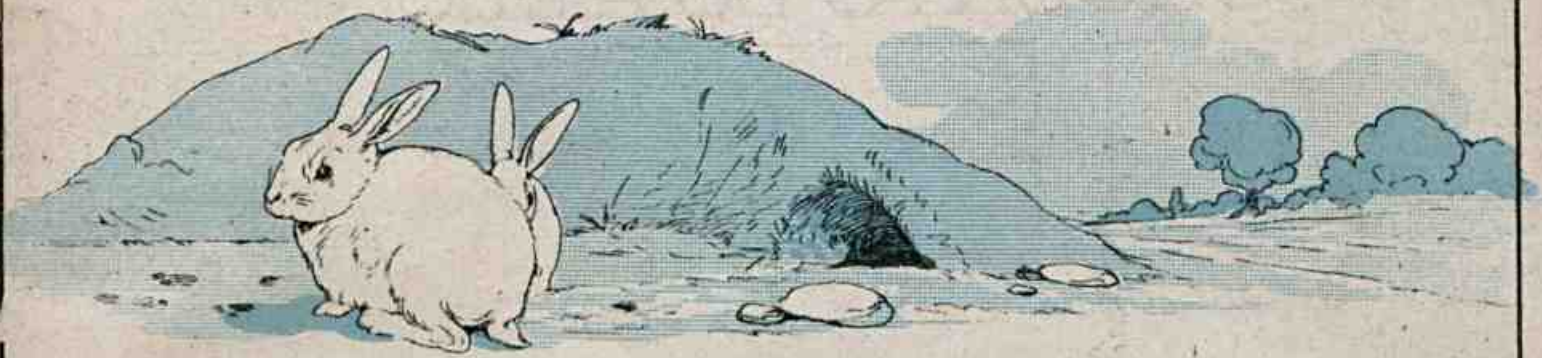
*Capilé*, ouvindo o ruido no quarto de ferramentas, para lá se dirigiu e quasi morre de indignação.

Exasperado, corre para um armario e vae buscar a palmatoria para ajustar contas com *Bébé*.

Agarra o filho pelo pescoço e arrasta-o para a sala de visitas, promettendo-lhe mil duzias de bolos.

Quando ia começar a *surra*, *Bébé* disse-lhe: — O relogio que eu quebrei não era o seu, era um de chocolate.

*Capilé* "faz alto" no ajuste de contas e vae verificar se o filho estava falando a verdade.

*Bébé* mentira. Quebrara mesmo o relogio de *Capilé*. Quando este voltou para castigal-o, *Bébé* fugira para a casa do visinho.

# UM ARDIL DOS COELHINHOS

DOIS coelhinhos andavam muito assustados e nem mais tempo tinham de procurar alimento pela matta onde moravam. E havia motivo para tão grande apprehensão, porque todos os dias encontravam, nas proximidades da toca onde dormiam, pégadas vivas de um carniceiro.

— Com certeza essas pégadas são de leão! — dizia um delles.

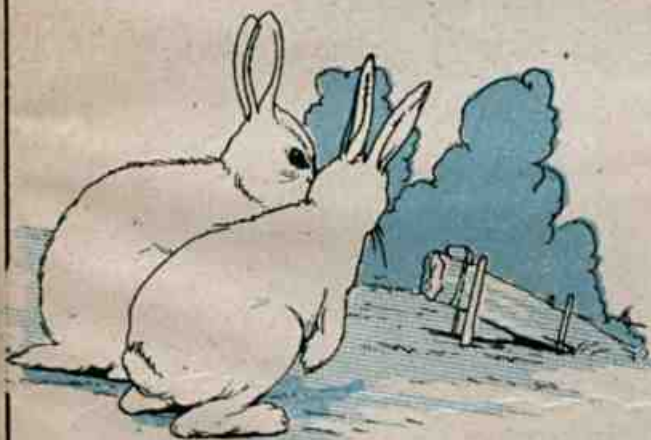
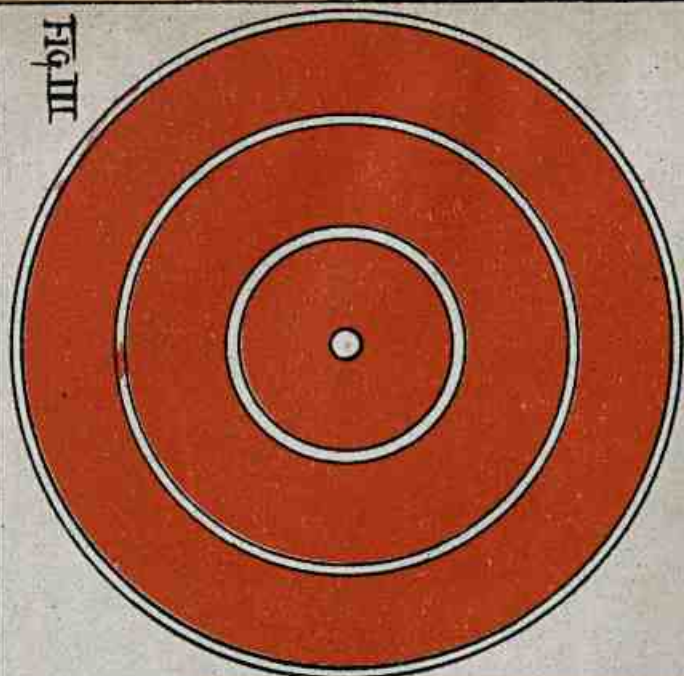
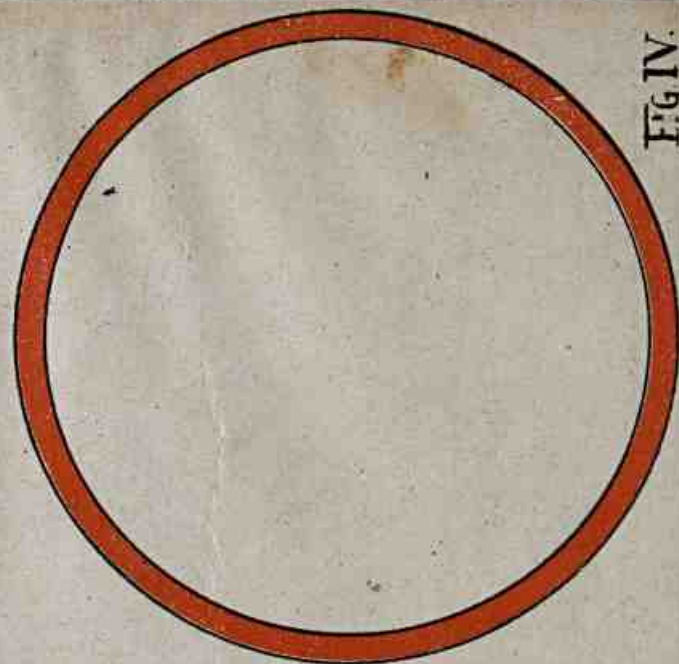
— De leão ou de tigre, esse animal perigoso que matou e comeu nossos avós! — respondia o outro.

E, assim, sempre medrosos e inquietos, nem mais comiam nem dormiam, sempre vigiando o inimigo. Uma manhã, porém, um delles se lembrou de um mundéo, perigosa armadilha, que um lenhador que ali morava havia armado para pegar as raposas que lhe roubavam a criação.

— Vamos passear perto da armadilha e, sem duvida, o tigre, procurando atacar-nos, será apanhado! — disse um coelhinho.

— Está feito! — concordou o outro. Ora, o tigre, que andava esfaimado, vendo as pégadas dos coelhinhos, segui-os e se approximou da armadilha.

Fel-o, porém, com tão pouca cautela, que desarmou o mundéo e ficou preso pela cauda.

O leão, furioso, lutou para se livrar, mas não o conseguiu, com grande gaudio para os coelhinhos, que dansavam em róda.

No dia seguinte, o lenhador, vendo o leão, matou-o e os coelhinhos puderam viver tranquillos, sem receio da féra que o ameaçava.

*Explicação*: — Preguem tudo em cartolina e recortem a canivete. Recortem e retirem a parte branca, marcada com X, dos circulos da fig. I. Grudem as extremidades da figura I e do mesmo modo procedam com a figura II. Dobrem para dentro os bordos dentados das duas figuras e sobre elles assentem as figuras III e IV, isto é, a fig. III sobre a fig. II e a figura IV sob a figura II. Enfiem a caixa formada pela fig. II dentro da caixa formada pela fig. I. Gyrando as caixas, as cabeças mudarão de corpos.

## A CAVALLARIA ANTIGA

Os Cavalleiros eram os Escoteiros antigos, cujas regras muito se assemelham ao nosso Codigo de hoje. O dos japonezes tambem tem muitos pontos de contacto. Nós somos os seus descendentes, e devemos por isso manter a reputação que elles conquistaram e seguir ó caminho que nos deixaram traçado.

A sua honra era, para elles, sagrada. Preferiam morrer, a commetter qualquer acção que fosse de encontro aos dictames da sua honra, taes como mentir ou roubar. Estavam sempre promptos a bater-se e a fazer-se matar para defender o seu rei, ou a sua honra. Milhares delles encontraram a morte na Palestina, para onde correram em defesa do christianismo.

Um Cavalleiro era sempre acompanhado dum pequeno sequito, um escoteiro e alguns homens d'armas; assim como os nossos monitores de patrulhas dispõem do seu sub-monitor, e de mais cinco ou seis escoteiros.

A escola do Cavalleiro era-lhe dedicada até á morte. A sua honra era sagrada. Eram leaes ao seu Deus, ao seu rei, e ao seu paiz.

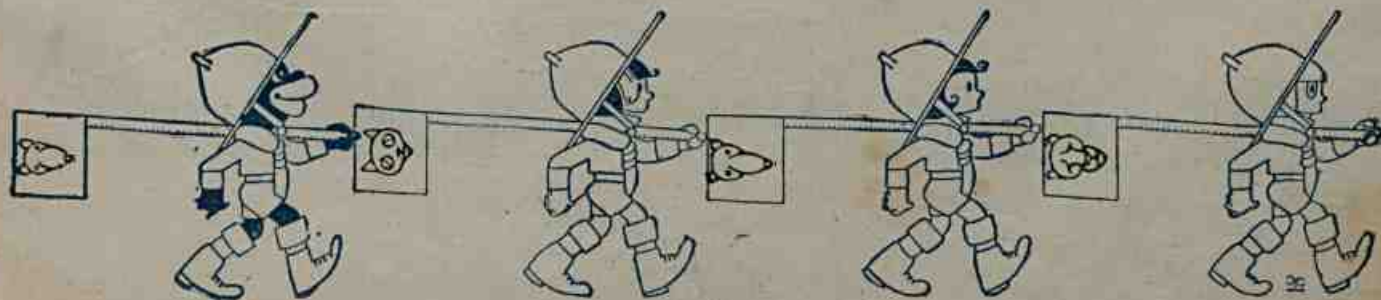
Eram particularmente cortezes e delicados para com as damas, as creanças e os enfermos. A todos prestavam o seu auxilio. Repartiam o seu dinheiro e pão pelos necessitados, economisando para o poderem fazer. Dedicavam-se ao emprego das armas, para a defesa de sua Patria, contra o inimigo. Procuravam adquirir todo o vigor e saude de que careciam para o desempenho do seu papel.

Para se ser bom escoteiro, basta seguir os exemplos desses antepassados, modelos de virtudes e de valor.

Um dos pontos mais importantes do seu programma ou Codigo, consistia na obrigação de prestarem, quotidianamente, serviços a qualquer pessoa, obrigação que o nosso Codigo tambem exige. Ao levantar-se, todo o escoteiro deve se lembrar desse dever indeclinavel, e para isso faz um nó no lenço ou na gravata, afim de evitar o esquecimento. Quando, apezar de tudo, esquece, procura prestar dois serviços no dia immediato para contrabalançar a falta commettida.

Ha sempre occasião de os prestar: dar um tostão a um pobre, ajudar uma pessoa, idosa ou cega, a atravessar uma rua; ceder o logar a uma creança, a um velho ou a uma senhora; levar agua a um animal sequioso; não deixar que maltratem os animaes; afastar dum passeio qualquer objecto que possa originar uma quéda; dar uma informação a um forasteiro; e assim, muitas outras boas acções.

O escoteiro não deve se esquecer de fazer o nó, destinado a recordar que tem de praticar uma boa acção. Habituando-se a fazer o nó no lenço ou na gravata, ao vestir-se, não se esquecerá.

BADEN POWELL

# COMO SE FAZ O TECIDO DE TRICOT

O lindo tecido de tricot, com o qual são feitos os sapatinhos de lã para os *bebés*, é de muito facil execução. Arranjem as meninas um novello de lã fina e duas agulhas apropriadas, de osso.

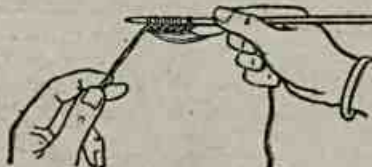



*Fig.* 1

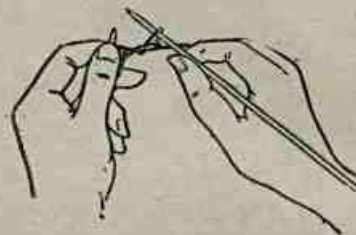
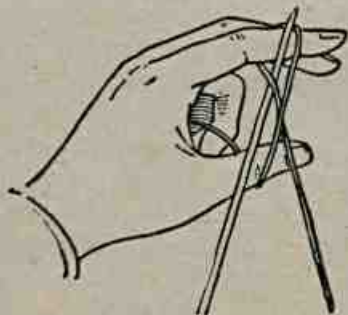
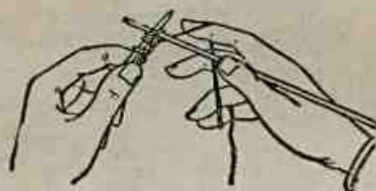
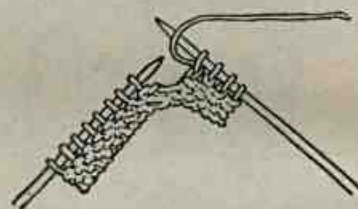



*Fig.* 2

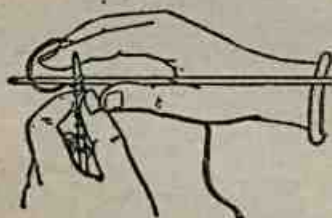
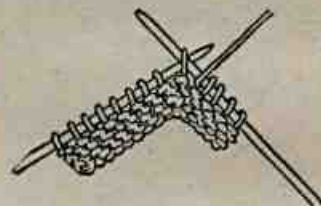
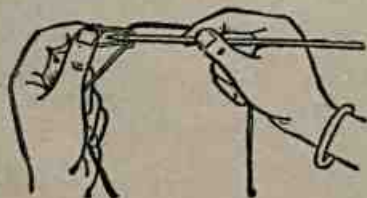



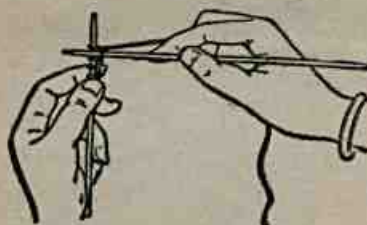
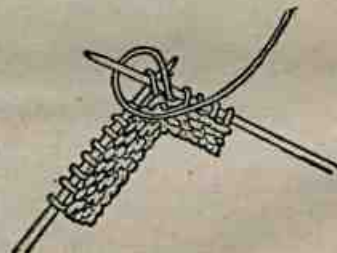
*Fig.* 3

Acompanhem, em seguida, as instrucções graphicas das figuras 1 a 13 e, se tiverem paciencia e habilidade, cousas que toda menina deve possuir, em menos de uma hora, podem aprender a fazer tricot.

*Fig.* 4

*Fig.* 5

*Fig.* 6

*Fig.* 7

*Fig.* 8

*Fig.* 9

*Fig.* 10

*Fig.* 11

*Fig.* 12

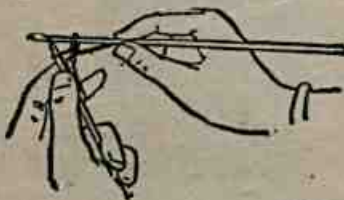
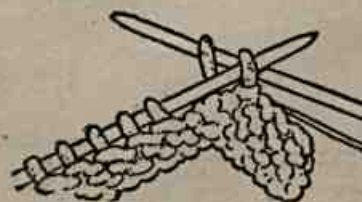
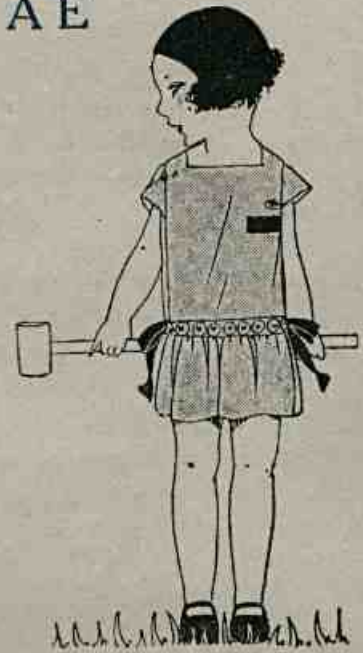
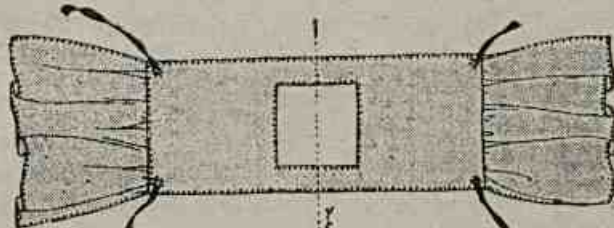
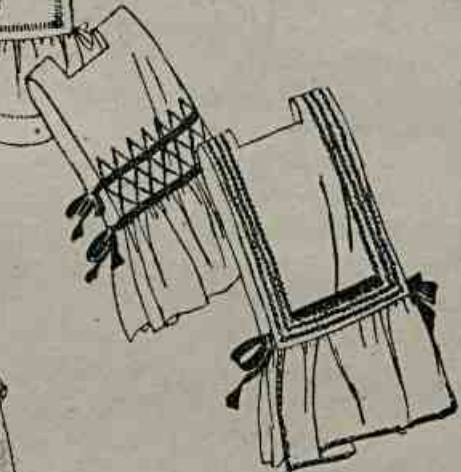
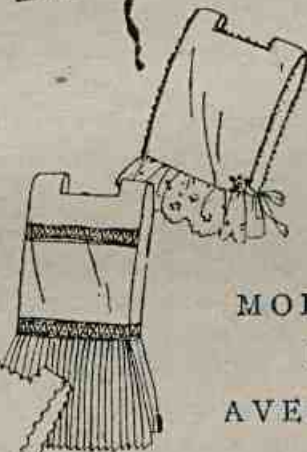



*Fig.* 13

# A PAGINA DE MAMÃE

Do modelo que se vê ao alto da pagina pódem ser confeccionados todos os demais aventaes. E' um simples rectangulo de fazenda, ao centro do qual se corta um quadrado, á guisa de gólla. Dois babados franzidos em cada extremidade e quatro fitas atadas ás pontas dos bordados fazem a cintura. De facil execução, os aventaes desta pagina darão á *bébé* e mesmo á menina collegial uma elegancia graciosa.

# A lenda de S. Lazario

"Lazario era um simples escudeiro da côrte do Tzar Duschan, que reinou desde a Dalmacia até a Macedonia, em meiados do seculo XVI. A tradição dá ao heroe uma origem sobrenatural, pois dil-o nascido de Duschan e Vila, divindade dos bosques, da antiga mythologia dos Servios.

Com effeito, o Tzar, cuja gloria apagou a lembrança de seus crimes, testemunhava a Lazario singular affeição.

Um dia em que, no cumprimento dos deveres de seu cargo, o moço lhe enchia de vinho a taça, Duschan notou sua tristeza e perguntou-lhe a causa.

— Todos os meus companheiros — respondeu elle — têm uma esposa; eu ainda não consegui tão grande felicidade.

— Não seja essa a causa de tua tristeza — respondeu o poderoso Tzar — pois, meu fiel escudeiro, podes escolher entre as moças, filhas dos meus vassalos nobres, a que mais te agradar.

Então Lazario confessou, corando, que amava em segredo a bella Militza, filha de um dos mais poderosos senhores, Jug Bogdan.

— Por Deus! — exclamou Duschan — era precisamente ella que eu queria dar-te como esposa!

Lazario lembrou então as condições de sua fortuna e o orgulho do pae de sua amada. Mas o rei disse:

— Amanhã vou á caça com Bogdan, convidal-o-hei para jantar commigo, trazendo seus filhos. Prepara vinho, mel e licores. Logo que os convivas tenham provado dessas bebidas embriagadoras e que Bogdan comece a ler os antigos livros sagrados que conteem os segredos do nosso destino futuro, tira o copo de ouro que está no meu thesouro, enche-o de vinho generoso e offerece-o a Bogdan. Elle, certamente, te perguntará que deve offerecer-te em recompensa e então intercederei em teu favor.

Tudo se passou como fôra combinado e quando o velho fidalgo ao levar aos labios o copo cheio, perguntou que devia dar a Lazario, em recompensa de sua offerta, Duschan respondeu: — Elle só deseja uma cousa: é a mão de Militza.

Os nove filhos de Bogdan levantaram-se indignados, mas seu velho pae, com um gesto, impoz-lhes silencio; depois abriu os livros sagrados para procurar o destino de Militza. Passado pouco tempo, tendo interrogado o oraculo, no meio de silencio geral, disse com voz grave:

— Minha filha deve desposar Lazario, que será rei da Servia e que com ella partilhará o throno.

Encantado por essa resposta, o rei fez ricos presentes aos irmãos de Militza e a ella offereceu um globo de ouro com tres grandes brilhantes. Em breve se fez o casamento.

Com a morte de Duschan, o ultimo soberano da dynastia dos Nimenja, seus generaes disputaram o throno e essas lutas abriram aos soldados de Amurat as portas da Servia, que devia perder sua independencia nas planicies de Kossovo.

Mas não antecipemos; Lazario, segundo a predicção de Bogdan, succedeu ao rei e venceu seus rivaes. A felicidade, porém, do ditoso esposo de Militza devia ser curta.

Um dia, o propheta Elias, sob a forma de um falcão de brilhante plumagem, entrou no palacio de Lazario, levando ao heroe uma carta da Virgem.

Nessa celeste missiva, Maria dava-lhe a escolher entre a grandeza terrestre e o reino do céu. Se optasse pela primeira devia ir para o estrangeiro, onde a gloria o esperava; mas se preferisse o reinado do céu, devia levantar na planicie de Kossovo uma tenda de seda e de purpura, em logar de uma igreja de marmore, preparando-se com seus soldados para a morte gloriosa que os esperava.

Lazario, a quem a lenda popular considera martyr, não hesitou. Renunciou ao poder, ás alegrias da vida e depois de receber os tocantes adeuses de Militza, foi erguer sua tenda na planicie fatal, onde fez acampamento.

No dia seguinte, no campo de batalha, quando o sultão Amurat acabava de ser morto por Milaseh e os Turcos estavam admirados pelo olhar de Lazario, que parecia o do deus das batalhas, um de seus generaes, o trahidor Brankovitch, passou-se para o inimigo com os esquadrões de seu commando.

Lazario em vão fez prodigios de valor: seu cavallo morreu, arrastando-o na quéda; os soldados, jul-

## Historia de S. Jorge, Padroeiro dos Escoteiros

S. Jorge, martyrizado em 301, abraçara a carreira das armas, servindo sob o governo de Diocleciano. Identificou-se, não sem verosimilhança, com o joven que, segundo referem Euzebio e Latancio, rasgara com as suas proprias mãos o edito de perseguição aos christãos, affixado ás portas do palacio imperial de Nicomandia. As actas do seu martyrio foram declaradas apocryphas pelo Papa Gelazio, em 484, não tendo, portanto, autoridade alguma.

Certo é, porém, que S. Jorge soffreu a morte pela fé em 303. Seu corpo foi mais tarde trasladado para Lydda, na Palestina, e Constantino erigiu um oratorio sobre seu tumulo. Sem custo tornou-se rapidamente popularissimo entre os gregos, que lhe deram o titulo de "megalomartyr" (grande martyr) e sómente na cidade de Constantinopla lhe foram dedicadas seis igrejas.

Era egualmente venerado em Roma, na Italia, na Gallia, no decurso do VI seculo. A Inglaterra o tomou por patrono em 800.

Representa-se muitas vezes S. Jorge sob a figura de um cavalleiro abatendo um dragão e defendendo contra o monstro uma virgem que implora seu soccorro.

E' preciso ver nessa tradição um symbolo da victoria que o martyr alcançara sobre o paganismo, a donzella representa ou a sua provincia que seu exemplo e sua protecção arrancaram á idolatria, ou a Fé, em geral, de que foi elle soldado corajoso.

A sua festa é realizada no dia 23 de Abril.

## O jumento e o porco

No matadouro, á hora da matança
O pobre de um jumento
Vendo um porco, como elle, condemnado
Ao cutello e á balança,
Cheio do mais profundo desalento
Disse: — Querido, é o termo do caminho!
E chorava, coitado,
Como um triste bezerro desmamado,
O pranto a lhe escorrer pelo focinho.

— Adeus! não nos veremos mais, dizia,
meu irmão, meu amigo! O porco, emtanto,
Que é tranquillo e philosopho, lhe disse
Por sua vez: — Estanca esse teu pranto
E deixa de tolice.
Adeus? Adeus por que? Porque morremos?
Deixa que venha a morte, a morte é bella!
Quem sabe se ainda nos encontraremos
No pedaço de alguma mortadella?

LUIZ EDMUNDO.

*Uma pequena, no collegio, foi mandada escrever 200 palavras a respeito de um automovel. Desempenhou-se da tarefa da seguinte fórma:*

*— "O meu tio comprou um automovel. Andava a passeiar nelle pelo campo, quando rebentou um pneumatico, no meio da estrada. As outras 180 palavras são as que meu tio disse quando vinha a pé para a cidade, mas já sei que me reprehenderia se eu as repetisse".*

gando-o morto, debandaram. Quasi só, lutou ainda, preferindo a morte á fuga vergonhosa. Mas o combate era muito desegual e o heroe succumbiu com seus soldados heroicos, que o não abandonaram, o pae e os irmãos de Militza.

O corpo de Lazario foi arrastado pelos soldados turcos, que lhe cortaram a cabeça, lançando seu cadaver a um rio. Quarenta annos depois da batalha de Kossovo, alguns servios, que passaram por aquelle logar viram numa noite muito escura, brilhar no rio uma luz sobrenatural. Era da cabeça de Lazario, que sahia essa luz tão viva. Retiraram-a da agua e, com respeito, collocaram-a sobre a relva. De subito (prodigio maravilhoso!) a cabeça, por si, foi collocar-se na altura em que devia estar o corpo do heroe.

A' nova desse milagre, todos os padres se reuniram em torno dos restos gloriosos do santo, que falou, pedindo para ser enterrado na igreja de Rivanitz, que elle proprio mandara construir.

# OS BONECOS DANSARINOS

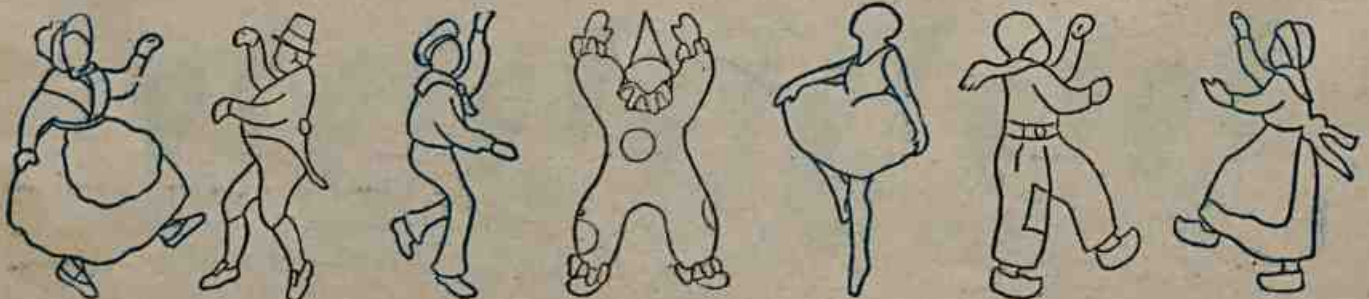
Os meninos querem organisar um baile de bonecos? Organisem e verão como se hão de divertir. Aqui vamos ensinar aos meninos como se organisa o tal baile. Arranjem uma mesa, uma banqueta em cima da qual haja uma placa de vidro, como se vê na figura central. Recortem, em seguida, num papel que não seja grosso, uma porção de figurinhas e bichinhos iguaes aos que emolduram esta pagina. Isso feito, colloquem todos os bonecos e bichinhos sob o vão da mesa. Elles ficarão deitados, immoveis, porque, naturalmente, não começou ainda o baile.

Mas vocês não tardarão a dar inicio á festa dansante. Peguem um pedaço de tecido de lã, bem secco, e com elle friccionem a placa de vidro de modo a electrisal-a.

Hão de vêr, então, que todos os bonecos e bichos de papel começarão a dansar, saltando sob a placa de vidro.

Deu-se ali um phenomeno de physica: a electricidade attrahiu os pequenos corpos.

Para que a experiencia tenha mais interesse, podem vocês, em vez de bonecos e bichinhos de papel, construir bonecos, cavallinhos e sapinhos de cortiça, que dansarão, attrahidos pela electricidade, dando ao phenomeno de physica a impressão perfeita de um baile de bonecos.

Experimentem promover um baile de bonecos de cortiça, ou mesmo de papel, e não se arrependerão.

# OS CARRETEIS DE LINHA

Apanhem todos os carreteis de linha vasios que puderem encontrar, grandes, pequenos, grossos e finos não importa a quantidade, quanto mais forem, melhor. Proporcionam grande dose de divertimento estes brinquedos sempre promptos e faceis de alcançar; póde-se fazer com elles uma infinidade de objectos. Ora, vão ter com a mamãe e digam-lhe que serão capazes de construir o Parthenon, se ella lhes der bastantes carreteis e vel-a-ão sorrir, mostrando não acreditar. Mas affirmem-lhe que estão falando muito a sério e que ella verá depois da obra feita, se é verdade ou não. Comecem então a trabalhar para a surprehender com a representação em miniatura de um dos mais bellos templos que jámais se edificaram. Principiem por collocar de pé, quatro carreteis numa fila, para formar o primeiro lado da construcção, deixando o espaço, pouco mais ou menos, de um carretel entre cada um. Colloquem oito em fila para o segundo lado, quatro para o terceiro e oito para o quarto. Os carreteis que sejam todos do mesmo tamanho para que as paredes possam ficar perfeiatmente eguaes.

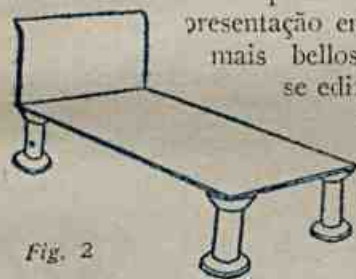



Fig. 1

Fig. 2

Dobrem outro pedaço de cartão pelo centro ao comprido, para o telhado e colloquem-n'o em fórma de barraca sobre o tecto.

Ponham mais dois carreteis sobre cada um dos que já estão, formando assim pilares da altura de tres carreteis. Em seguida, estendam um pedaço de cartão no cimo das columnas para servir de tecto.

Podem medir o tamanho exacto do tecto estendendo, primeiro, o pedaço de cartão que ha de servir para esse effeito, sobre a mesa, ao longo da face das oito columnas do Parthenon, para se obter o cumprimento, e depois estendel-o tambem na frente das quatro columnas para marcar a largura. Façam o telhado do mesmo comprimento e um pouco mais largo que o tecto para dar para a altura da inclinação do centro. Depois de tudo prompto, chamem outra vez sua mãe para ella ver o pequenino templo grego (fig. 1) e peçam-lhe para imaginar que um espaço immediatamente abaixo do telhado está cheio das mais bellas estatuas, que os carrateis são columnas de marmore branco e que existe outra fila de magestosas columnas por dentro das que se estão vendo. A mamãe achará muita graça, explicar-lhes-á alguma cousa do verdadeiro Parthenon e talvez mesmo lhes mostre alguma gravura que represente o maravilhoso templo na cidade de Athenas, para verem quão parecido é com o original o pequenino modelo que tiveram a habilidade de construir. Depois de terem admirado o edificio durante um certo tempo, façam de conta que um carretel que tiver sobrado é uma bala veneziana lançada de um canhão e atirem-o para cima do telhado numa extremidade do templo; vejem então as columnas abanarem e cahirem deixando apenas de pé uma porção do edificio, exactamente como cahiram as verdadeiras columnas de marmore quando o verdadeiro Parthenon foi despedaçado e quasi todo destruido pelos soldados.

Fig. 3

Fig. 4

Tirem então todos os carreteis do meio das ruinas, guardem o tecto e o telhado para usos futuros e transformem os carreteis em peças de mobiliario. Sirvam-se de quatro para as pernas de uma cama, colloquem-os em posição e estendam por cima delles um pedaço de papel branco, rijo dobrado para cima num dos extremos. A cama ficará assim prompta para a boneca se deitar (fig. 2).

Fig. 5

Uma mesa póde fazer-se num instante. Escolham um carretel grande (fig. 3 e colloquem um bocado redondo de papel grosso ou cartão (fig. 4) no cimo do dito carretel (fig. 5).

Para cadeiras, são carreteis com pedaços de papel dobrado formando o assento e as costas. Façam o toucador com seis carreteis encostados uns aos outros em duas filas de tres carreteis cada e cortem o cimo, de um pedaço de papel com um bocado mais largo no centro, o qual se deve dobrar para cima, a servir de espelho. O lavatorio póde ser formado de quatro carreteis juntos, com um pedaço de papel.

Sem custo se faz um piano, mas deixemos isso á vossa imaginação. Experimentem; serão bem succedidos se derem toda a attenção ao assumpto. Sirvam-se de um carretel pequeno para o banco do piano

O candieiro (fig. 6) é um carretel com um pequeno rolo de papel branco enfiado no buraco e um pedaço redondo de papel pregueado, na borda d'esse rolo, a fazer de *abat-jour*. A não ser que precisem dos carreteis para tornarem a servir de maneiras diversas, podem collar o papel com gomma, não havendo assim perigo do candieiro se escangalhar e collar tambem o cimo da mesa e os assentos das cadeiras. Isto, porém, não é absolutamente necessario, porque se tiverem cuidado e não derem encontrões á mobilia, ella segurar-se-á. Quando já tiverem construido mobilia sufficiente e queiram variar, abalancem-se a construir um Arco de Triumpho (fig. 7) como um que foi levantado em Nova York, na America do Norte. Comecem

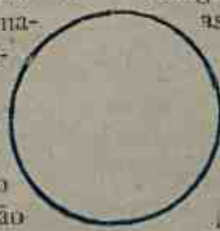
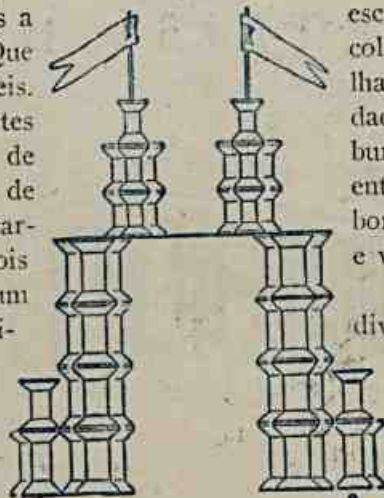
Fig. 6

por collocar dois grupos de carreteis a uma certa distancia um do outro. Que cada grupo se componha de tres carreteis. dois por traz, um á frente. Sobre estes grupos formem columnas da altura de quatro carreteis; atravessem depois, de uma á outra columna, uma tira de cartão. Sobre esta tira colloquem mais dois grupos de carreteis mais pequenos e um pouco menos afastados que os primeiros grupos.

Façam estas columnas da altura de dois carreteis e no cimo de cada uma colloquem um só carretel enfeitado com uma bandeira de papel de côr vistosa presa a um páozinho delgado que se enfia no carretel.

Fig. 7

Na base do arco juntem mais tres carreteis de cada lado (*O* e *O* fig. 7), e a celebre construcção ficará assim completa. Não é exactamente como o original, mas para um arco feito de carreteis é bem bonito e a procissão dos bonecos terá muita honra em passar por baixo d'elle.

De carreteis se podem fazer pontes, servindo aquelles de pilares, e tiras de cartão para o taboleiro.

Já alguma vez fizeram bolas de sabão com um carretel? Bonitas bolas que fluctuam no ar parecendo balõesinhos e se desfazem umas após outras? Mexam a agua de sabão com bastante espuma, mergulhem nella a extremidade de um carretel grande; molhem o carretel e depois soprem. Se a bola se recusa a apparecer, mergulhem novamente o carretel na agua, inclinem-se sobre elle, formem, soprando, umas poucas de bolhas emquanto o carretel está na agua, depois levantem-o rapidamente e experimentem outra vez. Nove vezes em dez serão bem succedidos e do carretel sahirá uma linda bola de sabão como na figura 8. Estes sopradores de madeira duram muito tempo, sem perigo de se partirem quando porventura caiam no chão, e é facil encontrarem grande provisão d'elles para fornecerem os seus companheiros de brincadeira com um a cada, quando se reunam umas poucas de creanças para se divertirem com este passatempo e verem qual será capaz de fazer as bolas de sabão mais bonitas e maiores.

Fig. 8

Quando estiverem cansados d'esta brincadeira experimentem a *Borboleta*. Cortem esta (fig. 9) de um papel de côr vistosa ou papel fino de escrever, dobrem pela linha ponteada e collem na parte mais larga de uma rolha muito pequena. Entalem a extremidade mais estreita da rolha no cimo do buraco de um carretel (fig. 10); soprem, então, através desse buraco e verão a borboleta subir rapidamente até ao tecto e vir descendo outra vez.

Fig. 9

Se puderem fazer varias borboletas de diversas côres e convidar alguns amiguinhos para os ajudar a encher o espaço com estes bonitos insectos alados será de um effeito encantador.

Outro jogo: peguem num carretel vasio e enfiem-lhe, em parte, pelo centro um gancho vulgar de arame, dobrem ligeiramente o gancho de encontro á borda do buraco, façam o mesmo a mais tres ganchos, e terão assim um carretel com uma especie de funil formado de ganchos, no cimo (fig. 11).

No centro d'esse funil colloquem uma bola pequena e leve, feita de um pedaço de papel amarrotado, atado em volta com linha.

Levantem o carretel sobre os labios e soprem devagar (fig. 12).

A bola andará para cima e para baixo no ar, da mesma maneira que terão, talvez, já visto uma de borracha saltar no meio de um repuxo de agua.

Fig. 11

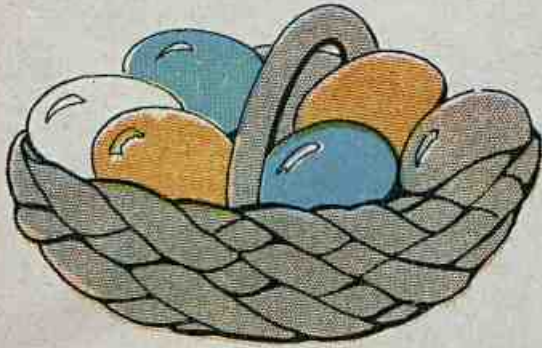
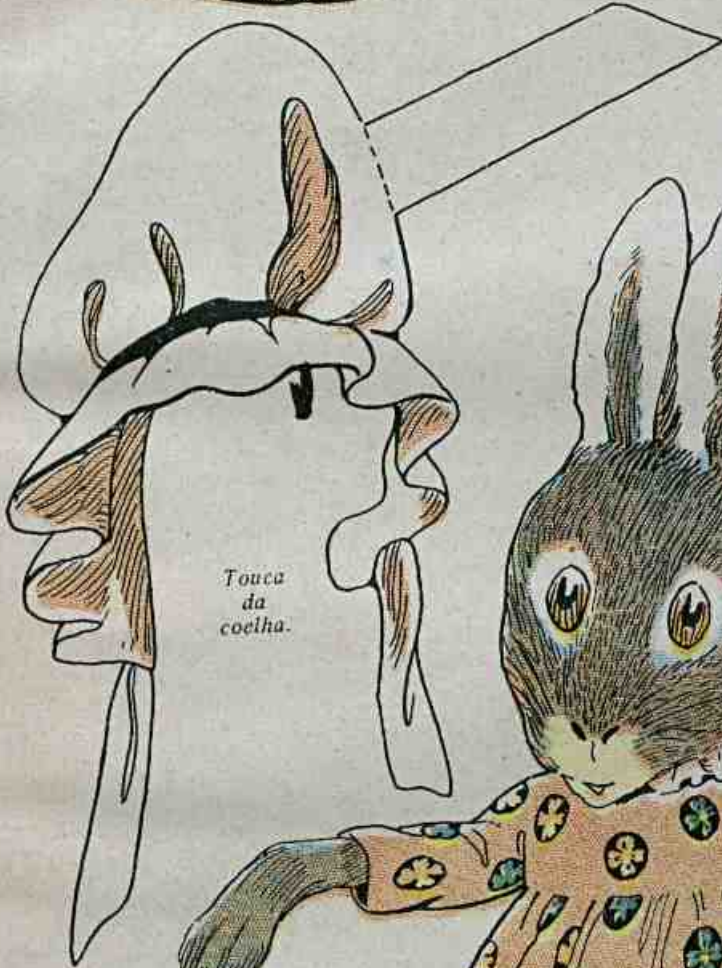
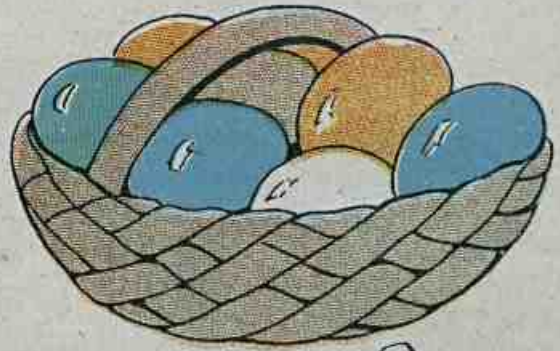
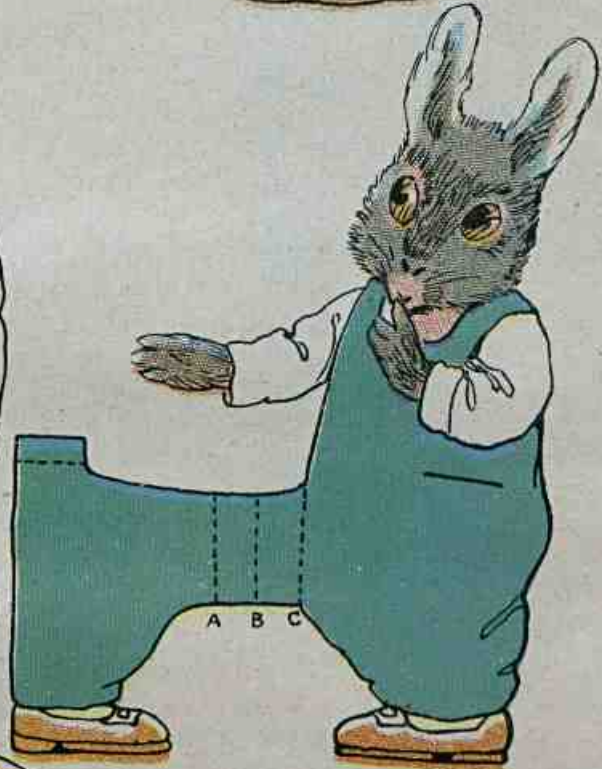
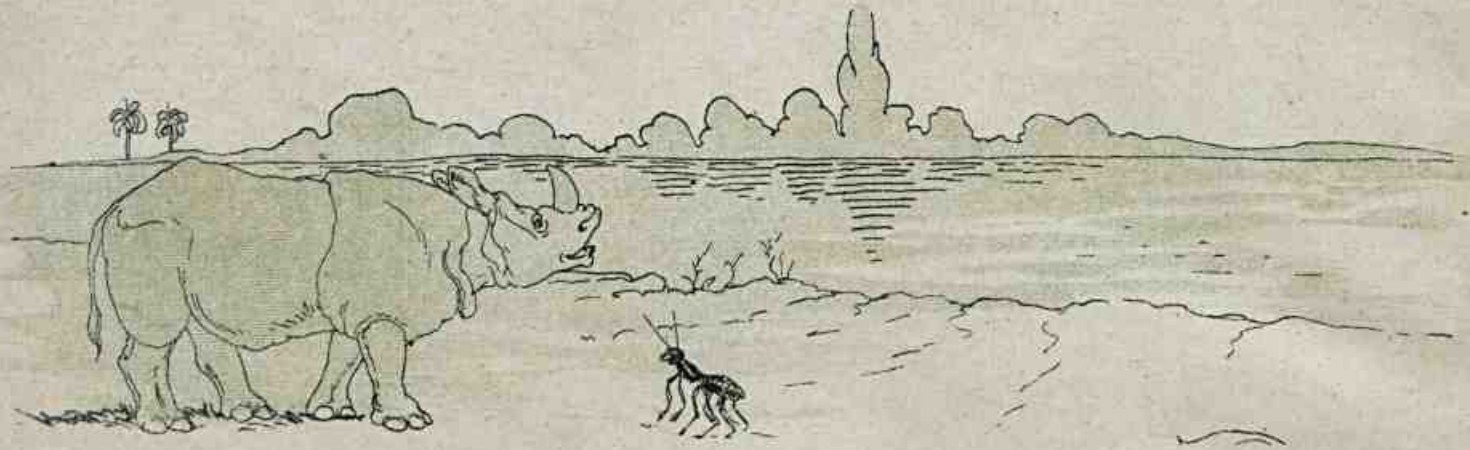
Ha ainda muitos outros brinquedos, além de artigos uteis tambem, que se podem fazer de carreteis vasios.

Vejam se descobrem, com experiencias, quaes elles são, para assim terem a gloria da originalidade fabricando cousas que differem dos objectos feitos por outros.

Os carreteis vasios não custam dinheiro, nem tão pouco o custam as caixas velhas de cartão, todavia estes objectos podem proporcionar maior somma de divertimento do que, muitas vezes, brinquedos carissimos.

Fig. 10

E, além disso, esses brinquedos trazem a grande vantagem de não offerecerem perigos ás creanças, como offerecem certas traquinadas a que muitas vezes ellas se entregam e para as mamães a não menor vantagem de não se verem incommodadas pela barulhada que em outros divertimentos sóem fazer os seus filhinhos.

Fig. 12

O coelhinho
prompto.
Touca
da
coelha.
A B C
Todas as peças colladas
em cartolina.
Dobrem a figura pelas
linhas interrompidas.

# O RHINOCERONTE E A FORMIGA

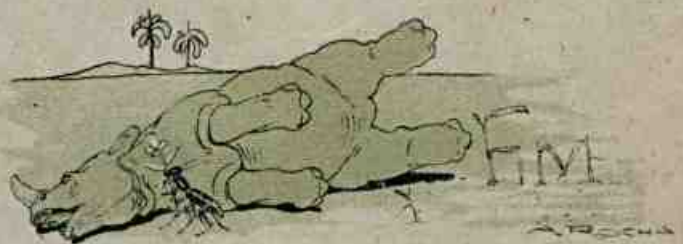
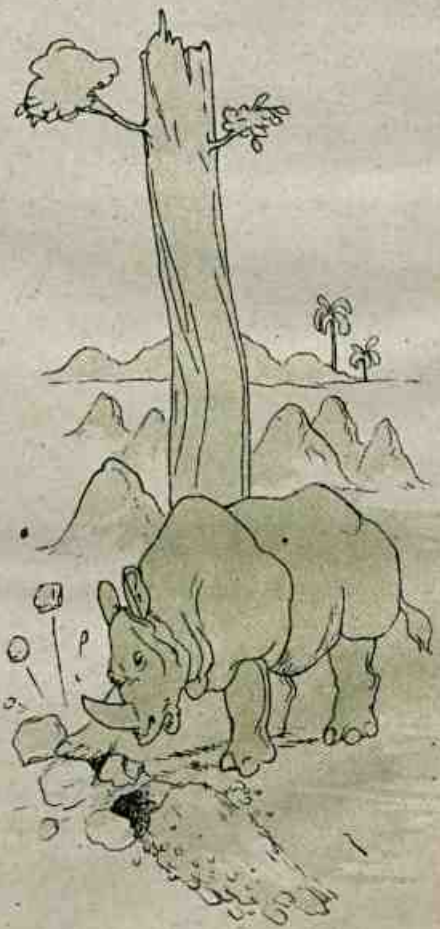
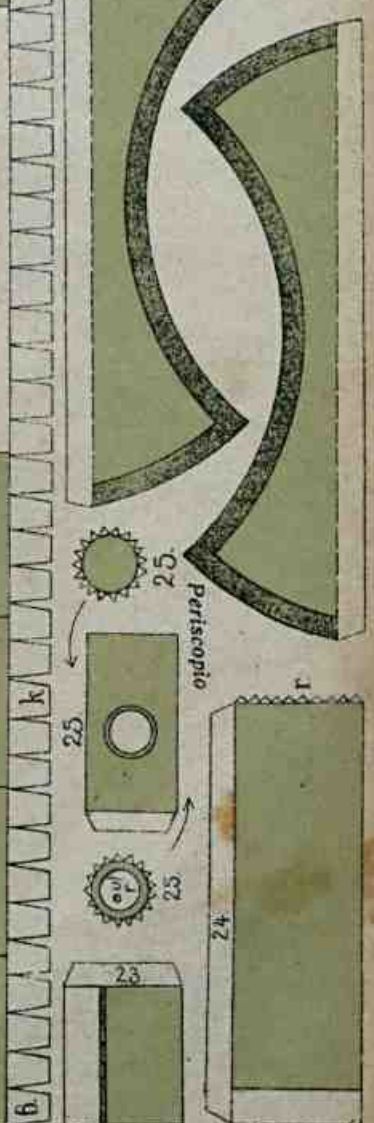
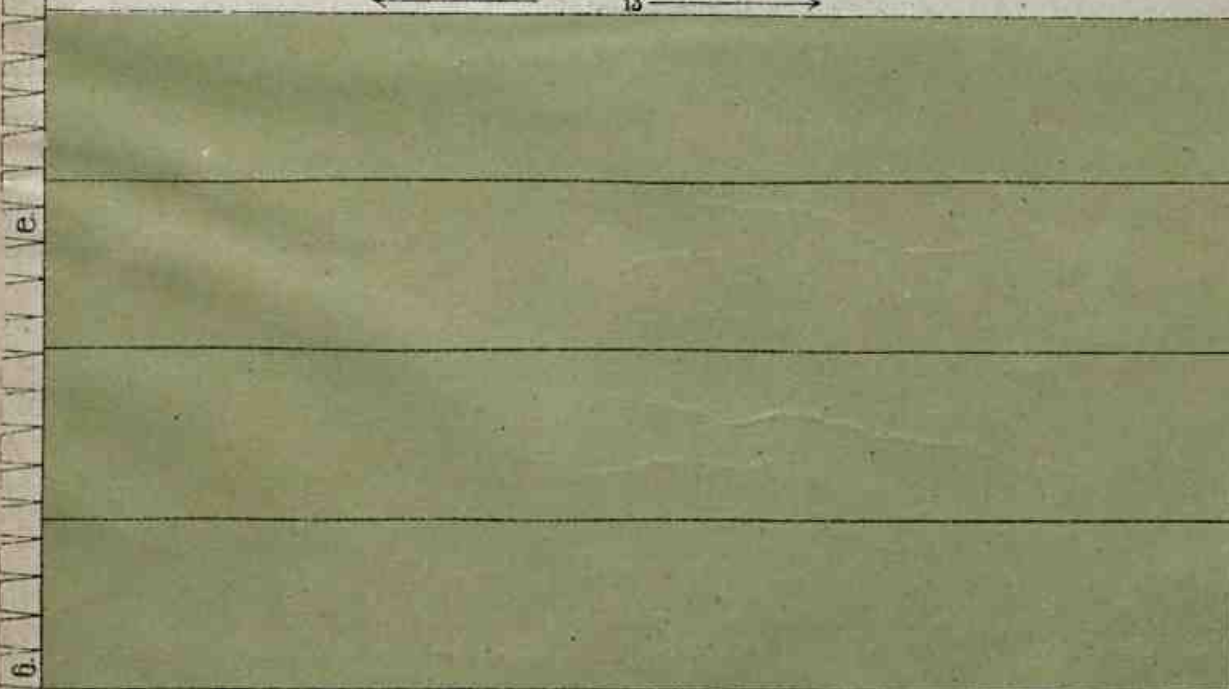
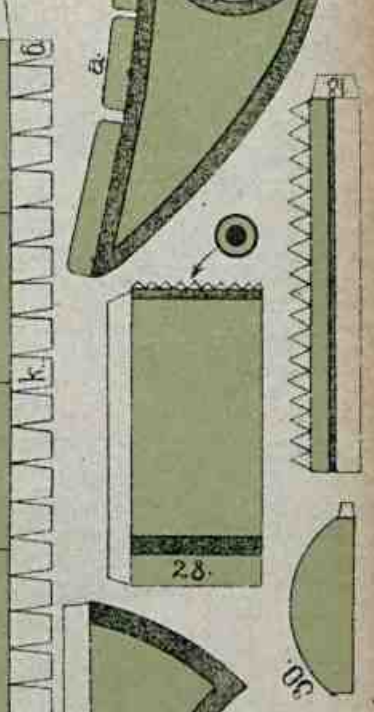
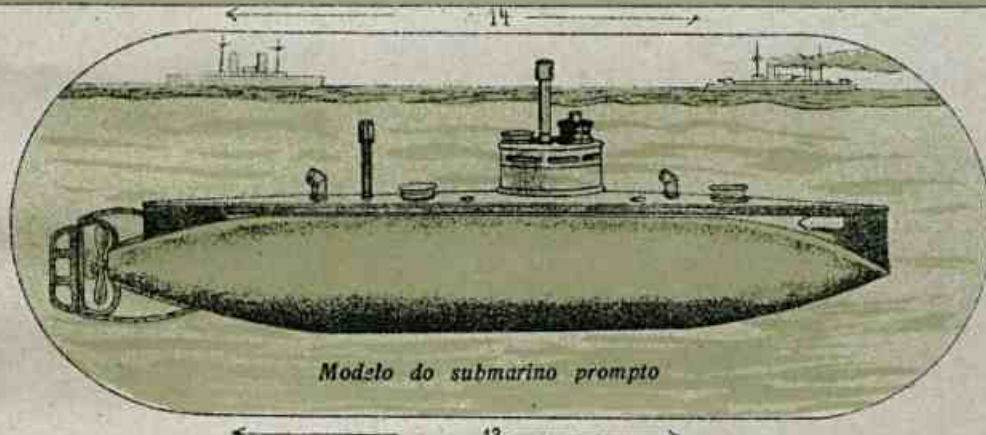
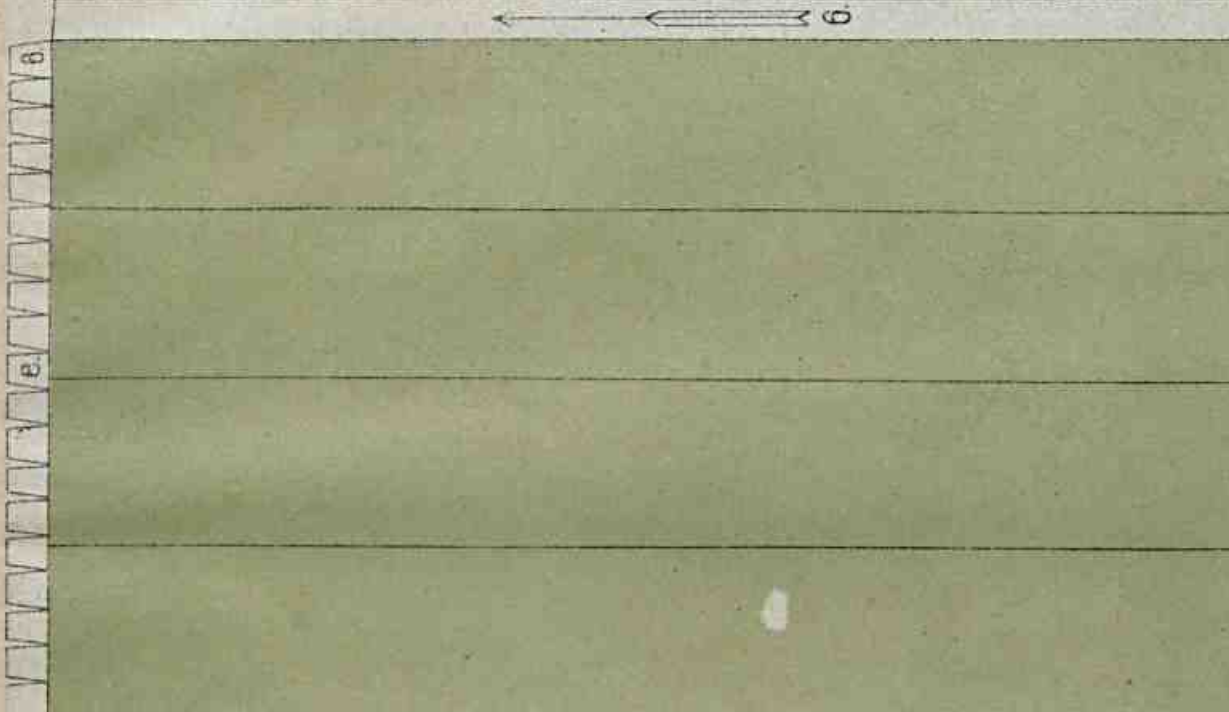
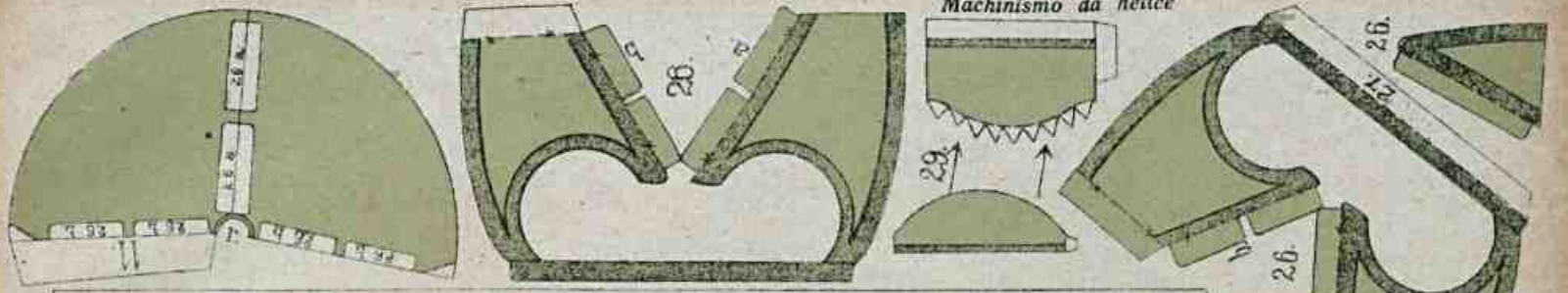
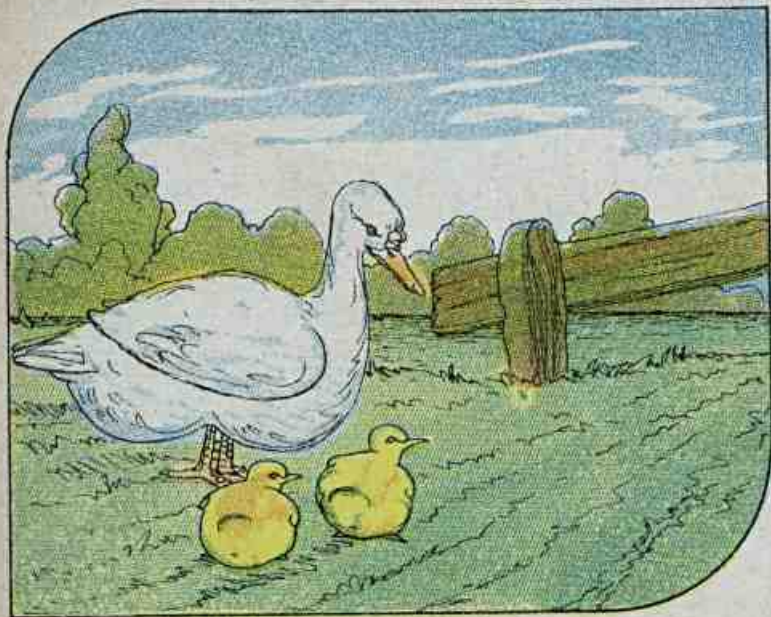
M rhinoceronte, corpulento, passeava á beira de um lago, quando delle se approximou uma formiga. O gigante, vendo-a tão pequena e fragil, não lhe prestou attenção, embora a formiga lhe advertisse de que não voltasse a espesinhar seus celleiros. O rhinoceronte achou graça na petulancia da formiga e sahiu á procura de formigueiros. Iria castigar a formiga destruindo os seus celleiros.

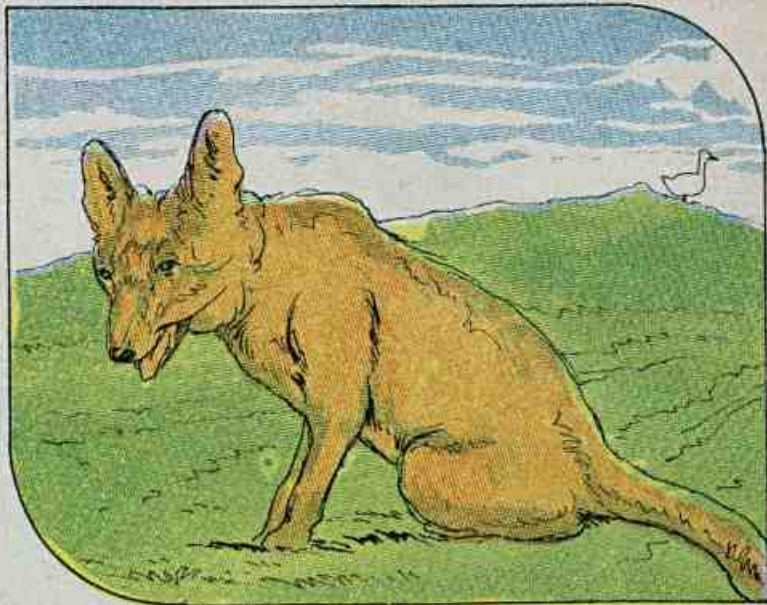
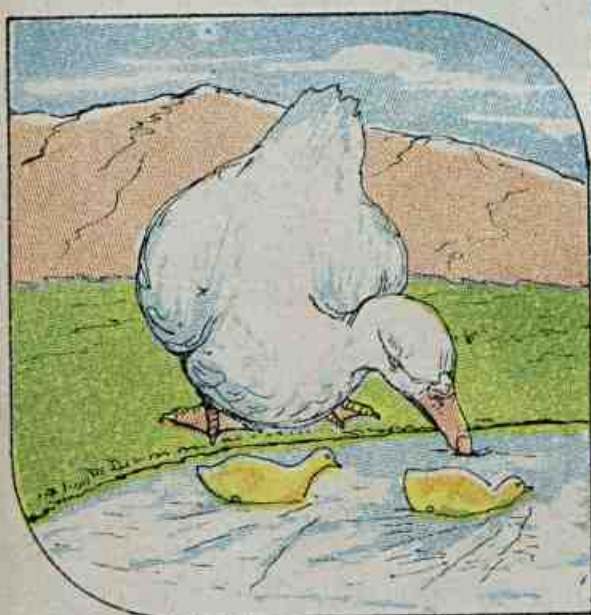
E foi.

Chegado a um campo, viu aquelles monticulos vermelhos e não hesitou. A' força de patadas e focinhadas, destruiu dois formigueiros; mas, no meio da demolição, sentiu qualquer cousa a morder-lhe e, doido, sahiu a correr.

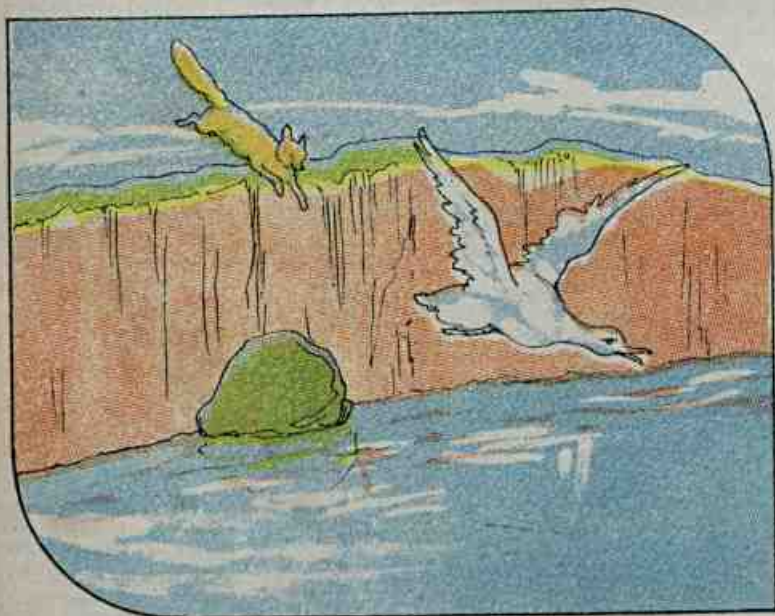
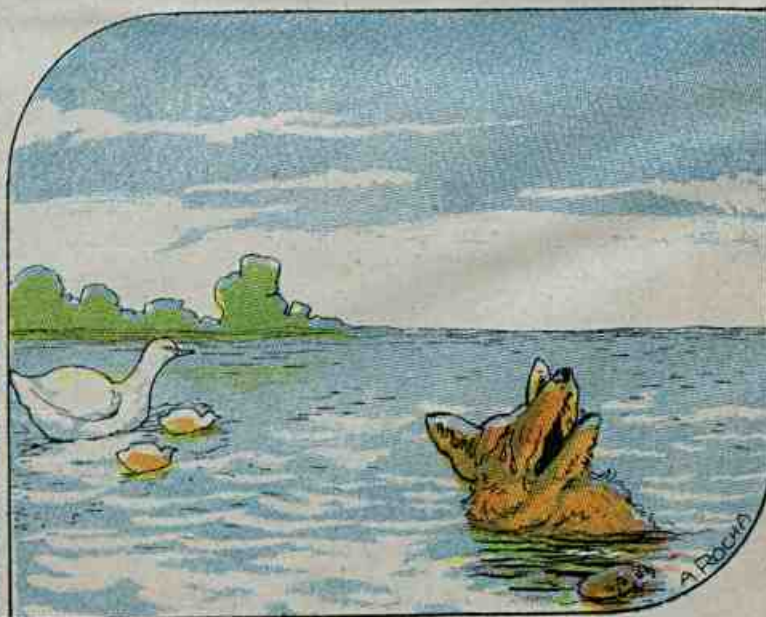
E' que uma formiga lhe entrara nas ventas.

Tanto correu que se projectou de um barranco ao sólo e morreu.

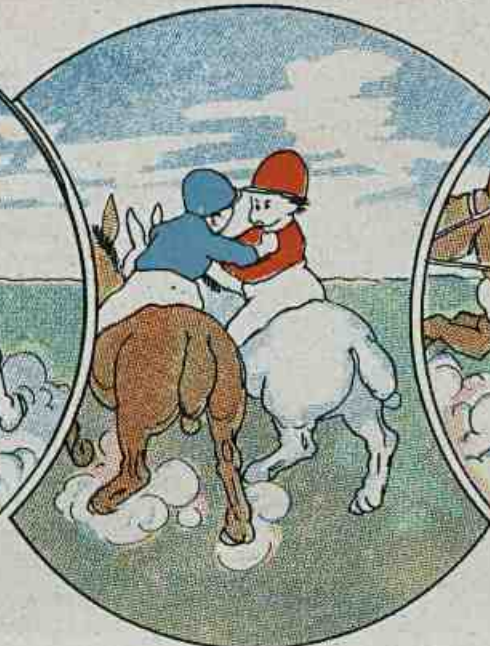
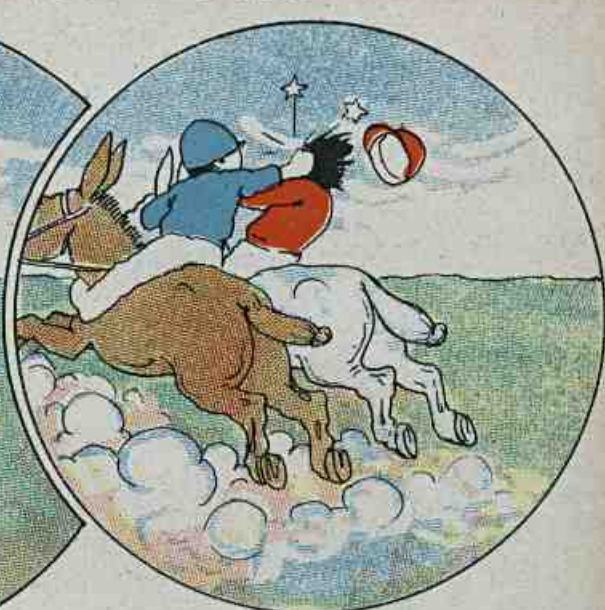
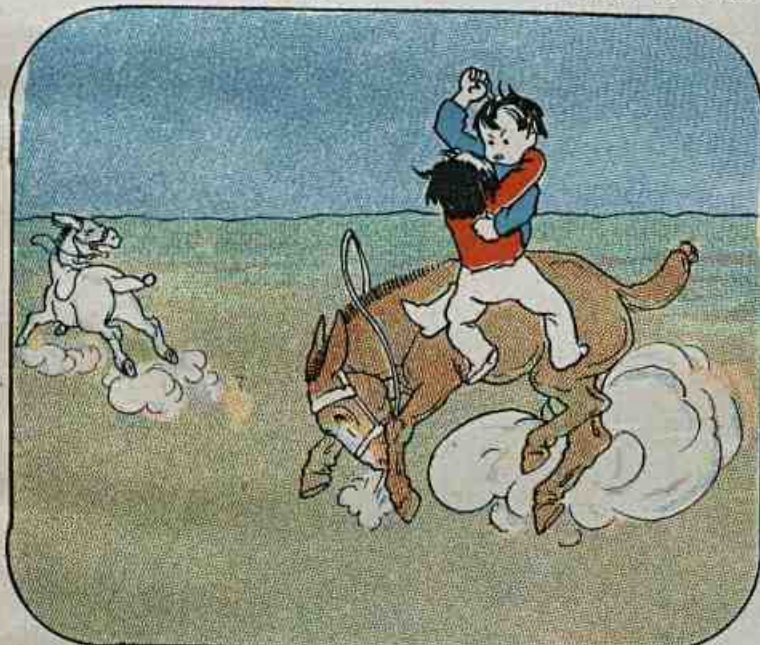
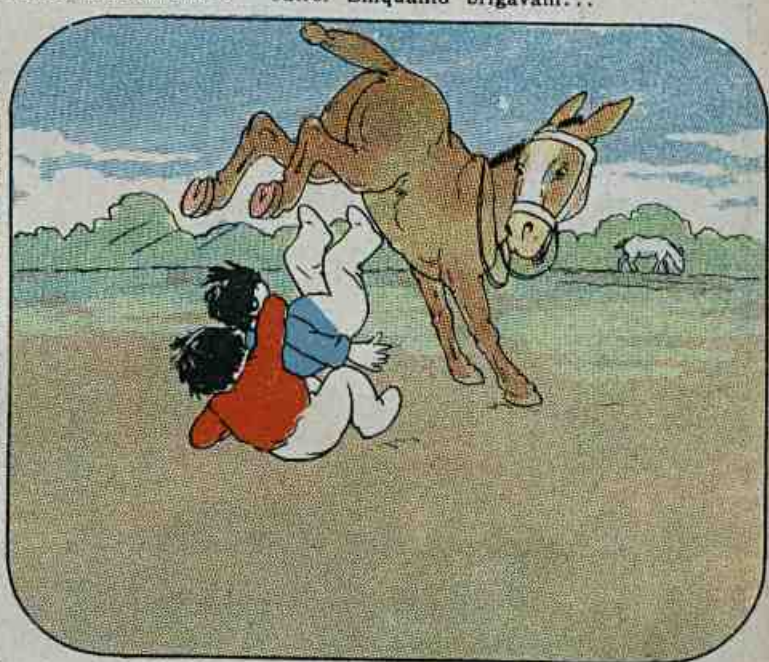
A formiga, então, sahindo-lhe da venta, foi colher uma flor para depositá-la sobre o cadaver do orgulhoso rhinoceronte.

Modelo do submarino prompto

# A PATA DA RAPOSA

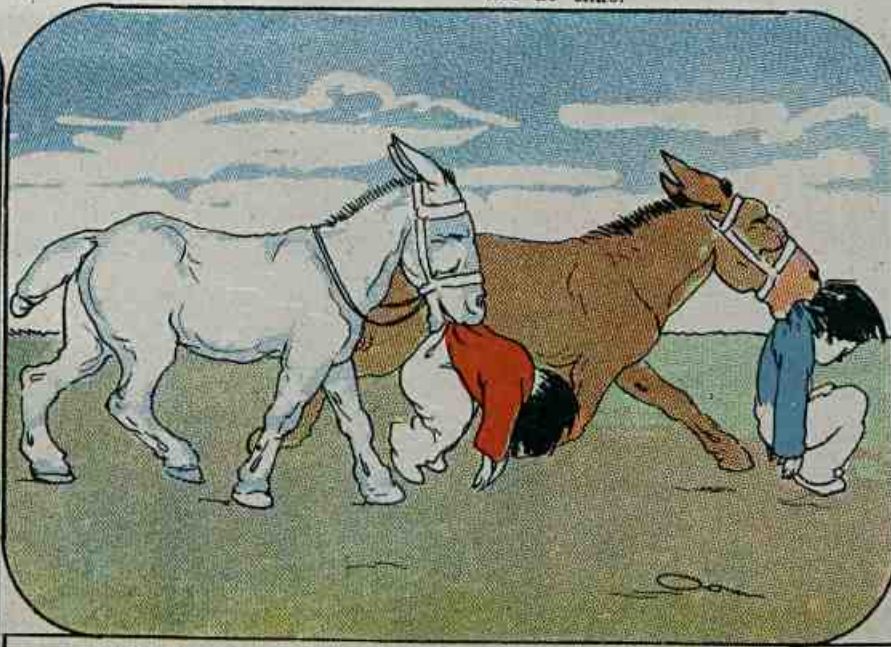
Uma pata muito perseguida por uma raposa, tinha agora dois patinhos lindos, amarellinhos.

Não sabia como salval-os da raposa matreira, astuta e perversa. Então lembrou-se que perto havia um lago bom para...

...afogar a sua inimiga. E deu mãos á obra. Poz os patinhos no lago e recommendou-lhes: — Não saiam d'aqui...

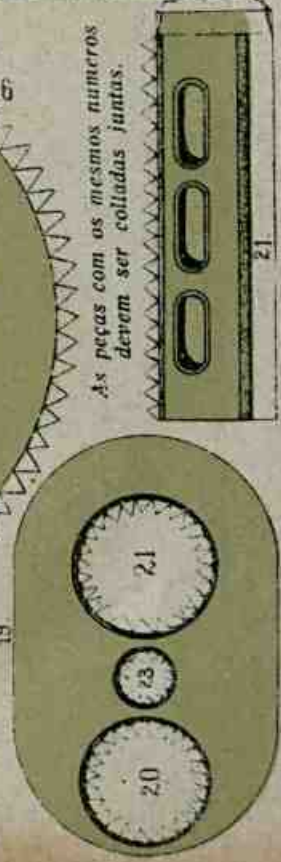
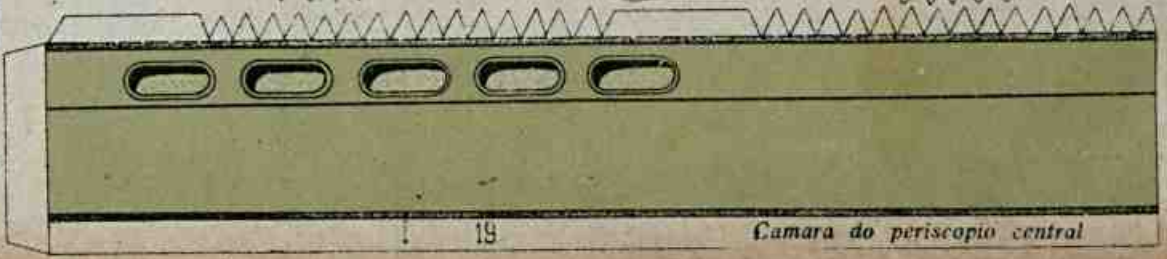
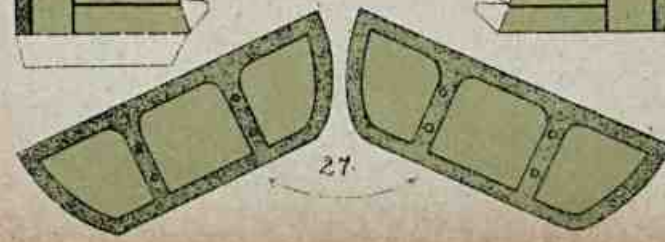
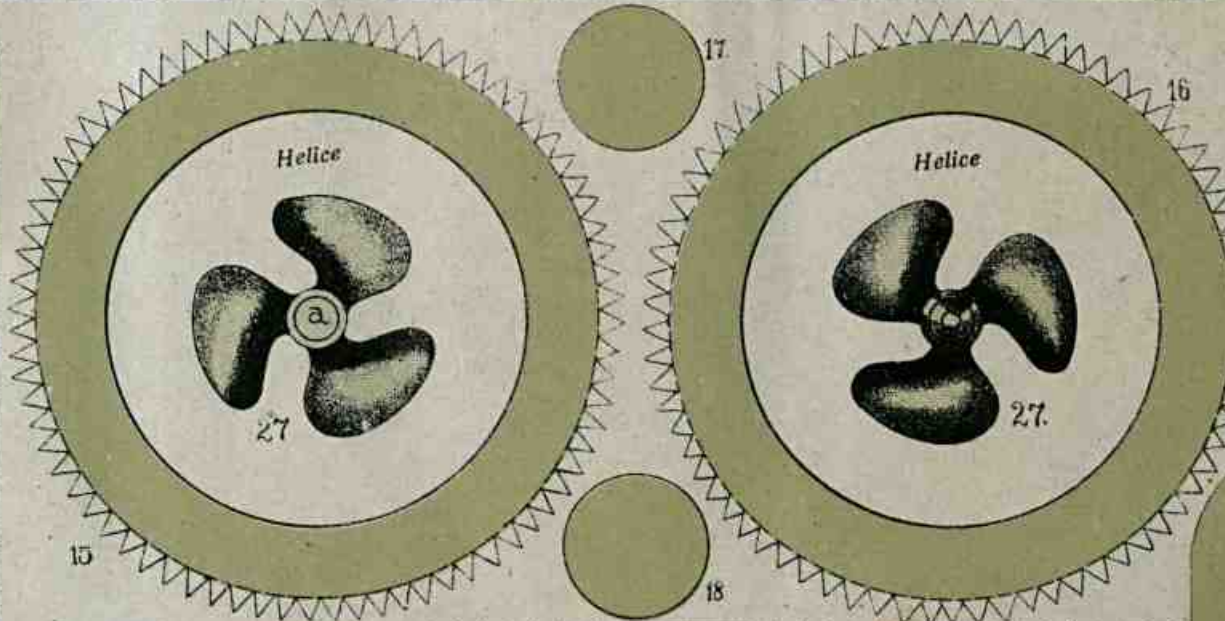
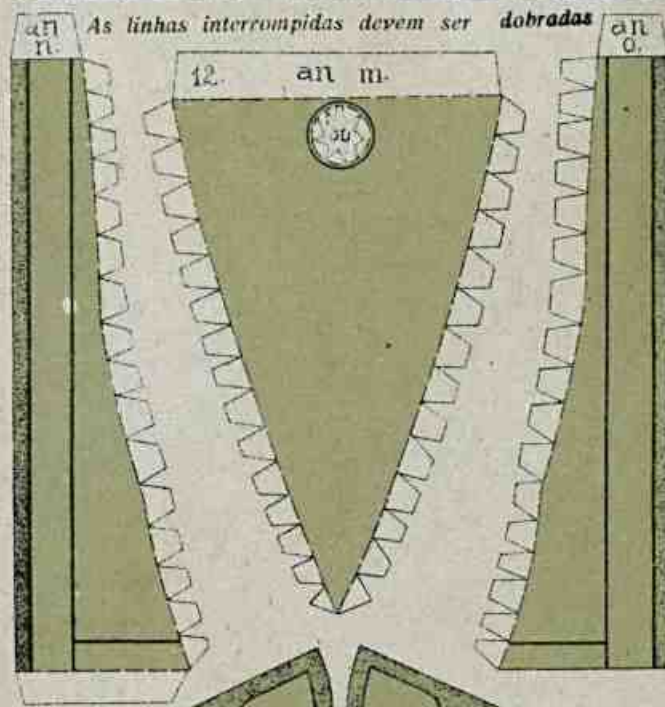
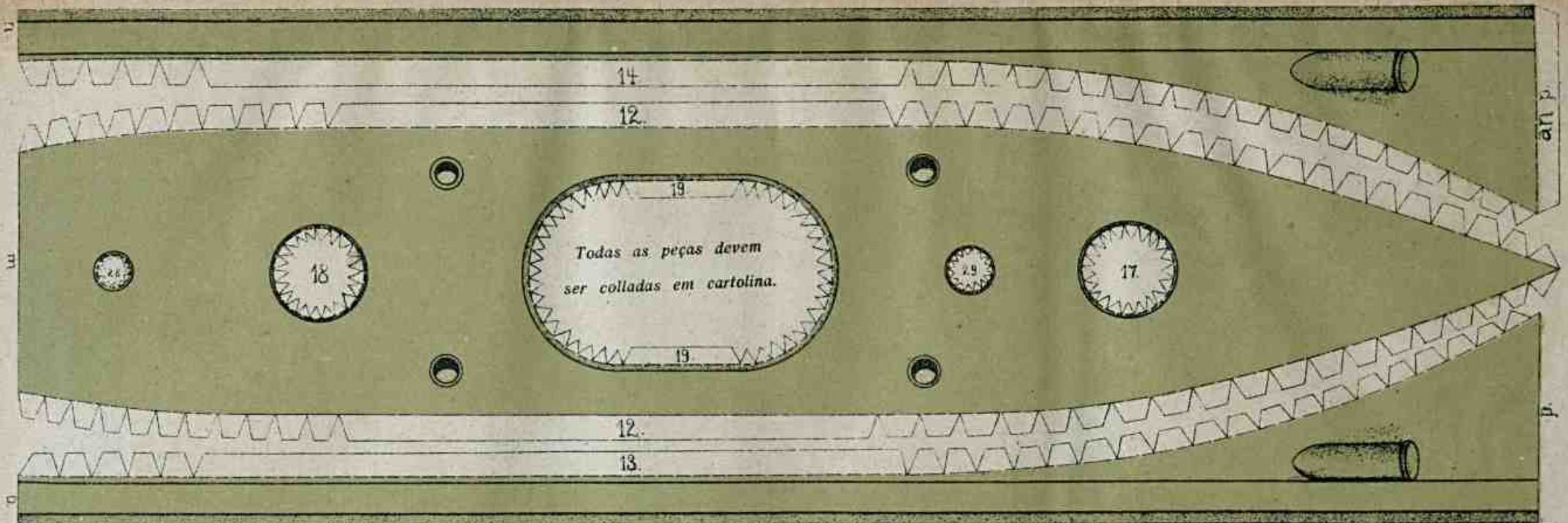
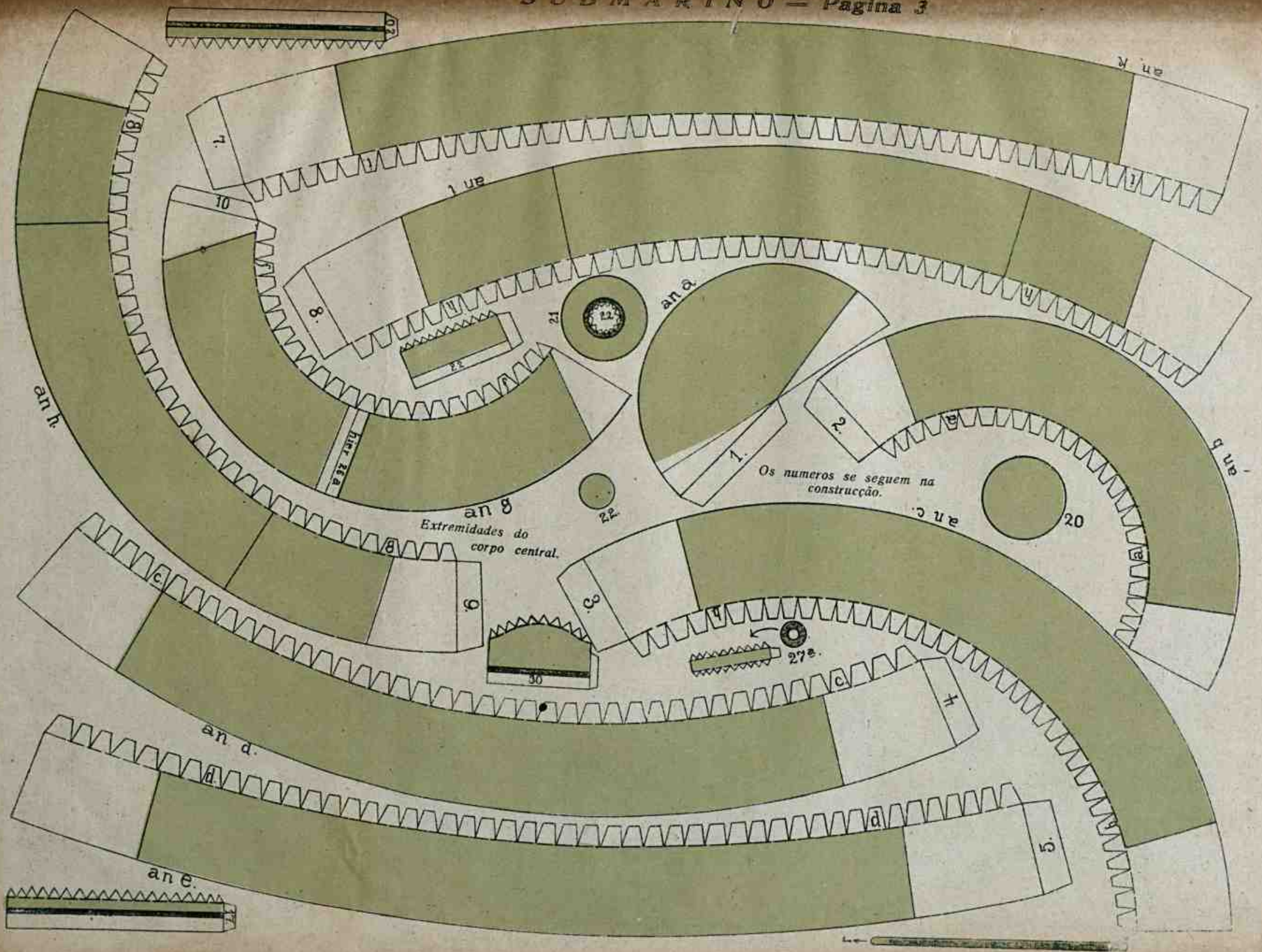
...sem eu chegar! E foi desafiar a raposa. Esta, com toda a sua sabedoria, cahiu como um patinho e...

...disparou atraz da pata choca. Havia de comel-a todinha! D'aquella vez não lhe escaparia. Entretanto, a pata...

...fugiu e a raposa cega não percebeu o plano e cahiu da barranca ao rio batendo em uma pedra...

...e morrendo em consequencia do tombo. A pata reuniu os filhos, livre da inimiga e viveu feliz.

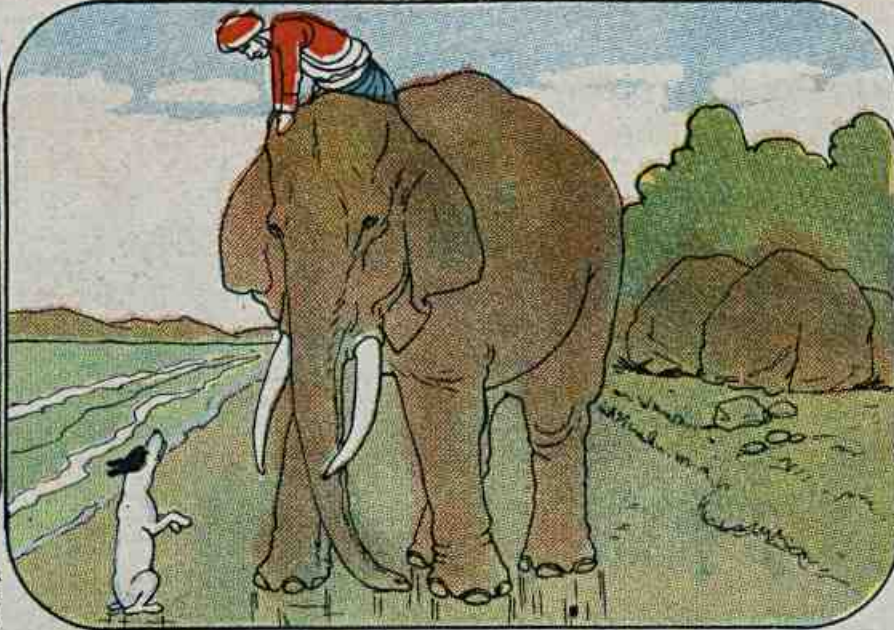
# OS CAVALLINHOS DE PÁO

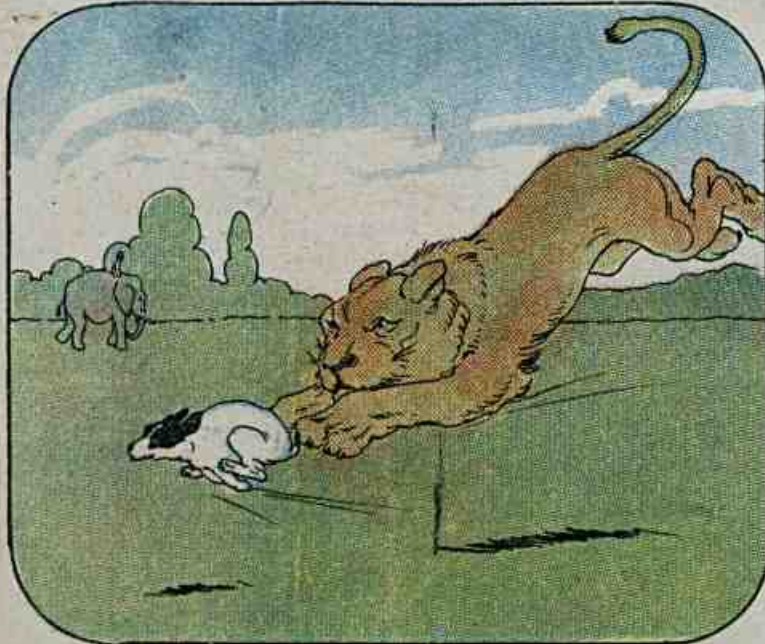
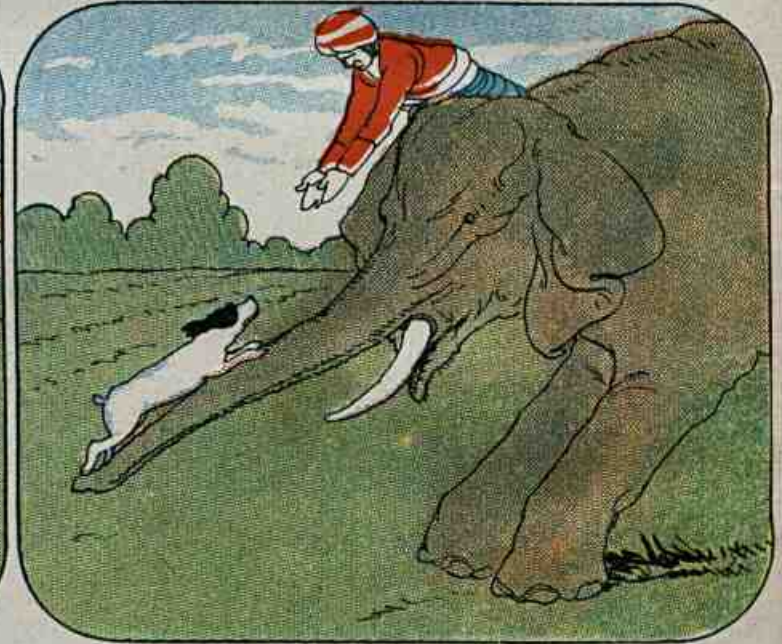
*Lili* e *Lulú* eram dois amigos inseparaveis. De quando em vez brigavam. Moravam junto e dormiam na mesma cama, eram irmãos de leite. Uma vez sonharam e sonharam...

...juntos: Iam a cavallo. Os seus cavallinhos de páo transformaram-se em cavallos de carne e osso. Discutiram...

...e foram ás vias de facto. A's unhadas, aos tapas, os dois a cavallo, atracaram-se aos murros. Um dos contendores perdeu a sella e dependurou-se no outro. Emquanto brigavam...

Os meninos engalfinhados não se separavam, dir-se-ia que o duello...

...o cavallo corcoveava atirando, por fim, os dois pequenos ao chão.

...seria de morte. Entretanto os cavallos acharam muita graça nos pequenos e, quando os viu exhaustos...

...cada um, tomou o seu cavalleiro pela gola do casaco e levou-o para casa...

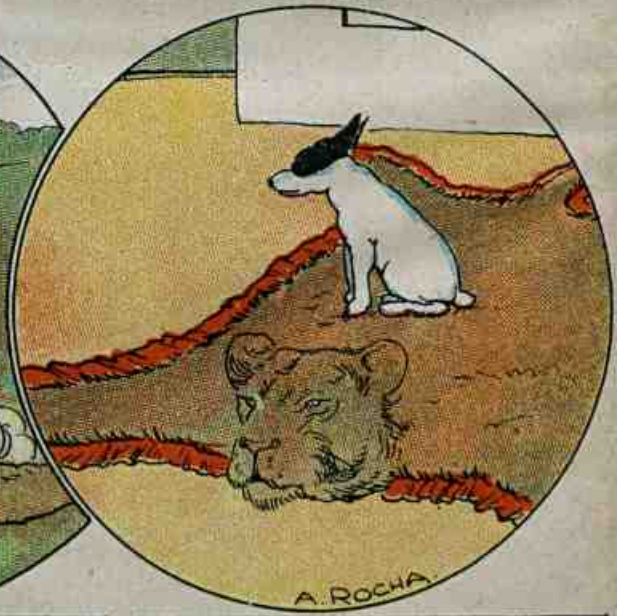
*Lili* e *Lulú* despertaram com as costas a doer. Tinham dormido sobre os seus cavallinhos de páo.

an h
an g
Extremidades do
corpo central.
an a
Os numeros se seguem na
construcção.
an c
an b
an d
an e
an k
an i
20
21
22
30
27a
1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
10

# "TOP", O HERÓE

Havia uma leôa que era o terror de umas terras na Africa. Um inglez, que morava no logar, incumbiu-se de acabar com a terrivel féra.

Um dia, montou no seu elephante e sahiu á procura da leôa. De repente viu aos pés do elephante o...

...seu cãozinho "Top". Aquelle animalzinho não estava habituado a acompanhal-o e vivia sempre em casa. Entretanto, aquelle gesto...

...exprimia qualquer cousa de anormal. De facto, o cãozinho queria dizer que a féra se approximava e esta não tardou a...

...apparecer. O cãozinho, porém, num salto, livrou-se do bote e rapido atirou-se para o elephante, que lhe estendeu a...

...tromba em soccorro. A leôa acompanhou o cão mas, encontrou a morte no cano da pistola do inglez.

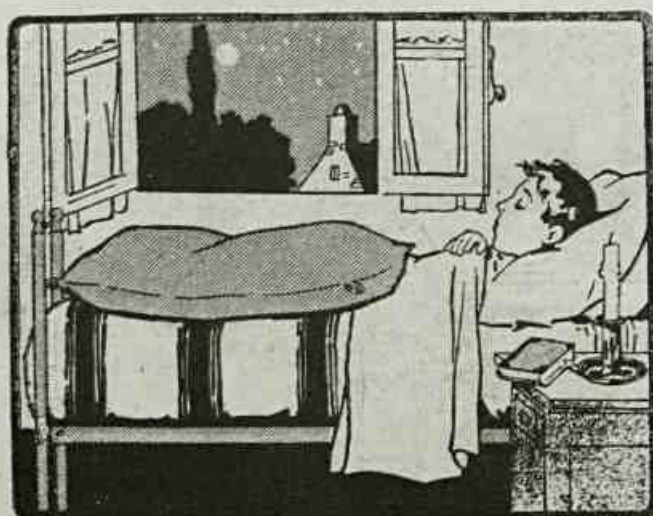
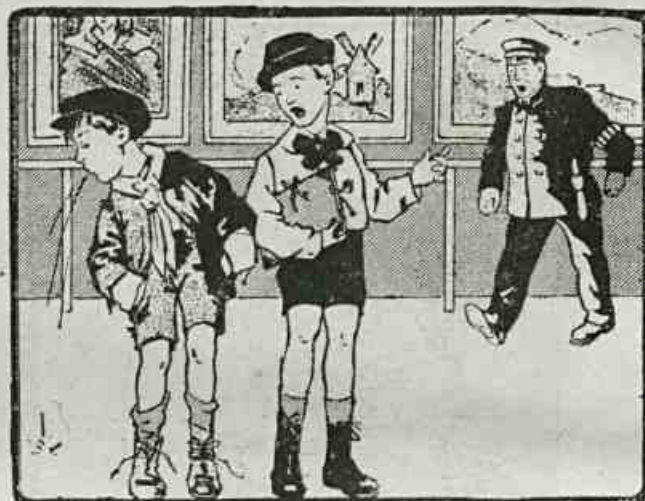
Morta a leôa, terminou o pavor dos habitantes d'aquelle logar e o cão cheio de gloria...

...passou a dormir sobre o dorso da leôa, que agora era o tapete mais formoso do inglez.

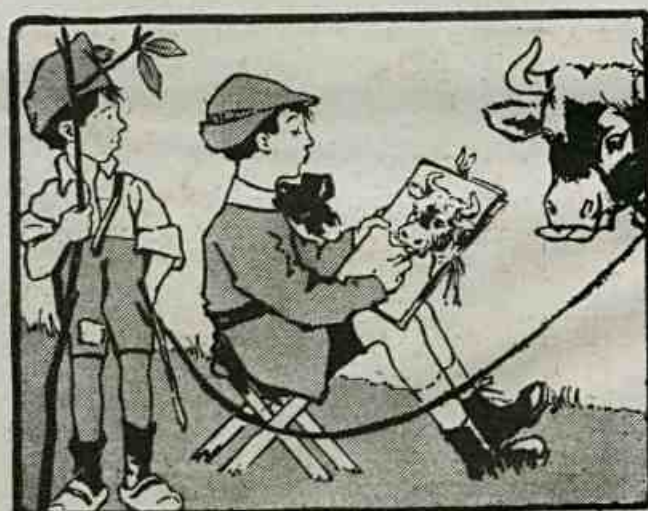
o Xarope "Roche"
permitte ás pessoas debeis o
precaver-se contra os resfriados,
bronchites e demais
affecções pulmonares.

# A TUBERCULOSE E' A MAIOR DOENÇA

## VOCÊ PRECISA SABER

A TUBERCULOSE PROPAGA-SE PELO ESCARRO. — NÃO ESCARRE NO CHÃO. — ENSINE OS OUTROS A NÃO O FAZER

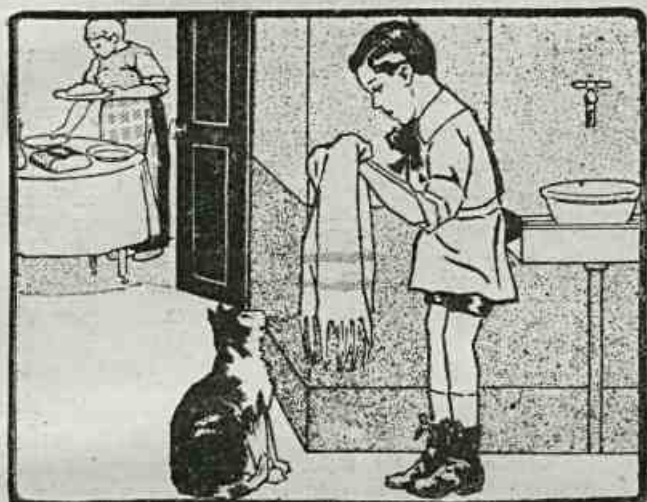
NÃO ESCARRE NO CHÃO. ESCARRAR NO CHÃO E' FALTA DE EDUCAÇÃO E FALTA DE HYGIENE PORQUE A TUBERCULOSE SE PROPAGA PELO ESCARRO. DÊ O BOM EXEMPLO.

DURMA DE JANELLAS ABERTAS. EVITE OS LOCAES MAL VENTILADOS. O AR FRIO, O AR DA NOITE, RESPIRADO PELO NARIZ, NÃO FAZ MAL A NINGUEM. SE FAZ FRIO, AGASALHE-SE, MAS RESPIRE SEMPRE AR FRESCO E PURO.

VIVA AO AR LIVRE O MAIS TEMPO POSSIVEL. O AR, A LUZ E O SOL SÃO SEUS GRANDES AMIGOS E LHE EVITAM DOENÇAS. A VIDA AO AR LIVRE ROBUSTECE O CORPO; E NO CORPO ROBUSTO A TUBERCULOSE NÃO MEDRA.

## A SAUDE E' A SUA

INSPECTORIA DE PROPHY

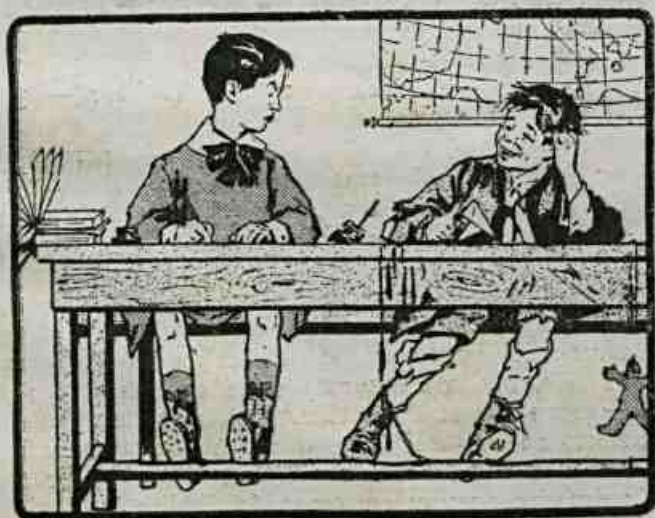
Rua Mariz e

# E A GRANDE INIMIGA DAS CRIANÇAS

## COMO SE PÓDE EVITAL-A

A TUBERCULOSE PROPAGA-SE PELOS PERDIGOTOS. — NÃO TUSSA SEM PÔR UM LENÇO DIANTE DA BOCCA

AS MÃOS ANDAM POR TODA A PARTE; ELLAS LEVAM EM SI IMMUNDICIES E MICROBIOS DE DOENÇAS, INCLUSIVE DA TUBERCULOSE. NÃO PONHA OS DEDOS NA BOCCA. LAVE SEMPRE AS MÃOS ANTES DE SENTAR-SE Á MESA PARA AS REFEIÇÕES.

FIQUE COM O CORPO DIREITO, A PRUMO, QUER SENTADO, QUER ANDANDO, QUER PARADO. E' MAIS BONITO, E E' HYGIENICO: A POSIÇÃO DEFEITUOSA DO TRONCO PREJUDICA A FUNCÇÃO DO PULMÃO.

O ASSEIO DA BOCCA CONCORRE PARA CONSERVAR OS DENTES LIVRES DE CARIE, E BONS DENTES SÃO NECESSARIOS PARA A BÔA MASTIGAÇÃO E A BÔA DIGESTÃO. ESCOVE OS DENTES DE MANHÃ AO LEVANTAR-SE E DE NOITE AO DEITAR-SE.

## MELHOR AMIGA

LAXIA DA TUBERCULOSE

Barros, n. 26

# O ANJO

Um anjo de Deus baixa á terra sempre que morre uma creança boa; toma nos braços a creatura morta, abre as brancas azas e vôa com ella para as alturas, passando primeiro por todos os logares de que a creança gostava e colhendo flores que vae levar até o céo para que, lá em cima, floresçam mais bellas ainda. Deus Nosso Senhor recebe todas as flores e aquella que mais lhe agrada elle beija; a flor então adquire voz, podendo assim cantar com os anjos os hymnos da bemaventurança.

Isso contava um anjo de Deus a um menino que tinha morrido e que elle levava comsigo para o céo. Pairavam por cima dos logares onde o menino costumava brincar e contemplavam os jardins cheios de flores viçosas.

— Quaes são as flores que havemos de levar para plantar no céo? — perguntou o anjo.

E ali estava uma roseira bella e delicada; porém mão perversa lhe havia partido o fragil tronco e os ramos quasi murchos pendiam para todos os lados, carregados de grandes botões que queriam desabrochar.

— Pobre roseira! — disse a creança — vamos leval-a, para que possa vicejar e florir lá em cima na presença de Deus.

E o anjo tomou a planta e beijou a creança; e o menino entreabriu os olhos. Colheram depois outras flores, das mais lindas, mas colheram tambem muitas que pareciam desprezadas.

— Agora chega, disse por fim a creança, e o anjo concordou, mas não seguiu desde logo o caminho do céo.

Era noite e tudo em torno mergulhado em profundo silencio. Pairavam nesse momento por cima de uma das ruas estreitas da grande cidade. Lá em baixo alguem tinha feito mudança durante o dia, viam-se ainda montes de palha, cinzas e cisco. E o anjo mostrou á creança, no meio de todos esses detritos, os cacos de um vaso de flor e o torrão que delle tinha cahido, e a que estavam presas ainda as raizes de uma bonina dos campos, atirada á rua e já secca.

— Aquella nós vamos levar tambem — disse o anjo — vou contar-te a sua historia, emquanto descemos para apanhal-a.

E continuaram a voar.

O anjo então contou o seguinte:

— Ali, naquella estreita rua, morava em um porão de pouca altura um pobre menino entrevado. Franzino e doentinho desde a mais tenra idade, se alguma vez se sentia melhor, o mais que podia fazer era andar um pouco no quarto, para cá e para lá, apoiado sobre muletas.

Durante poucos dias de verão, os raios do sol cahiam, meia hora apenas, na entrada do porão; se então o pobre menino lá estava sentado para se aquecer, cuidavam os outros poderem affirmar: "Hoje elle sempre sahiu".

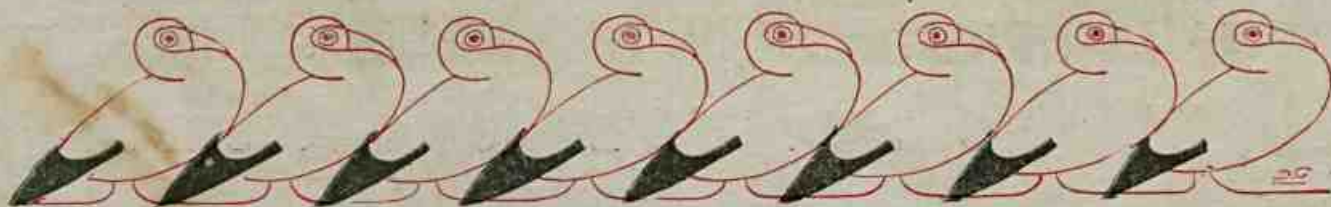
A esplendida côr verde de que se veste a floresta na primavera, conhecia-a o menino, porque uma vez o filho do vizinho lhe trouxera um ramo de faia, o qual o entrevado segurou por cima da cabeça, imaginando achar-se sentado no meio de arvores onde o sol brilhava e cantavam os passarinhos.

Certo dia trouxe-lhe o filho do vizinho tambem algumas boninas do campo, e entre ellas casualmente uma tinha raizes. Foi esta bonina logo plantada em um vaso e collocada na janella bem perto da cama. Abençoada a hora em que se plantou a flor: pegou, cresceu e todos os annos ostentava as suas boninas. Para o enfermo rapazinho era aquillo um jardim, o seu thesouro na terra; regava sempre a planta, tratava della e tinha todo o cuidado para que não lhe viesse a faltar um só dos raios solares que entravam pela janella. E era só com essa bonina que o rapazinho sonhava; porque só para elle é que a plantinha floria; exhalava perfume e alegrava a vista; e foi ainda para a bonina que o doentinho volveu o derradeiro olhar quando o Senhor o chamou a si.

Já lá vae um anno que elle está junto do Altissimo, um anno que a planta esteve abandonada e esquecida na janella; ella seccou e foi por isso que, por occasião da mudança hoje, a deitaram fóra. E esta flor, a pobre e mirrada flor que acabamos de ajuntar ás outras no nosso ramalhete, mais alegria produziu do que a mais bella flor em jardim de rei!

— Mas, como sabes tu de tudo isto? — perguntou a creança.

— Eu sei — respondeu o anjo — porque fui eu mesmo o pobre menino entrevado, que andava de muletas; a minha florzinha bem a conheço ainda!

E a creança abriu os olhos e viu o rosto radiante do anjo, e nessa mesma occasião chegavam os dois ao céo, onde reinava a alegria e a bemaventurança. E Deus tomou a creança morta e apertou-a ao seio, e ella creou azas como os outros anjos e começou a voar como elles. Depois apertou Deus as flores ao seu coração, e beijou a bonina mirrada e esta adquiriu vóz e começou a cantar com os outros anjos que voavam em torno do Senhor.

DOIS GRANDES REMEDIOS BRASILEIROS
QUE CURAM
AMBOS, FORMULAS DO PHARMACEUTICO-CHIMICO
JOÃO DA SILVA SILVEIRA
O ELIXIR
DE
NOGUEIRA
GRANDE DE-
PURATIVO DO
SANGUE
PARA A SY-
PHILIS E
SUAS TERRI-
VEIS CONSE-
QUENCIAS
O Vinho
Creosotado
PODEROSO
TONICO
Para tosses — Bronchites — Catharro Pulmonar — Resfriados — Constipações — Depauperamento — Fraqueza Geral — Especifico das vias respiratorias
MILHARES DE
CURADOS
Attestados de illustres medicos.
ELIXIR
DE
NOGUEIRA SALSA,
CAROBA E GUAIACO
IODURADO
depurativo do Sangue
N. 10.436.925
PREPARADO
por
JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Pharmacia Popular
PELOTAS
VINHO CREOSOTADO
FORMULA
DO
Phco Chco João da Silva Silveira
AUTOR DO
Elixir de Nogueira
APPROVADO PELA DIRECTORIA GERAL
DE SAUDE PUBLICA
DO
RIO DE JANEIRO
LICENÇA Nº 756 de 30 de Janeiro
de 1919.
PREPARADO POR
Viuva Silveira & Filho
(Successores)
RECONSTITUINTE
DE 1ª ORDEM
PELOTAS
RIO GRANDE DO SUL
(Original)
Ap. D. N. S. P. — Nº 88
(Original)
Ap. D. N. S. P. — Nº 766
Tem o seu attestado na voz do povo
VENDE-SE NAS PHARMACIAS E DROGARIAS

J.C.

GERMANIA
PARA TINGIR EM CASA

ELIXIR
DE
INHAME
DEPURA - FORTALECE - ENGORDA
TÃO SABOROSO COMO QUALQUER LICÔR DE MESA

BHERING
CACAO EM PÓ
BHERING
Bhering
A ALEGRIA
REINARA' SEMPRE EM TORNO DE UMA CHICARA DESDE QUE
O CHOCOLATE SEJA
BHERING!
MODO DE USAR:
Dissolvam-se 20 grammas (uma colhér das de sopa) de CHOCOLATE "BHERING" em uma chicara com agua ou leite, leve-se ao fogo, agitando sempre, até abrir fervura, e desta fórma obtem-se uma excellente e deliciosa chicara de CHOCOLATE "BHERING".
Grande variedade de Balas — Bonbons — Caramellos — Canella — Pimenta
BHERING & CIA
RUA SETE DE SETEMBRO, 113
TELEPHONE, CENTRAL, 148
RIO DE JANEIRO
BHERING
BHERING & C
A. MUCCILLO RIO

# OS PERIGOS DA RUA

Expôr a vida por uma causa justa, nobre e grande... vá lá!

Expol-a, porém, ao ridiculo da humanidade é uma cousa que não tem desculpa.

A pobre moça atravessa essas ruas, impregnadas de perigos, para levar á clientella de sua casa as tranças, cabelleiras, "chinós", que a preguiça e indolencia moderna puzeram em uso, como substituto dos encantos naturaes inimitaveis, dos quaes deveria fazer uso absoluto.

As mulheres de hoje tratam os cabellos duma maneira indifferente e até com desdem.

Conheço algumas que os cortam para, com mais commodidade, pôr postiços.

Mas que *horror!*

*Como pretexto* de que cahem ou de que os têm desiguaes, mettem-lhes a tesoura com o maior descaramento, para pôrem em seu logar fementidas cabelleiras de pellos de defundos.

E como seria facil ostentar os seus diademas imperiaes proprios, naturaes, offerecidos pelo Creador!

Usando o maravilhoso tonico *Tricofero de Barry*, que é o reconstituinte mais extraordinario do cabello, o que lhe dá brilho e perfume, o que limpa o couro cabelludo, incita-o a crescer e desenvolver-se, mesmo nos craneos mais rebeldes, as mulheres andariam como deusas ostentando a principal, a mais attrahente das suas bellezas.

# PELAS NUVENS

Os sports aereos estão-se divulgando em grande escala.

E se alguem perguntar se amam o perigo respondem sorrindo:

— Talvez o faça por necessidade.

— Como? A Sra. tem necessidade de procurar o ar nas alturas?

— Talvez; a causa é tambem outra.

— Poderemos sabel-a?

— Não ha inconveniente.

— Vejamos.

— E' o sabonete *Barry*.

— Que diz a Sra.?

— Como a Sra. ouve.

— Explique-se.

— Como se espera um verão muito calido, e a gente asseada augmenta nesta cidade como por encanto, ouvi dizer a todas as minhas amigas e conhecidas, que o sabonete *Barry*, unico sabonete puro, hygienico, perfumado, vae andar este verão *sobre as nuvens*. Eis a razão, porque ando ensaiando-me na aviação, para estar em condições taes que, quando o sabonete de *Barry* (sem o qual é-me impossivel passar) faltar na terra, possa com toda a commodidade ir buscal-o nas alturas.

---

## MOLESTIAS BRONCHO-PULMONARES

O PHOSPHO-THIOCOL Granulado de Giffoni é o melhor tonico reparador nas affecções dos bronchios e dos pulmões: elle actúa não só pelo **Gaiacol** como pelas **combinações sulphurosa** e **phospho-calcarea** que encerra e é muito efficaz na **fraqueza pulmonar**, nas **bronchites, bronchorrhéas, tosses rebeldes, tuberculose pulmonar** aguda e chronica, na **debilidade organica**, no **rachitismo**, nas **convalescenças** em geral e especialmente na **convalescença da influenza**, da **pneumonia, da coqueluche e do sarampo.**

Restaurador pulmonar de grande valor, o PHOSPHO-THIOCOL de **Giffoni** tonifica o organismo de modo a fazel-o resistir á invasão do bacillo de Kock e extermina este quando já ha contaminação Agradavel ao paladar, póde ser usado puro ou no leite, cujo sabor não altera.

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS

Encontra-se nas bôas pharmacias e drogarias desta cidade e dos Estados e no deposito:

**DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C.**

**RUA 1.º DE MARÇO, 17** — **RIO DE JANEIRO.**

---

**O Juglandino de Giffoni** é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças *poderoso depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

E' superior ao oleo de figado de bacalháo e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetalisado*, intimamente combinado ao *tannino da nogueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico*, medicamento eminentemente vitalisador, sob uma fórma agradavel e inteiramente assimilavel.

E' um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões, dahi a preferencia dada ao **Juglandino** pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **Vinho Iodo-tannico Glycero-Phosphatado.**

ENCONTRA-SE AMBOS NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CIDADE E DOS ESTADOS E NO DEPOSITO GERAL:

**Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ia**

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 17 — Rio de Janeiro

---

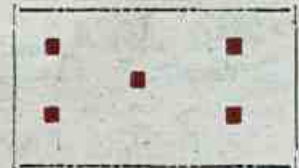
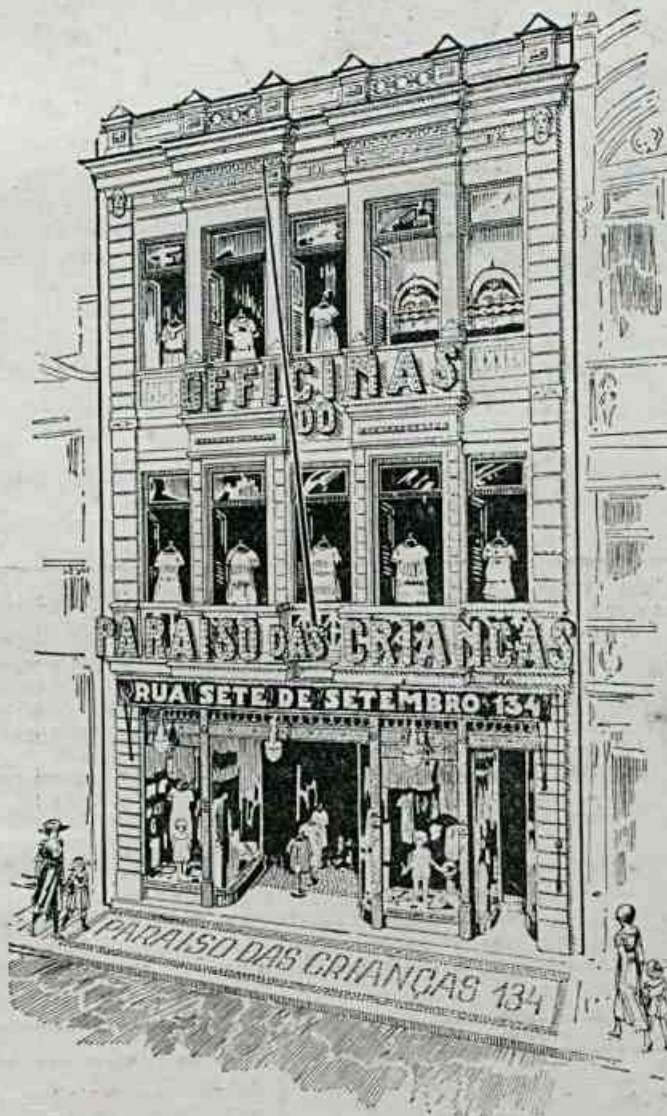
## TRES VERDADES SOLEMN S:

Para o corpo — SAUDE
Para a alma — SOCEGO
Para o cabello — PILOGENIO.

*Lembrem-se disso:*

A falta, a quéda, o enfraquecimento do cabello, as caspas, etc., só cedem com o poderoso tonico

**PILOGENIO**

*Encontra-se nas pharmacias e perfumarias.*

# O GATO E O RATO

Os meus amiguinhos que ainda não estudam francez, não sabem de certo quem foi La Fontaine.

Pois vamos lhes dizer. La Fontaine, cujo primeiro nome era João, nasceu numa cidade da França, chamada Chateau-Thierry, no anno de 1624 e morreu em Paris, em 1695. Seus paes queriam que elle fosse padre, mas não tendo para isso vocação, La Fontaine, sentindo grande aptidão para a literatura, retirou-se para Paris, onde se relacionou com Boileau e Moliére. Em 1669, La Fontaine publicou um romance chamado "Amores de Psyché e Cupido". Vendo La Fontaine, com repugnancia, os costumes do tempo, decidiu critical-os de uma fórma especial, emprestada aos escriptores antigos e compoz as "Fabulas". Desprezadas, a principio, porque iam ferir de perto potentados do tempo, tornaram-se depois apreciadas, apreciação que até hoje perdura.

Conhecido La Fontaine, vamos agora contar aos nossos amiguinhos a fabula do gato e do rato.

Vivia um gato em um palacio onde era tratado a vela de libra, como se diz entre nós.

Espojava-se pelos tapetes de pellucia, brincava com os bibelots de marfim, e, quando Deus queria, trepava numa cadeira de espaldar e dahi dava um pulo, até alcançar a bocca de um vaso da China, onde se encaracolava todo e ressomnava sem que ninguem o encommodasse.

Um dia que elle estava quasi a dormir sobre rica almofada de seda, num dos extremos da sala, elle vê surgir um ratinho.

O camondongo mettia a cabeça para fóra do buraco e quando dava com os brilhantes olhos do gato recuava horrorizado. Fez isso umas tantas vezes, até que o gato, cheio de bom humor, lhe disse:

— Não te faço mal, pódes vir até cá que eu não te como.

— Nessa não caio eu, disse o ratinho, tu és um velhaco de marca maior. Se me pilhas ahi papas-me na certa.

— Estás enganado; não vês que tenho aqui o que eu quero; que habito este palacio onde nada me falta?

— Mentes; falta-te tudo.

— Oh, vil animal! A ti é que tudo falta.

Nem casa tens; vives num buraco.

— Sim, vivo num buraco, mas é meu; tu, vives num palacio, de que o dono qualquer dia te póde pôr na rua.

E o gato, ouvindo a grande verdade, avançou para o ratinho; mas já era tarde. Elle tinha dado ás de Villa Diogo.

Cuidado na escolha de um bom limpametal!
Rex não é acido, por isso limpa sem estragar.
Nº 1
Rex
LIMPAMETAL
Rex
REI DOS LIMPAMETAES

# *Moça, olha "O Malho"!*

E realmente, a moça o olhou, comprou e leu, verificando ser «O Malho» o «leader» dos semanarios illustrados do Brasil, cheio de tradições gloriosas, que de semana em semana remoça na graça satyrica das suas «charges», na apresentação da mais completa reportagem photographica, nas diversas secções, commentando os casos da actualidade. Todos os sabbados "O Malho" offerece aos seus milhares de leitores os acontecimentos dos ultimos dias, em nitidos "clichés"; caricaturas de J. Carlos, Djalma e outros notaveis artistas; topicos sobre o momento politico, notas da semana, critica theatral, dados a respeito da avicultura e pecuaria; retratos graphologicos, charadas, xadrez, musica; a Caixa d'"O Malho", collaboração dos poetas novos, etc., etc., etc. Sempre na defesa das classes populares, a velha revista vive do povo para o povo!